

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO

MARIANE RAMOS SANTOS

**DA CAVERNA À CIRCULAÇÃO: OPERAÇÕES DE PRODUÇÃO DE SENTIDO EM
UM ACONTECIMENTO MUDIATIZADO**

São Leopoldo – RS

2021

MARIANE RAMOS SANTOS

**DA CAVERNA À CIRCULAÇÃO: OPERAÇÕES DE PRODUÇÃO DE SENTIDO EM
UM ACONTECIMENTO MIDIATIZADO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos.

Orientadora Prof^a. Dr^a. Ana Paula da Rosa

São Leopoldo – RS
2021

S237d

Santos, Mariane Ramos.

Da caverna à circulação: operações de produção de sentido em um acontecimento midiaticizado / Mariane Ramos Santos. – 2021.

138 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, 2021.

“Orientadora Prof^ª. Dr^ª. Ana Paula da Rosa.”

1. Mídia social.
2. Notícias internacionais - Tailândia.
3. Imprensa.
4. Narrativas. I. Título.

CDU 659.3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Bruna Sant'Anna – CRB 10/2360)

AGRADECIMENTOS

Ao longo desta pesquisa, compartilhei dos mais diversos sentimentos com muitas pessoas importantes.

Meu primeiro agradecimento é a Deus, por me dar forças nos momentos em que eu mais precisei e pedi, guiando-me com as suas bênçãos, sempre no caminho certo.

À minha orientadora Ana Paula da Rosa, que durante toda a construção desta pesquisa jamais me abandonou, tendo sempre muita paciência, carinho e atenção. Ana, você é uma das pessoas mais incríveis que eu já conheci e que tive o prazer de conviver. Foi uma honra ter você ao meu lado para dialogarmos e concluirmos esta etapa. Obrigada por todo o carinho e afeto durante esse período.

Aos meus pais, pelo apoio e amor incondicional de sempre. Obrigada por investirem na minha educação e acreditarem que eu seria capaz. Tudo o que sou é graças a vocês.

Ao meu namorado Jean, por todo o amor e compreensão, pelos finais de semana em que me acompanhou nos estudos, pela paciência, e por estar sempre ao meu lado, acreditando em mim.

Aos meus tios Gil e Maria, por todo acolhimento e amor, quando encontrava-me longe de casa.

Aos colegas e amigos que fiz durante esse processo, obrigada pelas trocas, ajudas e conselhos.

E um agradecimento especial a duas pessoas importantes na minha vida, que nos deixaram há pouco tempo e hoje não estão mais entre nós, mas que sempre torceram por mim: Tio Chico e Vô Gilberto, quanta saudade sinto de vocês!

*Quem constrói em Deus constrói sobre a rocha, porque Ele é sempre fiel, mesmo quando
faltamos com a fidelidade.
Papa Francisco*

RESUMO

A partir da problemática do acontecimento midiaticizado, busca-se compreender de que maneira as narrativas em circulação transformam o acontecimento dentro do processo da midiaticização, em especial o caso do time Javalis Selvagens, 12 adolescentes e seu treinador, que ficaram presos durante 18 dias na caverna Tham Luang, na Tailândia, em 2018. Antes de iniciarmos o processo de análise apoiamos-nos em alguns autores para definir e acionar conceitos como acontecimento jornalístico (CHARAUDEAU, 2006; RODRIGUES, 1993; QUERÉ, 2005), acontecimento e midiaticização (FRANÇA, 2012; FAUSTO NETO, 2010; HEPP, 2014; VERÓN, 2014; FERREIRA; ROSA 2011; GOMES, 2016). Após o levantamento de materiais, com vistas a investigar essa processualidade, observamos um pequeno circuito constituído em torno do caso, por meio dos observáveis – uma produção audiovisual (documentário), do jornalismo (reportagens) e de comentários dos atores sociais no Facebook e Youtube – e dos eixos, circulação midiática (VERÓN, 2004; BRAGA, 2012; FERREIRA, 2013; ROSA, 2019; FAUSTO NETO, 2010; SOSTER, 2017); narrativas em midiaticização (BARTHES, 2011; ROSA, 2016; GONÇALVES, 2014; SQUIRE, 2014; RESENDE, 2009; SOSTER, 2015), espaço-tempo (VERÓN, 2004; CARLÓN, 2020; RICOEUR, 1994), memória (RICOEUR, 2007; MARQUES, 2017; ROSA, 2012; GOMES, 2001) e imagens e imaginário (ROSA, 2017; KAMPER, 2018), foi possível analisar e identificar as narrativas midiaticizadas nos objetos, e como cada uma contribui para que um novo acontecimento apareça. A partir de inferências e articulações entre objeto empírico e teoria, pudemos identificar a transformação do acontecimento midiático em midiaticizado e suas remodelações ao longo da sua permanência na circulação. Ainda sinalizamos como resultados a complexificação dos sentidos das narrativas a partir do desenvolvimento de operações de midiaticização por diferentes agentes que coproduzem o acontecimento, ligando-o a outros precedentes e também aos que virão.

Palavras-chave: acontecimento; narrativas; midiaticização; circulação; Tailândia.

ABSTRACT

From the issue of the mediatized event, we seek to understand how the narratives in circulation transform the event within the mediatization process, in particular the case of the Javalis Selvagens team, 12 teenagers and their coach, who were imprisoned for 18 days in the Tham Luang cave, in Thailand, in 2018. Before starting the analysis process, we relied on some authors to define and trigger concepts such as journalistic event (CHARAUDEAU, 2006; RODRIGUES 1993; QUERÉ 2005), event and mediatization (FRANÇA, 2012; FAUSTO NETO, 2010; HEPP, 2014; VERÓN, 2014; FERREIRA; ROSA 2011; GOMES, 2016). After the survey of materials, with a view to investigating this process, we observed a small circuit built around the case, through the observables - an audiovisual production (documentary), journalism (reports) and comments from social actors on Facebook and Youtube - and of the axes, media circulation (VERÓN, 2004; BRAGA, 2012; FERREIRA, 2013; ROSA, 2019; FAUSTO NETO, 2010; SOSTER, 2017); narratives in mediatization (BARTHES, 2011; ROSA, 2016; GONÇALVES, 2014; SQUIRE, 2014; RESENDE, 2009; SOSTER, 2015), space time (VERÓN, 2004; CARLÓN, 2020; RICOEUR, 1994), memory (RICOEUR, 2007; MARQUES, 2017; ROSA, 2012; GOMES, 2001) and images and imagery (ROSA, 2017; KAMPER, 2018), it was possible to analyze and identify the narratives mediatized in the objects, and how each one contributes to a new event appearing. From inferences and articulations between empirical object and theory, we were able to identify the transformation of the media event into mediatized event and its remodeling throughout its permanence in circulation. We also signaled as results the complexification of the meanings of the narratives from the development of mediatization operations by different agents that co-produce the event, linking it to other precedents and also to those to come.

Keywords: event; narratives; mediatization; circulation; Thailand.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem do site Public Broadcasting Service	34
Figura 2 – Reportagem: “Resgate na Tailândia: ‘Achamos meninos pelo cheiro’”, afirma mergulhador britânico	36
Figura 3 – Infográficos presentes na reportagem “Resgate na Tailândia: ‘Achamos meninos pelo cheiro’”	37
Figura 4 – Vídeo presente na reportagem “Mineiro chileno envia mensagem de esperança para meninos presos em caverna na Tailândia”	38
Figura 5 – Reportagem: “Mineiro chileno envia mensagem de esperança para meninos presos em caverna na Tailândia”	38
Figura 6 – Reportagem do G1 “Jogadores de seleções da Copa enviam mensagens para meninos em caverna na Tailândia”	39
Figura 7 – Reportagem do G1 “Jogadores de seleções da Copa enviam mensagens para meninos em caverna na Tailândia”	40
Figura 8 – Diagrama desenvolvido durante a disciplina de Aportes Metodológicos	44
Figura 9 – Documentário postado no Youtube dia 19 de junho de 2019	75
Figura 10 – Início do documentário, onde o jornalismo narra o que está acontecendo	76
Figura 11 – Imagens dos jornalistas gravando no local do acontecimento	77
Figura 12 – Momento em que os jovens são encontrados, noticiado pelo jornalismo	77
Figura 13 – Vídeo mostrado no jornal, gravado pelo mergulhador, que marca o momento exato que os jovens foram encontrados	78
Figura 14 – Momento em que o jornalismo noticia que os jovens e seu treinador foram retirados com segurança da caverna	78
Figura 15 – Momentos do local do acontecimento	80
Figura 16 – Momentos do local do acontecimento	80
Figura 17 – Momentos do local do acontecimento	81
Figura 18 – Mergulhador e ex-fuzileiro que atuava voluntariamente na missão e acabou falecendo	81
Figura 19 – Imagem do noticiário informando sobre o acontecimento	82
Figura 20 – Imagem do noticiário informando sobre o acontecimento	82
Figura 21 – Imagem feita por mergulhadores e socorristas durante o acontecimento	83
Figura 22 – Imagem feita por mergulhadores e socorristas durante o acontecimento	83
Figura 23 – Imagem ilustrativa sobre o acontecimento	85

Figura 24 – Imagem ilustrativa sobre o acontecimento	85
Figura 25 – Informações sobre o documentário	87
Figura 26 – Informações sobre o documentário	87
Figura 27 – Principais comentários	88
Figura 28 – Principais comentários	88
Figura 29 – Principais comentários	89
Figura 30 – Trecho da matéria “Buscas por 12 crianças que sumiram em caverna da Tailândia entram no 7º dia”	97
Figura 31 – Foto e vídeo da matéria “Jovens e treinador perdidos em caverna na Tailândia são encontrados com vida”	98
Figura 32 – Trecho retirado da matéria “Jovens e treinador perdidos em caverna na Tailândia são encontrados com vida”	99
Figura 33 – Trecho da matéria “Mergulhador morre sem oxigênio em caverna na Tailândia onde meninos estão presos”	101
Figura 34 – Trecho da matéria “Mergulhador morre sem oxigênio em caverna na Tailândia onde meninos estão presos”	102
Figura 35 – Trecho da matéria “Mergulhador morre sem oxigênio em caverna na Tailândia onde meninos estão presos”	103
Figura 36 – Trecho da matéria “Doze meninos e técnico de futebol são retirados de caverna na Tailândia após três dias de resgate”	103
Figura 37 – Trecho da matéria “Doze meninos e técnico de futebol são retirados de caverna na Tailândia após três dias de resgate”	104
Figura 38 – Trecho da matéria “Saiba como foi feito o resgate dos meninos presos em caverna na Tailândia”	105
Figura 39 – Trecho da matéria “Os 'meninos da caverna' recordam um ano de sua aventura na Tailândia”	107
Figura 40 – Trecho da matéria “Caverna em que meninos tailandeses ficaram presos é reaberta”	107
Figura 41 – Trecho da matéria “Morre, militar que participou de resgate de meninos em caverna da Tailândia”	108
Figura 42 – Reações disponíveis nos posts do Facebook	109
Figura 43 – Comentário referente ao post 1	110
Figura 44 – Comentários referentes ao post 2	111
Figura 45 – Comentários referentes ao post 2	112

Figura 46 – Comentário referente ao post 3	113
Figura 47 – Primeiras imagens de quando os meninos foram encontrados	118
Figura 48 – Trabalhos de preparação para o resgate	119
Figura 49 – Um familiar mostra imagem dos meninos encontrados	120
Figura 50 – Jovens tailandeses reunidos no hospital com imagem do mergulhador que faleceu durante a operação de resgate	121
Figura 51 – Desenho de pesquisa atual	127

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Narrativas presentes em diferentes acontecimentos	59
Quadro 2 – Reportagem do Jornal O Globo: “Um ano após resgate, meninos da caverna na Tailândia vivem a fama sem abandonar origens”	67
Quadro 3 – Narrativas que estão presentes no documentário	79
Quadro 4 – Movimentos vinculados à midiatização	84
Quadro 5 – Formas e principais tipos de fontes	94
Quadro 6 – Formas e principais tipos de fontes	94
Quadro 7 – Narrativas que aparecem nos comentários do post 1	110
Quadro 8 – Narrativas que aparecem nos comentários do post 2	111
Quadro 9 – Narrativas que aparecem nos comentários do post 3	112

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	ESTADO DA ARTE	18
3	CONTEXTO DA PESQUISA: ARTICULAÇÕES ENTRE ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO E A MUDIATIZAÇÃO	22
3.1	ACONTECIMENTO E MUDIATIZAÇÃO	23
3.2	ENTRE O ACIDENTE E A TRAGÉDIA: CASOS EM (RE)OCORRÊNCIA	29
3.3	IMERSÃO NAS MATERIALIDADES RUMO À CONSTITUIÇÃO DE UM CASO	32
3.4	DO RECORTE DO CASO AO CAMPO DE OBSERVAÇÃO	40
4	DESENHO DE PESQUISA E INFERÊNCIAS INICIAIS	44
4.1	DO DESENHO DA PESQUISA AO PROBLEMA	46
5	PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA PESQUISA	48
5.1	CIRCULAÇÃO MUDIÁTICA	48
5.2	NARRATIVAS EM MUDIATIZAÇÃO	51
5.2.1	Espaço-tempo	62
5.2.2	Memória	64
5.3	O LUGAR DAS IMAGENS E AS CAMADAS IMAGINÁRIAS	68
6	PERCURSO METODOLÓGICO	71
6.1	TÁTICAS DE ABORDAGEM – CASO MUDIATIZADO	71
6.2	PROCEDIMENTOS E CRITÉRIOS DE ANÁLISE	73
7	ANÁLISES DOS OBSERVAVEIS	74
7.1	O DOCUMENTÁRIO	74
7.1.1	A narrativa do documentário: um objeto em expansão	75
7.1.2	Os atores agenciam circuitos na página do documentário	86
7.2	A NARRATIVA JORNALÍSTICA: OS FLUXOS 2018 A 2021	93
7.2.1	A prática jornalística de narrar o acontecimento	96
7.2.2	Os atores mobilizam circuitos para além do jornalismo	109
7.3	ANÁLISE TRANSVERSAL: O ACONTECIMENTO EM CIRCULAÇÃO	114
7.3.1	Imagens que duram: materiais e simbólicas	118
7.3.2	Acontecimentos dentro de acontecimentos – os fios da narrativa: a caverna e os outros acidentes/tragédias	122
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS: A COMPLEXIFICAÇÃO PESQUISA E A DESCOBERTA DA PESQUISADORA	126
	REFERÊNCIAS	131

1 INTRODUÇÃO

Quando falamos em tragédias e acidentes, podemos chegar a diversos tipos de análises relacionadas a estes acontecimentos, isto porque cada um de nós possui uma referência ou uma lembrança envolvendo ocorrências desta ordem. Tragédias ganham grande destaque nas mídias porque instauram uma descontinuidade da sociedade, fazendo com que um dia considerado normal, do nada se altere completamente. Tome-se como exemplo casos de guerras, atentados, desabamentos e desastres naturais.

Em 2016, penúltimo ano da Graduação de Jornalismo, aconteceu o trágico acidente com o avião da Associação Chapecoense de Futebol. Este acontecimento vitimou o time de futebol, pessoas envolvidas com a instituição e profissionais da imprensa, totalizando 71 mortos. O acidente comoveu o mundo; foram vários dias de coberturas nos meios de comunicação, com velórios coletivos transmitidos *on-line* e na TV aberta. As homenagens continuam até os dias de hoje em camisetas especiais, estampando referências sobre as vítimas, e também nos meios de comunicação, que relembram seguidamente do ocorrido.

Acompanhando os noticiários, *sites* e redes sociais, ficou nítida a grande comoção que acontecimentos como este geram na sociedade, desde os meios de comunicação, instituições, às famílias das vítimas, aos jornalistas e a todos os profissionais envolvidos na cobertura das ocorrências, incluindo a população em geral, que também se vê indiretamente afetada e mobilizada por essas situações.

Assim sendo, surgiu o interesse científico por esta abordagem em relação às tragédias, pelo modo como elas eram tratadas pelo jornalismo e pelos impactos e comoção que causavam na sociedade. Assim, foi decidido que, como trabalho final de conclusão do curso (2017) na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), em Ijuí, seria analisado de que forma foi realizada a cobertura do acidente com o avião da Chapecoense no *site* da GaúchaZH, englobando o estudo de narrativas e a escolha das fontes.

Passados quase um ano da conclusão da Graduação, foi submetida uma proposta de trabalho para a seleção do PPG da Unisinos, com o título “Midiatização de acontecimentos: uma análise dos discursos durante a cobertura do resgate dos meninos presos na caverna da Tailândia”, que buscava trazer a relação entre o acontecimento e a midiatização. Assim, ingressar no Mestrado proporcionou entender que trabalhar com a temática das tragédias vai além apenas das emoções e narrativas. Mediante definições trabalhadas na Midiatização e Processos Sociais, é possível desenvolver, enxergar e pesquisar por outros olhares. Foi então que o projeto começou a ganhar outras feições.

Gomes (2016, p. 187) afirma que “a mídia se apropria de conteúdos e trabalha-os por meio dos processos de significação e socioculturais. Esse movimento complexo se dá e acontece dentro dos contextos dos processos midiáticos”. É o que ocorreu com o caso trabalhado em nossa pesquisa. No dia 23 de junho de 2018, os adolescentes, integrantes do time de futebol Javalis Selvagens e seu treinador saíram para um passeio após o treino, com suas bicicletas, quando foram surpreendidos por fortes chuvas e buscaram abrigo na caverna Tham Luang, na Tailândia. O local começou a inundar e os jovens ficaram presos. Foram duas semanas dentro da caverna, desde o dia do desaparecimento até quando foram resgatados. Desta forma, acompanhando a produção do acontecimento, foi possível observar que, durante toda a cobertura midiática, o noticiário brasileiro e mundial focou em abordar diariamente o assunto, informando as novidades sobre o caso. Os *websites* publicavam, a todo o minuto, atualizações sobre o acidente. Do mesmo modo, pessoas de várias partes do mundo comentavam em suas redes sociais sobre o episódio. Assim, fica evidente em nosso objeto uma ampla apropriação midiática e social que desencadeia processos de significação diversos.

Nosso objetivo aqui é olhar para o acontecimento e sua circulação. Para isso, é importante nos voltarmos ao objeto de referência e suas especificidades, mas somente isso não é o suficiente. Precisamos articular conceitos e teorias trabalhadas durante o processo de pesquisa ao longo do Mestrado. Braga (2008) destaca que “mais do que ‘aplicar’ teorias e conceitos para apreender, categorizar ou ‘explicar’ completamente um objeto ou situação empírica, trata-se de ‘problematizar’ o caso em estudo a partir dos fundamentos adotados. Este é o tensionamento do objeto pela teoria” (p. 82). É exatamente este o esforço que empreendemos em nossa proposta de dissertação, isto é, olhar para as especificidades do acidente selecionado, tensionando-o pela teoria e produzindo descobertas.

Refletimos, então, sobre o porquê de as pessoas se disponibilizarem a acompanhar e a querer buscar informações sobre as tragédias e acontecimentos como este. Por que elas se comovem, se não é algo que as afeta diretamente? Assim, surgiram outras perguntas, como: O que, no acontecimento, faz com que tanto o jornalismo quanto as pessoas comuns se comovam? São as narrativas midiáticas que atribuem um novo sentido a estes acontecimentos, aparentemente, locais, ou é a especificidade do acontecimento em si? Fatos desse tipo fazem lembrar outras tragédias que já as precederam? Estas perguntas iniciais nos mobilizaram a voltar o olhar para os materiais publicados no período, com o propósito de elaborar o objeto empírico desta pesquisa. Para isso, foi preciso adotar um procedimento metodológico inicial. Conforme Braga (2008),

há sempre uma relação entre indícios e um ângulo das coisas, para o qual aqueles indícios serão “reveladores”. Mas não automaticamente: é preciso fazer articulações entre pistas; e fazer inferências. Dois níveis de percepção, então, são necessários. Perceber o próprio indício (ou seja: que um dado aparentemente irrelevante pode ser significativo); e desenvolver relações com uma proposição buscada: fazer inferências. Isso envolve distinguir entre indícios essenciais e acidentais (BRAGA, 2008, p. 79).

Assim, lançamo-nos a coletar e a observar indícios, tentando desnaturalizar o olhar. Para o autor supracitado, o paradigma indiciário “não é colher e descrever indícios – mas selecionar e organizar para fazer inferências. (...) o paradigma indiciário implica fazer proposições de ordem geral a partir dos dados singulares obtidos” (BRAGA, 2008 p. 6). Desta forma, o movimento de observação dos materiais aqui empreendido se dá com o intuito de ir atrás de indícios sobre os fenômenos que serão abordados nesta pesquisa, passando pelas questões abduativas, inferenciais e dedutivas. Braga (2008) destaca que

como os indícios são os elementos perceptíveis do caso a ser estudado, trata-se, logicamente, de fazer levantamento extensivo e detalhado dos traços que caracterizam o objeto. Entretanto, a proliferação de fatos, processos e detalhes torna evidente que uma tarefa que se pretendesse exaustivamente descritiva seria impossível. Não cessaríamos de acrescentar dados, dos mais óbvios aos mais insignificantes (BRAGA, 2008, p. 7).

A partir da escolha do tema, realizamos os movimentos importantes para o desenvolvimento da pesquisa. Primeiramente, observamos e mapeamos o caso, partindo do jornalismo para os desdobramentos. Iniciamos o processo de mapeamento em *sites* que noticiaram o acontecimento e, também, que possuem um número significativo de acessos, estendendo a observação para páginas do Facebook destes *sites*. Optei pelo G1, em razão da grande quantidade de informações e notícias que eram trazidas diariamente sobre o acontecimento, de modo a atualizar o leitor com novos fatos. Destaca-se que o G1 é um meio de referência no país em termos jornalísticos, pois congrega tanto reportagens e publicações veiculadas nos canais do grupo Globo como também permite a participação popular nos comentários.

Num segundo momento, passamos a realizar o mapeamento e, na busca por informações sobre o acontecimento e seus modos de circulação, acabamos encontrando uma reportagem que relatava o interesse de emissoras em produzir um documentário sobre o acidente. Na mesma época, a Netflix lançou, em sua plataforma, o documentário “Nova: Resgate na Tailândia”. Neste audiovisual, percebemos que outros detalhes estavam sendo trazidos à tona, mesmo transcorrido um ano do acontecimento, o que nos levou a novos indícios. Então, localizamos o documentário na Netflix, mas, por este ter sido retirado do ar

em 2020, o procuramos no Youtube, plataforma na qual está sendo desenvolvida de fato a nossa análise.

Num terceiro momento, partimos para a teoria, com a realização de pesquisas por autores que trabalhavam com os conceitos trazidos em nosso trabalho durante seu desenvolvimento, visto que foram demandados pelo próprio objeto. Após esse movimento, elaboramos a análise, por meio da qual observamos todo o material recolhido nas reportagens e comentários dos atores sociais no Facebook do G1 e no documentário e comentários dos atores sociais no Youtube em articulação/mobilização dos aportes teóricos. A partir disso foi possível articular as inferências, recorrendo ao método indiciário. Braga (2008) explica que

é do conjunto de indícios, a serem relacionados pela pesquisa, que se podem inferir lógicas, processos e estruturas que caracterizam o caso. Eventualmente alguns indícios podem parecer irrelevantes – e só adquirem valor indiciário por sua articulação com os demais (BRAGA, 2008, p. 81).

Por fim, partimos para as considerações finais e as transformações do nosso desenho de pesquisa. O trabalho foi construído, portanto, a partir da empiria e do tensionamento com os conceitos. Ainda sobre os indícios que buscamos em uma pesquisa, Braga afirma que

Para além dos processos de observação e levantamento de indícios, precisa-se, naturalmente, de fundamentos teóricos na base de um estudo de caso. Uma visão empiricista que pretendesse extrair conhecimento diretamente do material ou situação observada, «a olhos nus», não iria muito além de descrições superficiais, de senso comum ou em perspectivas idiossincráticas (BRAGA, 2008, p. 81).

Deste modo, desenvolvemos nesta dissertação um caso midiaticado para seguir os rastros da circulação, um procedimento metodológico que vem sendo elaborado e discutido no Grupo de Pesquisa Laboratório da Circulação, Imagem e Midiaticação (Lacim), levando à frente a proposição da autora Aline Weschenfelder (2019), para quem o caso midiaticado passa por dinâmicas mais complexas do que um caso midiático.

Na linha de pesquisa Midiaticação e Processos Sociais, da qual fazemos parte, o estudo de caso é trabalhado, frequentemente pelos pesquisadores, como uma estratégia metodológica que visa a entender em profundidade as especificidades de um objeto dinâmico. Becker (1993) define o estudo de caso como algo “adaptado da tradição médica, o estudo de caso tornou-se uma das principais modalidades de análise das ciências sociais” (1993, p. 117), e afirma que “o caso estudado em ciências sociais é tipicamente não o de um indivíduo, mas sim de uma organização ou comunidade” (1993, p. 117).

Isto posto, cabe destacar que não foi apenas o acontecimento com os Javalis Selvagens que fez com que o interesse pela temática das tragédias surgisse, mas também

outras, ocorridas em diversas partes do mundo, como a queda do avião com a Chapecoense, o rompimento das barragens de Brumadinho e Mariana e o próprio acidente ocorrido com os mineiros chilenos em 2010, semelhante ao dos Javalis Selvagens. Isso quer dizer que inferimos, inicialmente, a partir de nossos primeiros movimentos de método, que há relações entre o modo de circulação destes acontecimentos, posto que a narrativa emocional ganha um destaque central. Por fim, articulando reportagens do portal G1 e o documentário, foi iniciada a procura por novos elementos que nos ajudassem a compreender a problemática aqui exposta, e que os mesmos se articulassem com a temática das narrativas e dos acontecimentos midiáticos, como as tragédias em uma sociedade em midiatização. Desse modo, estabelecendo a construção do caso, nosso objetivo geral condiciona-se em compreender a circulação de sentidos, mobilizada por diferentes agentes na elaboração de acontecimentos que decorrem de tragédias e acidentes.

Como objetivos específicos definimos os seguintes pontos:

- a) A partir do processo da circulação midiática, identificar os circuitos de narrativas nos três eixos selecionados (a saber: o documentário, as reportagens e os comentários do Facebook do G1), que indiquem uma produção de sentido a partir do acontecimento e que estão presentes também em acontecimentos semelhantes ao dos jovens tailandeses.
- b) Identificar a relação entre tragédias e acidentes com as questões relacionadas aos imaginários produzidos em acontecimentos como estes e as cargas simbólicas que carregam.
- c) Verificar e entender as marcas da midiatização que estão presentes nas narrativas observadas a partir desse acontecimento midiático.

Assim, a partir da definição dos propósitos supracitados e das articulações realizadas durante a construção desta pesquisa, estabelecemos o problema de pesquisa organizado em duas questões-chave: a) Como a narrativa midiática dos acontecimentos trágicos se exaspera (se prolonga) em uma sociedade em midiatização, e que operações são desenvolvidas pelos coletivos em jogo? b) De que maneira diferentes narrativas em circulação ressignificam o acontecimento para além do tempo?

O documento desta pesquisa está organizado, portanto, em oito capítulos, alguns com subitens. O primeiro é a presente introdução. No segundo capítulo discutimos a pesquisa da pesquisa, ou seja, trabalhos relacionados com o mesmo acontecimento ou tema aqui proposto envolvendo os jovens tailandeses, e, ainda, outras pesquisas que trazem conceitos que aparecem também em nosso texto, mesmo que, algumas vezes, abordados diferentemente.

No terceiro capítulo, falamos sobre o contexto da pesquisa – as articulações entre o acontecimento jornalístico e a midiaticização, com base em diversos autores. Neste tópico, nos debruçamos também em estabelecer as diferenças entre tragédia e acidente. Iniciamos, ainda, a imersão nas materialidades rumo à constituição de um caso, onde apresentamos o nosso objeto de pesquisa e o recorte do caso e do campo de observação, com perspectivas de autores que diferenciam o caso midiático do caso midiaticizado.

Já no capítulo 4, esboçamos e explicamos o primeiro desenho da pesquisa, desenvolvido na disciplina de Aportes Metodológicos, ministrada pelo professor doutor Jairo Ferreira, e que constitui esforço central para a elaboração do objeto aqui investigado. A partir do desenho, finalizamos o capítulo com a construção do nosso problema de pesquisa, desenvolvido no item 4.1.

O quinto capítulo consiste na construção da perspectiva teórica, na qual aparecem os conceitos trabalhados nesta pesquisa, divididos em subitens – a circulação midiática e as narrativas em midiaticização. No aspecto das narrativas nos deteremos às questões do espaço-tempo e à relação da memória. Por fim, nesta discussão teórica trataremos sobre as imagens e as camadas imaginárias.

No capítulo 6, trazemos o nosso percurso metodológico, dividido nos subitens Táticas de abordagem – caso midiaticizado e Procedimentos e critérios de análise. No capítulo 7 iniciamos a análise dos observáveis, explicando onde nosso objeto se tensiona: primeiramente, expomos o acontecimento na perspectiva do documentário e dos comentários dos atores sociais no Youtube; depois, na perspectiva de algumas reportagens do G1, e, por fim, dos comentários dos atores sociais na página do Facebook do G1. A parte da análise ainda conta com a análise transversal, a partir de três focos – o acontecimento em circulação; imagens que duram e os acontecimentos dentro de acontecimentos.

Encerrando a estrutura desta pesquisa, no oitavo capítulo estão as considerações finais, onde nos dedicamos à complexificação da pesquisa e à descoberta da pesquisadora, e explanamos sobre os encaminhamentos futuros a partir dos apontamentos da banca final. As referências empregadas para a construção deste trabalho são listadas na parte final. Apresentado o mapa da pesquisa, convidamos o leitor a percorrer o percurso da caverna à circulação.

2 ESTADO DA ARTE

Iniciamos este trabalho pelo movimento de pesquisa da pesquisa, considerando-o como um primeiro movimento de método e de localização da abordagem no âmbito de outras investigações que tangenciam o enfoque aqui proposto. Desta forma, esta discussão sobre acontecimento e midiatização já rendeu muitas investigações e pesquisas sobre os temas que se articulam com nosso objeto: o acontecimento jornalístico e suas narrativas e a questão da midiatização, em especial da circulação. Para realizar a pesquisa da pesquisa, as buscas foram feitas no Portal de Periódicos da Capes e no Repositório de Teses e Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCC) da Unisinos e em revistas da área da Comunicação. Para localizá-los, utilizamos as palavras-chave “acontecimento”; “midiatização”; “narrativas”; “linguagem”; “memórias”; “circulação” e “tragédias”. A seguir, serão apresentados alguns trabalhos que tratam de fenômenos que dialogam com esta dissertação.

O artigo “Palavras que dão a volta ao mundo: a personalização das catástrofes na mídia”, escrito por Márcia Franz Amaral e Carlos Lozano Ascencio (2015-2016), analisa “o papel dos testemunhos no caso da cobertura de catástrofes, delinea algumas configurações narrativas mais comuns e sistematiza as especificidades que cercam a sua manifestação na mídia” (AMARAL; ASCENCIO, 2015-2016, p. 244), levantando questões que estão diretamente ligadas à nossa pesquisa. Os autores propõem-se a refletir sobre os acontecimentos, dentre os quais as catástrofes, e como estas tragédias recebem uma espécie de personalização ou uma construção de sujeitos, com vistas a causar mais aproximação com o público.

O trecho citado explica muito sobre estes tensionamentos:

a personalização de desastres a partir da cobertura jornalística tende a destacar os rostos, gestos, nomes próprios, expressões de dor, imagens de vítimas que dão um caráter humano e pessoal para todas as catástrofes e auxilia na compreensão do acontecimento. Entretanto, os testemunhos que tanto cristalizam a sensação da experiência bruta, da dor física e do sofrimento psicológico se transformam ao integrar uma narrativa midiática. Quando o testemunho de alguém de “came e osso” integra a narrativa midiática, ele passa a ocupar um outro lugar que ultrapassa o sofrimento individual. E isso não ocorre somente porque a narrativa midiática se aproveita automaticamente de forma antiética do sofrimento de alguém, embora isso também possa ocorrer (AMARAL; ASCENCIO, 2015-2016, p. 249).

Em outras palavras, o trabalho trata da exploração do sofrimento, mas, de uma forma especial de narrar que o jornalismo cria para se referir a grandes acontecimentos. Neste sentido, a

dissertação aqui proposta não se volta para a personalização em si, mas para o viés da circulação dessas narrativas, onde a questão da “humanização” e da exploração das emoções será relevante.

Podemos destacar, também, a tese de Doutorado desenvolvida por Demétrio Soster (2009) no PPGCC da Unisinos, intitulada “O jornalismo em novos territórios conceituais: internet, midiaticização e a reconfiguração dos sentidos midiáticos”, que “observa o que representam, ao jornalismo, estes novos territórios conceituais a partir de uma reflexão teórica do fenômeno da midiaticização e por meio de estudo empírico de dois acontecimentos” (SOSTER, 2009), que traz argumentações sobre as lógicas da mídia e as lógicas da midiaticização, as quais aparecerão frequentemente nas nossas análises.

Soster (2009) mostra, em sua análise, dois tipos de acontecimentos: o “escândalo da arbitragem” e o “acidente da Gol”, que “afetaram substancialmente não apenas o sistema midiático em suas mais diversas instâncias, mas seu entorno social” (2009, p. 102). O autor traz processualidades, mostrando como se constrói um acontecimento nas mídias, e afirma que “os meios não são apenas vetores por meio dos quais os acontecimentos se realizam, mas sim decorrência da existência destes”.

O autor buscou matérias de diversos portais e narrativas, explicando o fluxo do acontecimento e situando o leitor. Mesmo transcrevendo partes das narrativas para dentro do texto, o caminho que ele percorre na pesquisa é diferente do nosso. Soster (2009) opta por outro sentido – explorar os dispositivos do sistema midiático e o enquadramento da notícia –, no entanto, assim como em nossa pesquisa, utiliza o conceito de circulação para explicar os sentidos de circulação destes acontecimentos. Nosso foco é explorar, assim como Soster, o conceito de circulação, mas de uma forma diferente, onde as narrativas que envolvem um acontecimento sejam o processo central para explicá-los, pois entendemos que as narrativas dão a ver múltiplas defasagens e permitem reconstituir o processo de circulação a partir de seus rastros.

Seguindo, no mapeamento encontramos a dissertação de Thales Henrique Nunes Pimenta (2014), intitulada “Memórias midiaticizadas da tragédia escolar em Realengo e as suas marcas nas recordações individuais de moradores do bairro carioca”, que traz “problematizadas as memórias da tragédia escolar ocorrida em 2010 e as marcas de sua transformação no âmbito da recepção midiática por entre as recordações de moradores que, em distintas proporções, viveram os trabalhos de luto e memória relacionados ao episódio de violência” (PIMENTA, 2014).

Assim como os demais trabalhos, a dissertação de Pimenta (2014) nos faz refletir que nossa pesquisa também tem foco na memória das tragédias, e que aparecerá em nossa

dissertação não a partir da recepção midiática, mas dos processos de circulação que mantêm a narrativa do acontecimento em constante atualização.

Por fim, a partir da busca no Google acadêmico, com as palavras *Javalis selvagens* e Tailândia, encontramos um trabalho que falava sobre os jovens tailandeses, porém da área acadêmica do Direito. O artigo “Se todos os homens do mundo...” e o art. 3º da Constituição”, de Maria Garcia (2018), trata sobre os conceitos que igualmente aparecem em nossa pesquisa, como a solidariedade. Nesta dissertação, observamos este conceito muito presente, principalmente no documentário que mostra diversos quadros nos quais socorristas do mundo inteiro, de países diferentes, se unem em uma única causa, a de resgatar os jovens tailandeses. O trabalho supracitado traz este exemplo e as narrativas que envolvem o acontecimento, como no seguinte trecho:

(...) Os meninos ficaram isolados numa encosta rochosa a mais de 1.500 metros abaixo da superfície. Para tirá-los foi preciso atravessar longos trechos debaixo d’água de baixíssima temperatura, mantendo-os submersos por cerca de 40 minutos cada vez. Os garotos chegaram a ser sedados para evitar ataques de pânico. “O elemento mais importante do resgate foi a sorte”, disse o general C. Chaiyakham, do Exército tailandês, que cooperou com a operação. “Tantas coisas poderiam ter dado errado, mas conseguimos tirar os meninos. Não acredito que deu certo” (GARCIA, 2018, p. 634).

Mesmo sendo de outra área acadêmica, o trabalho busca focar nas narrativas para explicar e exemplificar aos leitores como a união e a solidariedade se tornam presentes neste tipo de acontecimento.

Buscamos, também, um trabalho de conclusão de curso (TCC) que fala sobre a tragédia na boate Kiss, ocorrida em Santa Maria (RS). A pesquisa intitulada “A tragédia da boate Kiss: os enquadramentos jornalísticos em Zero Hora, Folha de S. Paulo, La Nación e The New York Times”, de Vitória Faturi Londero (2016), assim como esta proposta de pesquisa, buscou subsídios de informações em importantes portais de notícias do mundo, e tratou sobre acontecimentos como as tragédias e desastres. Porém, a cobertura jornalística e seus enquadramentos, é o foco principal. O trabalho traz as narrativas das matérias, identificando o veículo, porém, com a proposta de classificar o enquadramento das narrativas. Para isso, recorre a uma interessante metodologia, que busca marcas da apuração e da composição do produto e aspectos da caracterização textual. Em nossa investigação, a narrativa ocupa um lugar importante, contudo, para além da questão da classificação do enquadramento, isto é, a metodologia que trabalharemos centra-se na abordagem dos circuitos constituídos a partir da tragédia dos meninos na caverna na Tailândia. Isto implica que a metodologia do TCC analisado pode ser importante pista para a construção de uma

mobilização que identifique não as marcas da cobertura jornalística em si, mas marcas e operações de midiaticização.

Com uma busca em inglês no Google Acadêmico, encontramos, ainda, outros trabalhos que tratam sobre o caso, mas com outra perspectiva. O primeiro é o “Inside the Cave: A Framing Analysis of the Tham Luang Cave Disaster Media Coverage”¹ (2018), dos autores Worapron W. Chanthapan, Ronald S. Davis, Pirawan Numdokmai e Piyapong Sutabutra, do curso Communication Arts, da Stamford International University, que analisa, mediante uma metodologia qualitativa, como a mídia cobriu o acontecimento com os jovens tailandeses, identificando as fontes mais usadas. Mostra, também, cinco quadros dominantes, que foram divididos entre: busca e resgate, suporte internacional, suporte moral, sobrevivência de Javalis e família e amigos.

O segundo trabalho é o artigo “Portrayal of Thailand by International News Media and Its Impact on International Audiences’ Travel Intention through Perceived Country Image: A Case Study of the Thai Cave Rescue”,² de Ratanasuda Punnahitanond (2018). Por meio de uma análise textual de 50 reportagens, selecionadas em 5 portais de notícias – CNN, BBC, Al Jazeera, News.com.au e Channel News Asia – entre 23 de junho e 20 de agosto de 2018, a autorabuscou identificar como a mídia tratou a imagem do país e como ela mudou depois do acontecimento, a partir da audiência obtida pelo episódio na caverna.

A Tailândia era retratada na mídia como um cenário de prostituição, HIV, etc., e foi a partir desse acontecimento que outras percepções sobre o país apareceram, e, além disso, evidenciadas em uma dimensão afetiva. De acordo com trecho presente no artigo referido, “o Método Comparativo Constante (Strauss & Corbin, 1990) revela que a Tailândia foi retratada pela mídia internacional como um país de desempenho eficiente, competências impressionantes, qualidades estéticas e pessoas com virtudes budistas e alto espírito” (PUNNAHITANOND, 2018, p. 89, tradução nossa)³.

Assim, entendemos que pesquisas realizadas anteriormente são importantes para a análise que será desenvolvida nesta dissertação e para os debates que surgirão ao longo de sua construção, visto que um trabalho só avança quando dialoga com seus pares.

¹ Disponível em: https://www.western.ac.th/westernnew/admin/uploaded/journal_human/files/43_10.pdf.

² Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Portrayal+of+Thailand+by+International+News+Media+and+Its+Impact+on+International+Audiences%E2%80%99+Travel+Intention+through+Perceived+Country+Image%3A+A+Case+Study+of+the+Thai+Cave+Rescue&btnG=

³ The Constant Comparative Method (Strauss & Corbin, 1990) reveals that Thailand was portrayed by international news media as a country of efficient performance, impressive competences, aesthetic qualities, and people with Buddhist virtues and high spirit (PUNNAHITANOND, 2018, p. 89).

3 CONTEXTO DA PESQUISA: ARTICULAÇÕES ENTRE ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO E A MUDIATIZAÇÃO

Podemos considerar acontecimento não somente aquilo que é de ordem pública; o que ocorre com uma pessoa no dia a dia também é considerado um acontecimento. Assim, podemos chamar de acontecimentos programados eventos como as Olimpíadas e as eleições, e de acontecimentos não programados as tragédias, catástrofes e os acidentes.

Deste modo, acontecimento é tudo aquilo que causa uma ruptura e que possui um poder de afetação. Entendemos que o fato precisa do jornalismo para se tornar um acontecimento midiático, e o jornalismo precisa do acontecimento para ter o que noticiar aos leitores. Charaudeau (2006) afirma que “para que o acontecimento exista é necessário nomeá-lo. O acontecimento não significa em si. O acontecimento só significa enquanto acontecimento em um discurso” (p. 131-132).

No discurso jornalístico, o acontecimento constitui o referente de que se fala, o efeito de realidade da cadeia dos signos, uma espécie de ponto zero da significação. Por isso, uma das regras da prática jornalística consiste em afirmar que a opinião é livre, mas que os fatos são soberanos. Adriano Duarte Rodrigues (1993) é um dos pesquisadores que tem se debruçado sobre o acontecimento e a distinção de fato. Para ele,

o acontecimento jornalístico é, por conseguinte, um acontecimento de natureza especial, distinguindo-se do número indeterminado dos acontecimentos possíveis em função de uma classificação ou de uma ordem ditada pela lei das probabilidades, sendo inversamente proporcional à probabilidade de ocorrência. Neste sentido, faz parte de um conjunto relativamente restrito que pertence a um universo muito vasto. (RODRIGUES, 1993, p. 27).

O autor ressalta, ainda, que “o que torna o discurso jornalístico fontes notáveis é o facto de ele próprio ser dispositivo de notabilidade do mundo” (RODRIGUES, 1993, p. 29). Isto é, o jornalismo transforma em discurso os fatos e, ao fazê-lo, atribui um valor de notabilidade ao mundo. Nesta atribuição de valor há o processo de construir o mundo, não apenas de narrá-lo. Neste momento, nos interessa perceber que nosso objeto de pesquisa se refere a um acontecimento, mas que está especialmente vinculado ao modo de narrar o mundo do jornalismo em uma sociedade midiaticizada, isto é, que também produz seus modos de narrar.

Queré (2005) é outro autor caro para esta pesquisa, pois discute acontecimentos que se diferenciam por seu poder de afetamento nos casos de coletividades. Para que isso ocorra, o acontecimento precisa, conforme o autor, ser situado na ordem dos sentidos. Além disso, o

acontecimento, que difere do fato, implica sempre em um mundo que é outro, ou seja, “o acontecimento introduz uma descontinuidade, só perceptível num fundo de continuidade” (QUERÉ, 2005, p. 61). Nesta pesquisa nos deparamos com esta tensão: um fato que irrompe na cotidianidade e que se torna, portanto, uma ruptura. Para o autor citado,

(...) o acontecimento tem um poder de esclarecimento e um “sentido discriminatório”: a sua observação permite descobrir o campo do qual ele faz parte, identificar a situação na qual ele se insere, referente a um problema submetido a pesquisa. Na sua singularidade, o acontecimento é mesmo o pivô da pesquisa sobre uma dada situação, porque representa o que é crítico, no sentido literal do termo: permite fazer diferenciações e distinções, estabelecer oposições e contrastes, gerar alternativas e escolher respostas apropriadas (QUERÉ, 2005, p. 71).

A partir disso, localizamos esta investigação no campo dos estudos sobre acontecimentos, no entanto, mais do que isso, de acontecimentos mediados. Neste sentido, Sodré (2014) enfatiza que

não é certamente a veiculação de acontecimentos por meios de comunicação (como se primeiro se desse o fato social e depois o midiático ou jornalístico). Mediação é o funcionamento articulado das tradicionais instituições sociais com a mídia. A mediação não nos diz o que é a comunicação e, no entanto, ela é o objeto por excelência de um pensamento da comunicação social na contemporaneidade, precisamente por sustentar a hipótese de uma mutação sociocultural centrada no funcionamento atual das tecnologias da comunicação (SODRÉ, 2014, p. 126).

Ante o exposto, tomamos como ponto de partida, nesta dissertação, que a mediação se vincula a mudanças socioculturais muito mais do que a um centralismo da mídia. Em nossa visão, pensar a comunicação e a narrativa jornalística, hoje, implica observar como são produzidas as fabulações sobre o mundo, incluindo aí as tensões e os embates por sentido, por poder e, claro, por visibilidade. Nessa direção, conforme destaca Fausto Neto (2018, p. 96), “a mediação institui um novo ‘feixe de relações’, engendradas em operações sobre as quais se desenvolvem novos processos de afetações entre as instituições e os atores sociais”.

Nosso objeto se inscreve, portanto, na articulação das pesquisas feitas sobre o acontecimento jornalístico e suas narrativas, somadas às discussões da mediação, em especial da circulação.

3.1. ACONTECIMENTO E MEDIATIZAÇÃO

Neste subcapítulo buscamos autores importantes para subsidiar as discussões sobre acontecimento e mediação, as quais serão desenvolvidas e mobilizadas em nosso capítulo analítico. França (2012, p. 39) aponta que “o acontecimento não se trata de um conceito novo [...] porém, que no terreno das ciências sociais e, particularmente no campo da comunicação,

a ênfase que vem recebendo é recente, porém significativa”. Para compreender este conceito, iniciamos com o pensamento de Queré (2005, p. 61), de que “quando um acontecimento se produziu, qualquer que tenha sido a sua importância, o mundo já não é o mesmo: as coisas mudaram”. Como veremos mais à frente, acontecimentos que se configuram na ordem das tragédias, como os acidentes e catástrofes, ganham grandes repercussões nos meios de comunicação. Nesse sentido, França (2012) classifica os acontecimentos em duas ordens: os naturais e os sociais. Ambos “podem ser espontâneos ou provocados, podem aparecer de forma súbita ou serem previstos e programados, mas, mesmo assim, constituírem um acontecimento” (FRANÇA, 2012, p. 47). Neste mesmo sentido, Queré (2005) observa que

porque o verdadeiro acontecimento não é unicamente da ordem que ocorre, do que se passa ou se produz, mas também do que acontece a alguém. Se ele acontece a alguém, isso quer dizer que é suportado por alguém. Feliz ou infelizmente. Quer dizer que ele afecta alguém, de uma maneira ou de outra, e que suscita reações e respostas mais ou menos apropriadas. Enfim, veremos que a principal ordem da compreensão do acontecimento está no próprio acontecimento (QUERÉ, 2005, p. 61).

Partimos da ideia de que se um acontecimento acontece com alguém, ele é apenas um fato, mas, para virar acontecimento, no sentido de algo grandioso, precisa da mídia e da audiência para, então, se tornar um acontecimento midiático. O acontecimento midiático, no entanto, que aqui nos interessa, vai além; envolve produção e recepção e suas condições de acesso, interpretação, não somente o que a mídia determina e expõe. Assim, França (2012), argumenta que

(...) não há por que convocar um conceito e querer tratar como acontecimento quaisquer eventos. Para isto, a concepção empirista (acontecimento igual a fato) é suficiente. Coisas se passam o tempo todo, lidamos com ocorrências de vários tipos, a mídia noticia, as pessoas comentam. Apenas algumas dessas ocorrências, no entanto, têm o potencial de efetiva interferência – e para essas devemos estar atentos; nós, pesquisadores; nós, comunicadores (p. 47).

Todo e qualquer acontecimento que faz com que saíamos do estado da “normalidade” que conhecemos, desperta o interesse das pessoas; portanto, além de nos despertarem sentimentos sobre “o momento agora”, os acontecimentos também nos proporcionam imaginar como poderá ser um futuro construído a partir do seu ocorrido. Sendo assim, têm o poder de nos fazer voltar ao passado, lembrando-nos outros acontecimentos semelhantes ou que os recordam. Queré (2005, p. 69) afirma que o acontecimento “reconfigura o mundo, o passado, presente e futuro”, o que é possível observar em nosso caso, pois, a partir de outras tragédias e acidentes, podemos trazer elementos que nos ajudam a analisar o nosso objeto.

França (2012, p. 49) destaca que “acontecimentos revelam o tecido vivo da vida social. Eles não apenas fazem falar; eles colocam questões, revelam aspectos, abrem possibilidades”. Assim,

[...] a ocorrência de um acontecimento representa um momento relevante no desenrolar da vida de uma sociedade, e potencialmente rico para nossas análises. Ele descortina níveis velados da vida social, aponta possibilidades, suscetibiliza, mobiliza, provoca reações e mudanças (FRANÇA, 2012, p. 49).

Quando acompanhamos acidentes e tragédias, ficamos consternados com determinado acontecimento. Durante horas e dias acompanhamos, nos noticiários mundiais, todo o seu desenrolar, pois passamos a tratá-lo como parte de nossa vida; mais do que isso, desenvolvemos uma relação de proximidade, mesmo quando tais acontecimentos ocorrem distantes de nós, isto porque há uma capacidade de inclusão e pertencimento que o modo de narrar o acontecimento propicia. Queré (2005) destaca que é possível

diferenciar os acontecimentos em função do seu poder de afectar os seres e de impregnar as situações de qualidades difusas que as individualizam. A morte de um parente ou de um amigo próximo é um acontecimento que afecta uma família ou uma rede de amigos, enquanto o 11 de setembro, em Nova Iorque, afectou, segundo modalidades diferentes, não somente as vítimas directas do atentado terrorista e suas famílias, mas também uma colectividade nacional, e mais genericamente, uma grande parte do mundo (p. 59).

Ou seja, como bem lembra o autor,

(...) o acontecimento não causa nada, no sentido estrito do termo. Aquele a quem o acontecimento acontece parecerá afligido, desolado ou, pelo contrário, radiante, alegre, etc. Não se tratará de sentimentos provocados pelo acontecimento? Sem dúvida que sim. Mas trata-se também, trata-se sobretudo, de qualidades que, em virtude do acontecimento, impregnam as situações que o envolvem, afectam e modificam os seus elementos constitutivos assim como as relações entre eles, penetram e coloram tudo o que está implicado na experiência (QUERÉ, 2005, p. 68).

Conforme ganham espaço nos meios de comunicação, os acontecimentos midiáticos são sempre atualizados em uma velocidade muito rápida nos portais de notícias, rádios e televisão, mas, se espalham muito rápido, principalmente na internet. Queré (2005, p. 73) afirma que “apresentados como correspondendo às ‘últimas notícias’, os acontecimentos são em regra, ou quase, desprovidos de novidade porque, para além de terem sido repetidos ao longo do dia pelos diferentes media, o seu carácter de descontinuidade foi erradicado”. Quando passamos o dia expostos a atividades na internet, é muito difícil não ver uma notícia sobre um novo acontecimento. Para além, a prática jornalística está em um contexto de midiaticização. Já não temos como separar as temporalidades, pois o que ocorre é imediatamente colocado nas redes, e isso faz com que a temporalidade do jornalismo se

remodele. Assim, estamos expostos. Se antes tínhamos que esperar um dia para vermos a notícia, hoje já estamos produzindo no local e postando nas redes, ou buscando informações nas agências de notícias, blogs, entre outros. Como observa Soster (2017),

vale lembrar que, até há bem pouco tempo, quando da sociedade dos meios, os dispositivos que compunham o sistema midiático – rádios, televisões, jornais etc. – eram os grandes artífices, do ponto de vista axiomático (...). À medida que a sociedade se complexifica pela processualidade da mediação – e a internet ocupa um lugar central nesta discussão, as condições de acesso, no diálogo com Verón (2013), mudam substancialmente, reconfigurando toda uma ecologia comunicacional (p. 304).

Esta ecologia comunicacional de que fala o autor é modificada não apenas pela presença dos meios, mas por lógicas de mediação que interferem nas relações entre produção e reconhecimento e na própria percepção do que é o acontecimento. Neste sentido, é improvável pensar que o jornalismo não irá falar sobre um acontecimento que desestabilizou a sociedade ou que é mobilizado por ela, isto é, há um sistema de contatos que se estabelece onde o acontecimento passa a ser elaborado por diversos sujeitos. Para explicar esse fenômeno, Soster (2015) define o termo “sistema de irritação” a partir do olhar de Luhmann, como

a informação produzida pelo viés da irritação, uma vez no sistema, passa por um processo de redução de complexidade, cujo objetivo é tornar possíveis as operações no interior do sistema. É o que ocorre, por exemplo, quando um acontecimento, à revelia de sua natureza, desperta a atenção do sistema jornalístico, que é formado, em termos de dispositivos, por jornais, revistas, sites, blogs, televisões, rádios e, mais recentemente, livros. Amalgamados em rede, por meio da web, operam como nós e conexões da mesma e dão forma ao sistema como um todo. Este acontecimento – um ônibus que cai de uma ponte, por exemplo, pelos motivos os mais diversos – será introduzido no interior do sistema por um dos nós ou conexões dos mesmos (dispositivos) e será transformado em notícia (ou qualquer outro formato de texto, dentre as categorias e gêneros conhecidos). “Transformá-lo” em relato jornalístico implica, sobretudo, em torná-lo compreensível, linear, de tal maneira que não resultem dúvidas a respeito dele, quando então será veiculado (SOSTER, 2015, p. 26).

Muitas vezes os próprios usuários destas mídias pautam o jornalismo, por exemplo, quando um assunto começa a ser muito comentado e debatido nas redes sociais, o jornalismo sente a necessidade de trazê-lo para seu ambiente e torná-lo noticiável em razão da grande repercussão que está causando, debatendo com estes receptores por meio de suas ferramentas. Desta forma, Soster (2015) conclui que

ocorre que, antes mesmo de ser “devolvido” ao ambiente, o acontecimento em questão já “irrita” o sistema jornalístico, por meio de dispositivos como sites, blogs, emissões de rádio, tevê etc. Quando isso ocorre, o movimento que se verificou no dispositivo jornal tende a ocorrer em todo o sistema, transformando, em um primeiro momento, o próprio sistema, de tal forma que, ao observador externo, o acontecimento passa a existir principalmente como um algo antes próprio do sistema que no mundo se realizando. É dizer, em outras palavras, que o acidente em questão

passará a existir principalmente a partir de uma lógica midiática (SOSTER, 2015, p. 26).

Mais que uma lógica midiática, aqui nos interessa a lógica da mediação, e, para falar sobre isso, acionamos diferentes autores. Fausto Neto (2010) nos traz importantes referências para compreendermos melhor os estudos em mediação e a diferença entre sociedade dos meios e sociedade em vias de mediação:

na “sociedade dos meios”, os estudos sobre a recepção mostram que o receptor faz tantas coisas outras, distintas daquelas que são estimadas pelos produtores. Na “sociedade em vias de mediação” o receptor é re-situado em outros papéis na própria arquitetura comunicacional emergente (FAUSTO NETO, 2010, p. 6).

Já para Hepp (2014, p. 51), a mediação pode ser definida “como o conceito usado para analisar a inter-relação (de longo prazo) entre a mudança da mídia e da comunicação por um lado, e a mudança da cultura e da sociedade, por outro, de uma maneira crítica”. Em perspectiva semelhante, de longo prazo, Verón (2014) afirma que

a mediação certamente não é um processo universal que caracteriza todas as sociedades humanas, do passado e do presente, mas é, mesmo assim, um resultado operacional de uma dimensão nuclear da nossa espécie biológica, mais precisamente, sua capacidade de semiose. Essa capacidade foi progressivamente atuada, por diversas razões, em uma variedade de contextos históricos e tem, portanto, tomado diferentes formas (p. 14).

A partir deste cenário, entendemos que a sociedade está sempre evoluindo. Braga (2012, p. 34) ressalta que “ao mesmo tempo em que a questão comunicacional se torna presente e fundante para a sociedade, os processos sociais se mediatizam – no sentido de que tomam diretamente iniciativas mediatizadoras”. Desde os primórdios, o homem vem aprimorando a sua forma de viver em sociedade, buscando cada vez mais a funcionalidade e a facilidade. Na comunicação, vieram os jornais, as rádios e a televisão, e agora vivemos a era da internet, onde receptores têm mais acesso a este meio, sendo também produtores de conteúdo, isto é, também desenvolvem iniciativas de mediação. Sodré (2014) distingue estes atores sociais ativos dos antigos receptores passivos e assegura que

com a internet, entretanto, emerge outra lógica – e aqui está a diferença significativa –, que desloca para o receptor grande parte do poder de pautar os acontecimentos. Na verdade, o novo *médium* transforma o antigo receptor passivo (assim como já também o antigo receptor ativo) em *usuário* ativo, ao pôr à sua disposição uma caixa de “ferramentas” editoriais, que inclui páginas, portais, correio eletrônico, listas de discussão (na terminologia corrente: blogs, *podcasts*, softwares sociais, *wikis* etc.), possibilitando a programação de conteúdos que, até agora, tem sido a transmissão audiovisual e conversas em tempo real por meio de canais específicos, além de mensagens instantâneas (p. 132).

Já Ferreira e Rosa (2011) ampliam este debate sobre o ator que é ativo e receptor ao mesmo tempo, e identificam duas novas “possibilidades de apropriação dos dispositivos para

a realização dos processos circulares de produção – consumo”. Conforme os autores, trata-se de um esquema complexo:

esquema 1: consumo produtivo: C-P-C. Nesse esquema, a recepção se transforma em produtora, mobilizando também dispositivos midiáticos. Isso pode ser observado de forma acelerada no final do século passado, em decorrência das transformações técnicas e tecnológicas da base informática. Porém a inserção dos indivíduos no processo de produção é central na mediatização. (...). Aqui, os usos e apropriações estão a serviço da ação extra-midiática, mas só se realiza através das mediações midiáticas. Esquema 2: produção consumidora: P-C-P. Nesse esquema, a produção se transforma em consumidora, apropriando-se de ofertas integradas a outros dispositivos, como parte importante da produção de seus dispositivos. Esse processo sempre existiu, no sentido da relação (mediações) dos meios (dispositivos/instituições com a cultura. A inflexão é o momento em que a produção para a produção subjacente a este esquema passa a ser referência no processo de circulação. Aqui, os usos e apropriações estão a serviço da ação midiática (FERREIRA; ROSA, 2011, p. 21-22).

Após essa identificação, os autores explicam que

Os processos midiáticos somam, portanto, diversas circulações – emissão-recepção, emissão-recepção-emissão e recepções-emissão-recepção-transformadas pela mediatização das instituições. Todos, emissores e receptores, estão inclusos no processo de produção. Daí, a proposição de consumo produtivo e produção consumidora (FERREIRA; ROSA, 2011, p. 22).

O que fica evidente é que na sociedade em mediatização as interações são fortemente presentes. Em nosso trabalho, podemos observar essas interações quando observamos a circulação. Na sociedade em mediatização, em especial em razão dos processos digitais, as produções de sentido (e por que não de acontecimentos?) não se limitam apenas por parte das instituições, mas passam também, significativamente, pelos sujeitos que interagem com estas instituições e geram suas próprias pautas. Nessa perspectiva, Braga (2012, p. 35) afirma que “com a mediatização crescente dos processos sociais em geral, o que ocorre agora é a constatação de uma aceleração e diversificação de modos pelos quais a sociedade interage com a sociedade”.

A diversificação e a aceleração dos modos pelos quais a sociedade interage demonstra aquilo que Gomes (2016, p. 188) já apontava: “a sociedade é em mediatização. O ser humano é em mediatização. Isso, hoje, se sublinha, configura um novo modo de ser e viver em sociedade. Esse é o substrato cultural no qual se movem os diversos grupos sociais no mundo”. Vamos trabalhar, portanto, nesta pesquisa, o processo de circulação, mais especificamente no capítulo 5, que só se faz possível dentro desta ambiência da mediatização, uma vez que envolve *feedbacks* complexos e relações intensas para a produção de sentido social.

No próximo tópico, nossa fala será sobre diferentes casos/acontecimentos, como tragédias e acidentes, que foram anteriormente inseridos na circulação midiática. O foco está em identificar suas características e relembrar acontecimentos anteriores que podem oferecer caminhos para a compreensão do acontecimento desta dissertação.

3.2 ENTRE O ACIDENTE E A TRAGÉDIA: CASOS EM (RE)OCORRÊNCIA

No decorrer dos últimos anos presenciamos diferentes ocorrências configuradas como acidentes ou tragédias. Neste subcapítulo, buscamos relembrar alguns e identificar a diferença entre estes dois tipos de acontecimentos, isto porque o objeto de pesquisa desta dissertação é um acontecimento midiático que tem a dimensão de um acidente, mas com características narrativas e discursivas de uma tragédia.

Após a queda do voo 3054 da TAM, há 14 anos, na noite do dia 17 de julho de 2007, pouco se houve falar sobre o acontecimento na mídia. O avião decolou de Porto Alegre e, após derrapar durante o pouso no aeroporto de Congonhas, em São Paulo, atravessou a avenida e colidiu contra um depósito de carregamentos da empresa. A tragédia matou 199 pessoas. Durante muitos dias e até por anos acompanhamos na mídia o desespero das famílias, porém, depois de tanto tempo, já não se ouve falar muito sobre a tragédia, ela já não aparece com frequência nos noticiários. Durante nossas buscas, encontramos algumas reportagens e notícias recentes que trouxeram o acontecimento à tona novamente quando completou dez anos, em 2017. Nota-se, com isso, que o acontecimento é retomado a partir de uma data, um marco ou aquilo que PROSS (1989, p. 85) entende por sincronização social do calendário ou cooptação do calendário que agencia os sentidos em torno de datas e períodos específicos.

É importante destacar que a tragédia da TAM aconteceu em um período que ainda tínhamos pouco conhecimento e acesso aos recursos de digitalização e, portanto, as lógicas de midiática não apresentam o estágio de desenvolvimento atual. É um caso que se desenvolve fortemente nos meios.

Outra tragédia aérea brasileira que marcou a última década foi a ocorrida com a Associação Chapecoense de Futebol. No dia 29 de novembro de 2016, o avião que levava jogadores, comissão técnica e profissionais da imprensa para a final da Copa Sul-Americana acabou caindo antes de pousar no aeroporto José Maria Córdova, em Rionegro, perto de Medellín, na Colômbia. Apenas seis pessoas sobreviveram, e o acidente deixou 71 mortos, diversas famílias desamparadas e um sentimento de revolta.

Todo o ano, na data em que o acidente completa mais um ano, o acontecimento é lembrado fortemente, tanto na mídia e nas redes sociais, quanto pelo clube, seus torcedores e pessoas que acompanham futebol. Com fotos e vídeos mostrando como foi o acidente, o caso ainda não caiu em esquecimento. Entrevistas com os sobreviventes estão sempre aparecendo nos meios. Quando o clube caiu para a série B do campeonato brasileiro até a volta para a série A, em 2021 (sendo campeã da série B), a narrativa das dificuldades e a superação do clube sempre ressurgem, e neste ritmo o acidente completa cinco anos em 2021, com o acontecimento ainda reverberando e sendo pauta.

Relembramos também a tragédia de Mariana. No dia 5 de novembro de 2015, a barragem de Fundão da Samarco rompeu, despejando toneladas de lama de rejeito no distrito de Bento Rodrigues, em Mariana, Minas Gerais. A tragédia destruiu casas e matou 19 pessoas, o que, comparado com as outras, é um número muito baixo, porém, os danos ambientais foram graves: a lama devastou o Rio Doce e atingiu o oceano no Estado do Espírito Santo; além disso, o rompimento prejudicou muitas famílias.

E, por fim, a tragédia mais recente, que também é considerado um desastre ambiental pelo estrago causado ao meio ambiente, que é o rompimento da barragem da mina Córrego do Feijão, da empresa Vale, localizada em Brumadinho, Minas Gerais. Em 25 de janeiro de 2019, a avalanche de lama atingiu a parte administrativa da empresa, incluindo o refeitório e a comunidade da região da Vila Ferteco. Havia cerca de 430 trabalhadores da Vale no local.

O ocorrido matou 270 pessoas. Além disso, o rompimento da barragem desencadeou vários problemas ambientais, como a poluição do solo, posto que a lama destruiu grande parte da vegetação local, a morte de diversas espécies de animais e, em relação aos recursos hídricos da região, tornou a água imprópria para consumo, uma vez que os rejeitos da mineração atingiram o rio Paraopeba. Dois anos após o acidente, ainda permanecem desaparecidos os corpos de 11 pessoas, e o grupo de buscas ainda tenta encontrá-los. De todos os exemplos que trouxemos, este é o mais frequente e também o que mais aparece na mídia, justamente por ser o mais recente.

Sobre as tragédias Chapecoense, Brumadinho e Mariana, percebe-se a entrada do ator social e de instituições não midiáticas (o Clube, a Vale, grupo de moradores) em cena, o que remodela o processo de circulação de sentidos destes acontecimentos, que já não tem mais apenas a chancela jornalística. O caso dos jovens na caverna na Tailândia é semelhante, pois há muitas elaborações em torno do evento, ainda que no Brasil a centralidade midiática seja um marco.

Todos esses casos são lembrados na mídia, alguns com mais frequência do que outros, mas com o passar dos anos suas aparições diminuem, ficando mais restritos às datas-marco e ao processo de rememoração social. É importante salientar que os acontecimentos aqui retomados, quando completam mais um ano do ocorrido, aparecem na mídia como uma espécie de “aniversário”. Já o nosso caso em análise, Javalis Selvagens, não é retomado com tanta frequência assim. Encontramos poucas matérias em 2020 e 2021, que versavam apenas sobre o lançamento de séries e filmes sobre a história dos jovens.

Podemos afirmar, portanto, que o acidente com os jovens tailandeses acabou enquanto acontecimento de interesse para a elaboração jornalística, mas não como imaginário, pois quando falamos sobre “as crianças que ficaram presas na caverna”, grande parte das pessoas lembra do episódio. Nosso caso, assim como os demais trazidos neste capítulo, nos remete a um imaginário que nos faz lembrar o seu desenrolar e suas configurações enquanto acontecimentos marcantes.

Nesse sentido, quando falamos em um acidente, relacionamos o ocorrido a uma fatalidade ou imprevisto. Assim como uma tragédia, o acidente é uma ruptura no cotidiano, algo que foge da rotina e do estado de normalidade do dia a dia. Ambos estão fora do controle da humanidade e, muitas vezes, poderiam ter sido evitados, mas, nem sempre um acidente é trágico, pois eles acontecem, e pessoas conseguem se salvar. Este é o nosso caso: um acidente que não se encerra com aspecto de tragédia, pois todas as crianças e o treinador saíram vivos da caverna, mesmo tendo ficado presos durante dias, isto é, o acidente poderia ter se tornado uma tragédia, mas acabou com um final positivo e redentor. Talvez, em alguma medida, este desfecho implique uma repetição menor na esfera dos meios tradicionais de comunicação.

Diferente dos acontecimentos como Mariana, Brumadinho, TAM e Chapecoense, que são tragédias, o nosso caso pode ser visto apenas como um acidente. Embora o acontecimento com os Javalis Selvagens tenha aspectos e lógicas de uma tragédia, conotação de uma tragédia, cobertura jornalística e circulação nas redes que caracteriza este tipo de acontecimento, o resultado fugiu do esperado. É importante lembrar que, mesmo com a morte do mergulhador, o fato de os jovens terem saído com vida da caverna foi o “final feliz” do acontecimento. Segundo Rocha (2017),

A reação de terror e de piedade, como bem se observou entre os tragediógrafos gregos, persiste hoje diante de acontecimentos inesperados. Trata-se de sentimentos que evidenciam a perda, que os homens mantêm em sua história, desde o princípio de sua existência, sentimentos que a floram de modo similar (ROCHA, 2017, p. 17).

Nesse sentido, questiona-se: Um acidente pode ser uma tragédia? A resposta é sim, dependendo do seu desfecho. Por exemplo, todos são “acidentes” com finais trágicos e com grandes números de mortos, como TAM, Chapecoense, Mariana. São “acidentes” que poderiam ter sido evitados, mas que, devido ao seu desenrolar e desfecho negativo, se caracterizam como tragédias, mobilizando sentimentos variados que são sempre reavivados.

Mendes e Oliveira (2019) trazem o modelo teórico do autor Landowski (2014) para falar sobre os quatro regimes de interação: *programação, manipulação, ajustamento e acidente*:

A programação trata-se da interação entre sujeito e as coisas do mundo. Refere-se à ideia de algoritmo de comportamento. É um regime de interação marcado pela regularidade, pelo determinismo e corresponde a um *fazer-advir*. Já o regime da manipulação é definido pela competência modal do sujeito. Modalmente, corresponde a um *fazer-querer*. É regido pelo princípio da intencionalidade e pela ideia de interferir no outro pela persuasão. O regime do ajustamento, por sua vez, é definido pela competência estésica, do sentir. Enquanto o regime da manipulação é marcado fortemente pelo aspecto cognitivo e pela lógica da junção, o ajustamento é pela lógica da união. Esse regime é o do *fazer-sentir*, governando pela sensibilidade. Por fim, o regime do acidente é governado pelo princípio da aleatoriedade e corresponde a um *fazer-sobrevir* (MENDES; OLIVEIRA, 2019, p. 5).

Poderíamos definir, portanto, que os “acidentes” que se tornaram tragédias por seus desfechos negativos poderiam ter sido evitados, mas que, por uma aleatoriedade, atitudes tomadas por alguma motivação ou mesmo por irresponsabilidades, acabaram por acontecer. Neste sentido, podemos chamá-los inclusive de tragédias anunciadas. Em nossa pesquisa, identificamos que a situação com os jovens na caverna não tem aspectos de programação ou de manipulação, mas as narrativas mobilizadas para elaborar o acontecimento midiático, que envolvem o sentir e, ao mesmo tempo, dão conta do regime de fazer-sobrevir.

3.3 IMERSÃO NAS MATERIALIDADES RUMO À CONSTITUIÇÃO DE UM CASO

Para melhor compreensão de nossa proposta de pesquisa nesta dissertação, faremos, a seguir, algumas considerações. Nosso objeto, que configura o acontecimento com os jovens tailandeses, se mantém na interface de dois sentidos: o da tragédia e o do acidente. É, portanto, um acontecimento midiático que se transforma durante o seu desenrolar. Por quê? Explicaremos.

Inicialmente, ele se propõe como uma tragédia, pois os jovens estavam desaparecidos há muitos dias e um dos mergulhadores faleceu durante a operação, ou seja, o fato possui, também, dimensões e mobilizações de uma tragédia, como as coberturas nos meios de

comunicação, mas, tem, no entanto, algo que o difere de uma tragédia tradicional, que é um desfecho positivo: todos os jovens saem salvos. Assim, esse acontecimento possui marcas acidentais, uma mudança de sentido que acaba por impulsionar diferentes sentidos e circuitos. Nosso caso midiático refere-se, então, ao acontecimento jornalístico que envolve um grupo de meninos presos em uma caverna na Tailândia, no ano de 2018, como supramencionado.

Em junho de 2018, 12 jovens tailandeses, entre 11 e 16 anos, e seu treinador, de 25 anos, decidiram realizar um passeio para comemorar o aniversário de um dos integrantes do time de futebol Javalis Selvagens. No caminho, foram surpreendidos por fortes chuvas e decidiram abrigar-se na caverna de Tham Luang, onde ficaram presos por 18 dias até serem resgatados. É importante destacar que, neste mesmo período, aconteciam os jogos da Copa do Mundo de 2018, e a mídia dividiu-se para cobrir os dois episódios relevantes: um acontecimento programado e outro não programado.

Na época da Copa, os jovens ainda não haviam sido resgatados, e o presidente da Fifa, Gianni Infantino, enviou um convite aos garotos para que fossem assistir à final do Mundial, que aconteceria no dia 15 de julho de 2018, em Moscou, na esperança de que os mesmos saíssem da caverna. Embora o resgate tenha sido realizado antes desta data, os jovens não puderam viajar por orientação médica. Destaca-se que o episódio reverberou para fora dos espaços jornalísticos, e os acontecimentos se interligaram durante a cobertura da mídia, mesmo a Copa do Mundo sendo um evento programado e o acidente um evento não programado, isto porque tragédias e acidentes fazem surtir atos de solidariedade que, muitas vezes, adquirem um valor social bastante amplo.

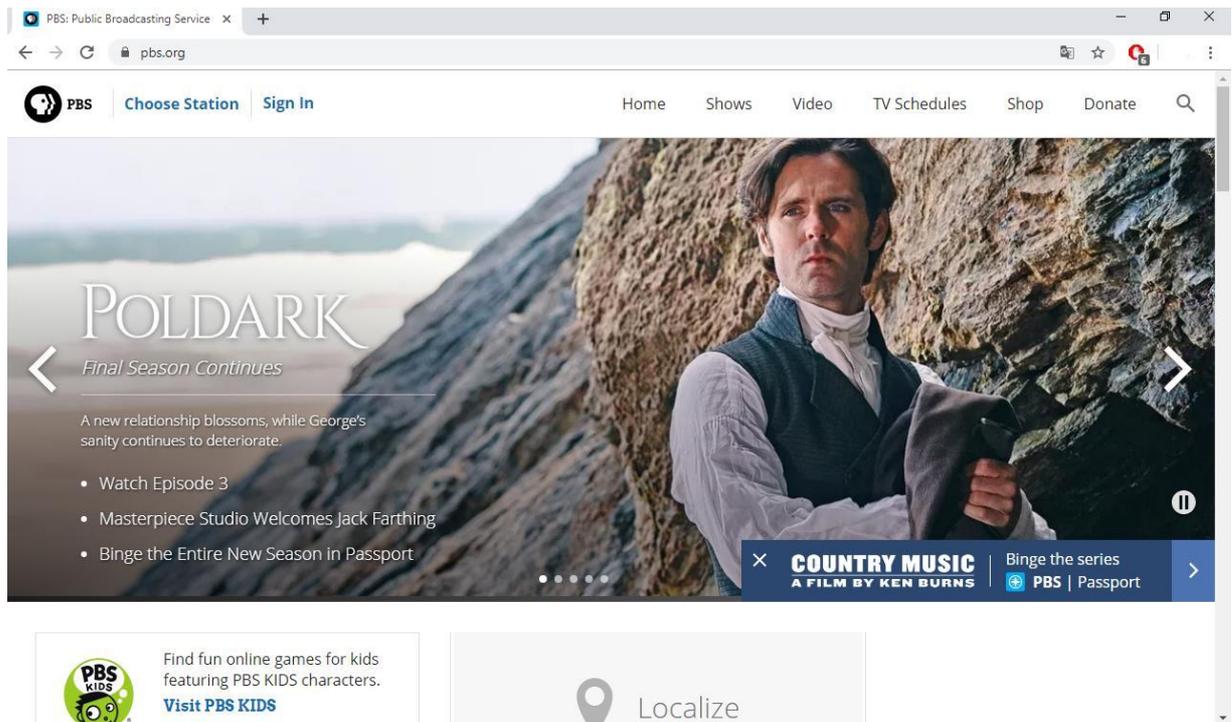
A partir desta breve descrição do episódio na Tailândia, passamos a realizar um movimento de configuração de nosso objeto empírico, e, para isso, se fez necessário retroceder no tempo, a fim de constituir um início de circuito que pudesse nos dar indícios. Assim, partimos da materialidade mais recente sobre o caso para chegarmos às primeiras publicações envolvendo o episódio de 2018. Consideramos como a materialidade mais recente, que atualiza a cobertura realizada *in loco*, o documentário **Thai Cave Rescue**,⁴ produzido pelo Nova,⁵ da Atlantic Productions Limited para WGBH Boston, que foi ao ar no

⁴ Todas as informações sobre a produção do documentário estão disponíveis em: <https://www.pbs.org/wgbh/nova/video/thai-cave-rescue/>.

⁵ O Nova (<https://www.pbs.org/show/nova/>) pertence à rede PBS (Public Broadcasting Service – <https://www.pbs.org/>), é uma série de televisão científica americana, transmitida pela PBS nos EUA e em mais de cem outros países. “A série ganhou muitos prêmios importantes de televisão e reproduz documentários relacionados às ciências, no mundo natural, na história e na pesquisa” (WIKIPÉDIA, 2019).

canal PBS⁶ (Public Broadcasting Service) ainda em novembro de 2018, e que, em 2019, chegou à Netflix,⁷ ou seja, num primeiro momento o documentário foi apresentado no canal PBS, e, depois, novamente posto em circulação pela Netflix, com notificação da própria organização sobre a estreia do audiovisual na plataforma.

Figura 1 – Imagem do site Public Broadcasting Service



Fonte: Imagem retirada do site Public Broadcasting Service, 2019.

Trata-se de um documentário em inglês que possui cinco opções de legenda: alemão, francês, inglês, italiano e português. Apresenta-se em forma de cronologia, contando dia após dia sobre o acontecimento, desde o desaparecimento até o resgate, noticiando as datas e informações mais importantes. Mesmo sendo em forma de cronologia, algumas situações não ficam claras, como a data exata em que aconteceram. Passamos para um breve relato do modo como os fatos são apresentados no documentário, trazendo, também, imagens presentes nele para melhor ilustrar.

Inicialmente, o narrador descreve a caverna como sendo um destino popular de aventureiros. Logo após, começa a descrição dos fatos em forma de cronologia. A viagem,

⁶ A PBS (Public Broadcasting Service – <https://www.pbs.org/>) “é uma rede de televisão americana de carácter educativo-cultural, sem publicidade, em contraponto às grandes redes comerciais que operam no país. A PBS é uma organização sem fins lucrativos, constituída por mais de 350 emissoras, como organizações comunitárias, universidades, escolas ou autoridades estaduais ou locais, que possuem as ditas licenças educativas” (WIKIPÉDIA, 2019).

⁷ Disponível em: <https://www.netflix.com/>.

realizada de bicicleta pelos meninos e pelo treinador no dia 23 de junho de 2018 (dia 1), foi para comemorar o aniversário de um dos jovens. Durante o passeio, uma tempestade atrapalhou a jornada, fazendo com que buscassem abrigo dentro da caverna.

No dia 26 de junho (dia 4), o mundo inteiro já estava acompanhando a história, e socorristas se encontravam no local para iniciar os trabalhos. No dia 27 de junho (dia 5), o time de socorristas ganhava reforços, com a chegada dos dois mergulhadores mais experientes do mundo, membros do Conselho Britânico de resgate em cavernas.

Neste mesmo dia o governo tailandês pediu ajuda ao exército dos Estados Unidos (paraquedistas da força aérea e aviadores de elite). No dia 2 de julho (dia 10), um dos mergulhadores fez um vídeo do momento em que encontrou os garotos, o qual viralizou, fazendo com que a boa notícia se espalhasse muito rápido pelo mundo.

Um dos dias mais dolorosos de todo o acontecimento foi a data de 6 de julho (dia 14), quando, perto da 1 hora da manhã, um dos mergulhadores experientes, fuzileiro aposentado e voluntário da missão, voltava do seu turno noturno de entrega de tanques de oxigênio e ficou inconsciente (não se sabe o porquê), falecendo tragicamente enquanto nadava de volta ao acampamento base.

No dia 7 de julho (dia 15), o ministro do interior aprovou um plano de resgate arriscado e, na manhã seguinte, o governador fez o anúncio à imprensa, chamando-o de “dia D”. Conforme relatado no documentário, o plano de resgate seria levar cada menino para fora da caverna acompanhado por um mergulhador. Um dos maiores problemas seria evitar que as crianças se desesperassem por medo enquanto passavam pelos trechos apertados e de água escura. Para tal, foram disponibilizadas máscaras que cobriam todo o rosto dos jovens, para que, assim, pudessem respirar com a boca e o nariz.

Após a retirada de cada um deles de dentro da caverna, os garotos foram sendo levados para o hospital, de ambulância ou helicóptero. Familiares comemoraram o resgate e o sucesso, após 18 dias de angústias e preocupações do mundo inteiro, que acompanhou o acidente.

Após uma breve análise exploratória do documentário, passamos a observar e comentar as reportagens encontradas no site G1⁸ sobre o assunto. Durante o mapeamento destas na aba de “busca”, foram encontradas cerca de 200 notícias relacionadas aos Javalis Selvagens.

⁸ Disponível em: <http://g1.globo.com/>.

Observamos uma diferença de como o acontecimento é narrado: o documentário oferece uma visão mais geral, e as reportagens são de caráter noticioso, buscando atualizar constantemente as informações, algo mais instantâneo. Também percebemos que no documentário é possível observar narrativas, detalhes e informações que não aparecem nas três reportagens separadas neste capítulo, e vice-versa, ou seja, o jornalismo lida com a elaboração do acontecimento; já o documentário, reorganiza e reelabora o próprio acontecimento, tendo em vista os tempos em jogo, o presente imediato e o passado. O exemplo da reportagem “Resgate na Tailândia: 'Achamos meninos pelo cheiro', afirma mergulhador britânico”,⁹ do dia 14 de julho de 2018 (Figura 2), nos mostra isto, pois, no documentário não consta essa informação.

Em um trecho da mesma reportagem, o profissional, além de revelar como as crianças foram encontradas, dá explicações de como eram realizados os procedimentos de buscas dentro da caverna: “Tem sido dito por muitos representantes da mídia que foi sorte. Eu digo que não foi esse o caso”, afirmou John Volanthen. Ele explicou que o procedimento de busca adotado foi nadar pelas passagens do complexo de cavernas e, onde houvesse um espaço com ar, os mergulhadores iam para a superfície para gritar e tentar sentir o cheiro. Foi esse o caso. “Sentimos o cheiro das crianças antes de vê-los ou de ouvi-los”.

Figura 2 – Reportagem: “Resgate na Tailândia: ‘Achamos meninos pelo cheiro’”, afirma mergulhador britânico



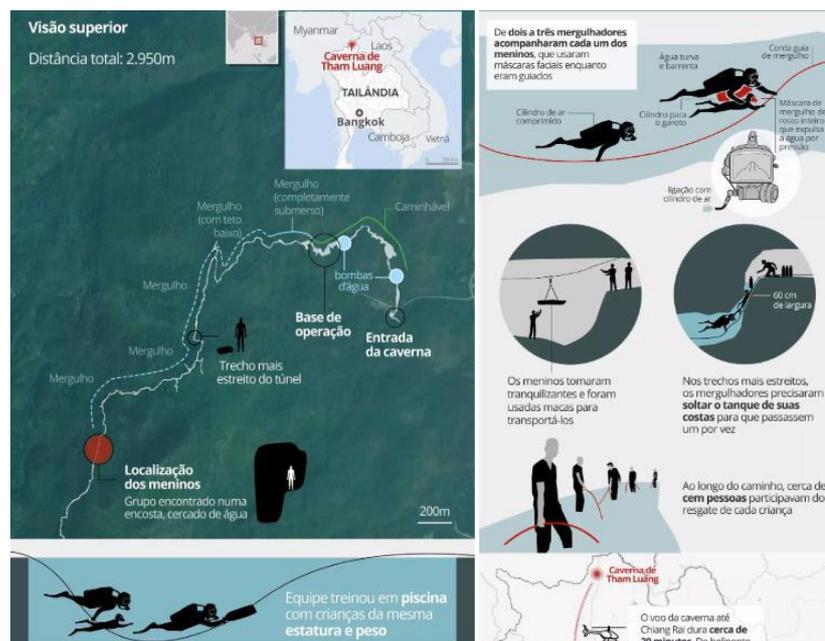
Fonte: Reportagem retirada do portal de notícias G1, 2018a.

É possível observar, também, que esta é uma matéria muito completa, que conta os detalhes do início do passeio e os momentos em que os jovens ficaram presos na caverna até

⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/resgate-na-tailandia-achamos-meninos-pelo-cheiro-a-firma-mergulhador-britanico.ghtml>.

terem sido encontrados, e contém infográficos, imagem e vídeo do acontecimento. “Um dos meninos pergunta para o mergulhador se eles vão ‘para o lado de fora’ do complexo de cavernas, chamado de Tham Luan Nang, e que costuma ficar inundado durante o período de chuvas, de setembro a outubro. ‘Não, hoje não. Tem que mergulhar (para sair da caverna)’ responde o profissional”. Esta última narrativa específica também não aparece no documentário.

Figura 3 – Infográficos presentes na reportagem “Resgate na Tailândia: ‘Achamos meninos pelo cheiro’”



Fonte: Reportagem retirada do portal de notícias G1, 2018a.

As demais reportagens seguem a mesma linha de detalhes específicos e com o caráter noticioso. A matéria “Mineiro chileno envia mensagem de esperança para meninos presos em caverna na Tailândia”,¹⁰ do dia 5 de julho de 2018 (Figura 4), mostra que um dos mineiros resgatados depois de 69 dias debaixo da terra em uma mina que desmoronou em 2010, busca consolar as famílias dos meninos e transmitir sua experiência aos jovens que passam por situação parecida. A reportagem traz vídeos e imagens. “Eu gostaria de enviar saudações e muita força às autoridades e às famílias dessas 12 crianças”, disse Mario Sepúlveda em vídeo publicado em sua conta no Twitter. (...) “Estamos rezando por cada um de vocês, por cada uma das famílias e por essas crianças”.

¹⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/mineiro-chileno-envia-mensagem-de-esperanca-para-meninos-presos-em-caverna-na-tailandia.ghtml>.

Figura 4 – Vídeo presente na reportagem “Mineiro chileno envia mensagem de esperança para meninos presos em caverna na Tailândia”

Mineiro chileno envia mensagem de esperança para meninos presos em caverna na Tailândia

Doze meninos e seu técnico de futebol estão em caverna desde o dia 23. Equipes de resgate trabalham para retirá-los em segurança.



Por Reuters

05/07/2018 11h52 - Atualizado há um ano



Mineiro resgatado no Chile manda recado para crianças presas em caverna na Tailândia

Fonte: Reportagem retirada do portal de notícias G1, 2018b.

Figura 5 – Reportagem: “Mineiro chileno envia mensagem de esperança para meninos presos em caverna na Tailândia”

Fonte: Reportagem retirada do portal de notícias G1, 2018b.

Por sua vez, a reportagem “Jogadores de seleções da Copa enviam mensagens para meninos em caverna na Tailândia” ¹¹, do dia 5 de julho de 2018 (Figura 6), fala sobre o momento em que os meninos receberam mensagens de apoio de seleções que disputavam a Copa do Mundo que se realizava na mesma época em que ocorreu o acidente. A reportagem traz imagens, vídeos e infográficos sobre o acontecimento.

Figura 6 – Reportagem do G1 “Jogadores de seleções da Copa enviam mensagens para meninos em caverna na Tailândia”



Fonte: Reportagem retirada do portal de notícias G1, 2018c.

No vídeo filmado pelo mergulhador de quando os jovens foram encontrados, um deles usava a camiseta da seleção da Inglaterra. A matéria traz um trecho que diz: “*Segundo um integrante da marinha tailandesa que esteve com o grupo, os meninos também já perguntaram sobre resultados de jogos da Copa do Mundo*”. Nas mensagens os jogadores mandavam boas energias aos jovens. “*Estamos esperançosos e desejando que eles saiam sãos e salvos. Todos, seus amigos e familiares, todos os garotos aqui, todo o time da Inglaterra, todos nossos pensamentos estão com eles*”, disse o defensor inglês John Stones. (...) a seleção japonesa também expressou sua solidariedade aos meninos tailandeses e seu técnico, postando uma mensagem no Twitter que dizia, em japonês “*Não desistam! Fiquem firmes!*”, e em inglês “*Fiquem firmes! A família do futebol está com vocês!*”, acompanhada de um vídeo. (...) Outra mensagem veio do técnico do Liverpool. Jurgen Klopp gravou um vídeo usando o lema do clube inglês, “*you’ll never walk alone*” (você nunca caminhará sozinho), para afirmar que há otimismo de que o resgate irá acontecer em breve. “*Fiquem fortes e*

¹¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/jogadores-de-selecoes-da-copa-enviam-mensagens-para-meninos-em-caverna-na-tailandia.ghtml>.

estamos com vocês. Estamos acompanhando todas as notícias e esperando a cada segundo que vocês vejam a luz do dia novamente”.

Figura 7 – Reportagem do G1 “Jogadores de seleções da Copa enviam mensagens para meninos em caverna na Tailândia”



John Stones, da seleção inglesa de futebol, durante coletiva no centro de mídia de Repino, na Rússia, na quinta-feira (5) — Foto: Paul Ellis/AFP

“Estamos esperançosos e desejando que eles saiam sãos e salvos. Todos, seus amigos e familiares, todos os garotos aqui, todo o time da Inglaterra, todos nossos pensamentos estão com eles”, disse o defensor inglês John Stones.

Fonte: Reportagem retirada do portal de notícias G1, 2018c.

Reafirmamos que este tipo de informação detalhada não aparece no documentário disponível na Netflix, pois acredita-se que seu objetivo era mostrar uma visão mais “geral” sobre o acontecimento e com menos detalhes e informações “extras”.

Além do documentário e das matérias jornalísticas, algumas informações sobre o acontecimento estão postadas no Facebook do portal G1. Em pesquisa realizada no Facebook do G1, encontramos 38 matérias sobre o caso, das quais muitas possuem comentários e interações de atores sociais, que repercutem e colocam o acontecimento em fluxos para além dos previstos.

3.4 DO RECORTE DO CASO AO CAMPO DE OBSERVAÇÃO

A partir da imersão nas materialidades, realizada anteriormente, definimos, como campo de observação desta dissertação, o documentário de 2018, veiculado à época pela

Netflix e atualmente disponível no Youtube, e por um conjunto de reportagens produzidas pelo site do G1 de 2018 a 2020. Além disso, integra nosso *corpus* de análise os comentários de atores sociais nas matérias da página do Facebook do G1 e no próprio portal. Entendemos que o conjunto de reportagens, o documentário e os comentários constituem um macrocircuito que comporta microcircuitos, sendo que nosso foco está em olhar estas transformações narrativas no tempo.

A construção do caso se dá por meio da análise da elaboração/reelaboração do acontecimento com os Javalis Selvagens no documentário e nas reportagens, articulando o acontecimento midiático, aquele apresentado nos meios, e as operações de midiatização desenvolvidas tanto pelo jornalismo como por atores sociais e instituições. É feita a observação de como as narrativas são postas em circulação, revelando sentidos e imaginários, mobilizados como referência para acontecimentos como tragédias e acidentes, e por este motivo, consideramos que nossa dissertação se inscreve nos estudos que elaboram casos midiatizados.

A pesquisadora Aline Weschenfelder (2019) foi uma das primeiras a formular uma sistematização desse debate sobre caso midiatizado e caso midiático, a partir das interações com o professor Antônio Fausto Neto. Em seu capítulo “Caso Midiático X Caso Midiatizado”, a autora diferencia os casos, destacando que

o midiático, pode ser entendido como aquela situação na qual os meios têm uma centralidade na sua ocorrência, desde aspectos que envolvem as transações de agendas até sua submissão às normas de produção dos sistemas midiáticos, principalmente das gramáticas da noticiabilidade e de outras que compõem as condições de produção do funcionamento nas mídias, em circunstâncias em que exercem uma centralidade no processo de sentido na sociedade. Já o caso midiatizado passa por outras dinâmicas. Vimos que se trata de uma sociedade na qual todos os agentes, institucionais-midiáticos ou não, além de atores, manejam processos de produção e de circulação de mensagens, fato que se atesta a partir da potencialidade da internet para geração de dados e instauração de novos processos interacionais (WESCHENFELDER, 2019, p. 83).

A autora busca referências na teoria desenvolvida pelo pesquisador Mário Carlón (2017), e afirma que

(...) segundo o pesquisador, as origens de um caso podem ocorrer através das seguintes possibilidades:

a) ascendente: emana nas redes de telefonia e internet, é proveniente da midiatização e é conduzido para os meios de massa; b) descendente: oriunda do sistema dos meios massivos – nasce nos meios de massa e é conduzido para a midiatização; c) horizontal: diante das características anteriores se agrega uma manifestação horizontal, a intrasistêmica, que se organiza dentro dos próprios sistemas dos meios e da midiatização (WESCHENFELDER, 2019, p. 88).

Nesse sentido, Weschenfelder (2019) traz as argumentações de Carlón sobre a tipologia horizontal, que “inaugura uma classe relativa à circulação hipermediática que, além

dos trajetos citados acima, sucede em outras etapas” (WESCHENFELDER, 2019, p. 89), sendo elas:

ascendente/descendente: surge nas redes, chega aos meios massivos e **volta às redes**; descendente/ascendente: tem origem nos meios massivos, vai às redes e **ascende aos meios massivos** (o autor sugere, aqui, as narrativas transmidiáticas); descendente/horizontal: os conteúdos são provenientes dos meios massivos, mas comentários são gerados nas redes; ascendente/horizontal: os conteúdos são gerados e possuem destaque nas redes, não aparecem nos meios massivos (é uma categoria intrassistêmica).

Destacamos que, segundo Carlón (2017) e Weschenfelder (2019), o caso midiaticizado manifesta-se na circulação hipermediática. Assim, este trabalho trata de um caso midiaticizado e não somente midiático, porque perpassa a circulação narrativa das tragédias, em especial a dos Javalis Selvagens, que não se limita ao período temporal do acontecimento. Weschenfelder (2019) afirma que “a relação que se verifica entre caso midiático e midiaticizado, em nosso observável, decorre justamente dos movimentos ascendentes, descendentes e horizontais dos discursos que circulam em produção e recepção e se desdobram em diferentes fluxos” (p. 88). Buscamos analisar, portanto, um caso de circulação de narrativas sobre acontecimentos de características trágicas, sendo o observável o acontecimento com os Javalis Selvagens na Tailândia. Entendemos que nossa análise poderia ser aplicada em outras tragédias midiáticas que ocorrem no mundo, mas a escolha de restrição a um observável se deve ao fato da necessidade de uma observação aprofundada dos muitos materiais disponíveis sobre o tema. Em nossa ótica, no entanto, operações realizadas neste caso permitem refletir sobre lógicas que afetam outros acontecimentos semelhantes.

Assim como este caso, notícias de outros acidentes e tragédias espalham-se rapidamente por meio de *sites*, redes sociais, rádios e telejornais. Além de fazer com que a sociedade saia do estado de “normalidade”, as tragédias causam comoção e a intrigam. Os discursos dos envolvidos, que surgem no decorrer destes acontecimentos midiaticizados, nos narram o ocorrido, o que está passando durante a apuração dos fatos e o desenrolar, compondo, assim, o processo de midiaticização. Mais do que a notícia em si, episódios como este nos permitem pensar sobre processos comunicacionais que não se limitam ao fazer o jornalismo, pois passam pelas apropriações sociais e a própria produção de imagens e narrativas feitas pelos atores sociais.

Podemos dizer que o acontecimento midiático é preparado para mídia e dura o tempo de seu interesse, após esse período passa a ser esquecido. Já o midiaticizado, por outro lado, ganha singularidade pelas múltiplas inscrições, como por exemplo, a circulação e os comentários dos atores sociais. Destacamos, também, que o caso midiaticizado é aquele

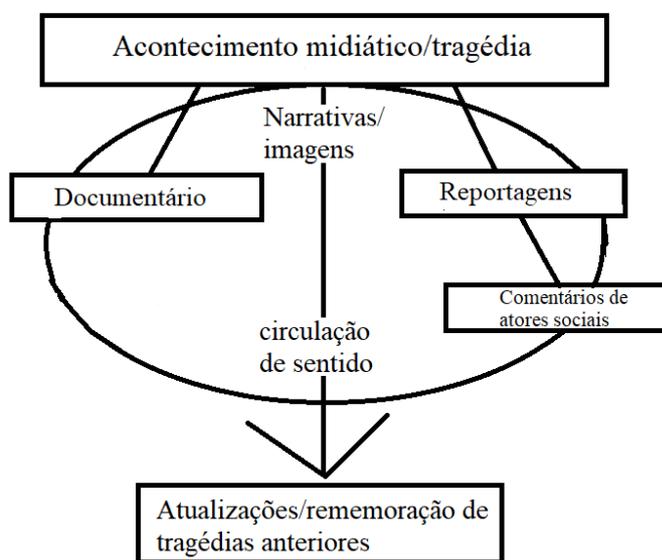
marcado pela circulação, pela tentativa de seguir o rastro desta, isto é, de retroagir no tempo em busca da compreensão dos conjuntos dos circuitos e dos sentidos que se elaboram socialmente. Assim, parte-se de um movimento de descrição de especificidades para inferências e, além disso, para a percepção das marcas e operações de sentido que nos permitem identificar lógicas de mediação.

Desta forma, conforme mapeamento inicial, a partir do documentário e das reportagens, concentramos os observáveis nas narrativas que estes fenômenos apresentam e na circulação dos discursos bem como os aspectos de imagens e infográficos explicativos, para compreendermos de que forma se sucedeu o acontecimento e como este se atualiza nos dias atuais. Para além dos observáveis citados no item anterior, incluímos os comentários de atores sociais, que serão analisados de forma qualitativa, a partir daqueles com mais relevância, mostrando como estes passam adiante suas opiniões e colocam o próprio acontecimento em fluxo.

4 DESENHO DE PESQUISA E INFERÊNCIAS INICIAIS

O diagrama, na forma de desenho, é um ponto de partida para explicar os caminhos percorridos nesta pesquisa. Acreditamos que este ângulo de entrada sofrerá alterações até o fechamento deste trabalho. A partir, portanto, das inferências, hipóteses e interfaces abordadas,¹² e em discussão com a orientação, desenvolvemos o diagrama apresentado na Figura 8.

Figura 8 – Diagrama desenvolvido durante a disciplina de Aportes Metodológicos



Fonte: A autora.

Conforme o desenho, é possível entender que o acontecimento midiático será observado em dois eixos: documentário e reportagens. Integra este último, também, os comentários de atores sociais no Facebook do G1, em reportagens relacionadas ao assunto. Em ambos serão analisadas as composições das narrativas e as imagens presentes nestes meios.

Entendemos que, por meio da circulação de sentido, a ser verificada em nossos três observáveis, o documentário aparece com a função de reviver o acontecimento, mantendo a ligação com a questão da memória e a sua recorrência. Já as reportagens, apresentam um sentido informacional, mas igualmente do instante do acontecimento, visando à repercussão deste. Por fim, os comentários que compõem o eixo das reportagens nos trazem as opiniões e

¹² Disciplina de Aportes Metodológicos, da Linha de Pesquisa 4 – Mídia e Processos Sociais –, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos, ministrada pelo professor doutor Jairo Ferreira.

inferências dos atores sociais que acompanham com frequência o acontecimento. Ferreira (2016) ressalta que “o lugar que ocupa a analogia, de relação entre o objeto do discurso e o diagrama construído sobre ele, vai localizar o raciocínio por analogia como parte da construção de hipóteses, num esforço de diferenciação entre o que são hipóteses e analogias” (p. 207).

Neste contexto, seguindo as lógicas do desenho exposto, entendemos que, por meio destes dois eixos, o acontecimento se mantém vivo e atualizado, servindo como pilar para a rememoração de tragédias anteriores e para futuros acontecimentos semelhantes a ele.

Como já citamos anteriormente, este acidente com os jovens Javalis Selvagens nos leva a relembrar de outros acontecimentos midiáticos que possuem aspectos parecidos com este. Conforme Silva (2002, p. 3), “Ricoeur afirma que: (...) a ‘rememoração’ [...] proporciona o sentimento da distância temporal; mas ela é a continuidade entre presente, passado recente, passado distante, que me permite remontar sem solução de continuidade do presente vivido até os acontecimentos mais recuados da minha infância”. Apresentamos, como exemplo, o caso dos mineiros chilenos, ocorrido em 2010, quando os trabalhadores ficaram soterrados a centenas de metros de profundidade na mina de San José, no Chile, após um desabamento. Por que um acontecimento nos leva a relembrar outro? Silva (2002) afirma que

(...) nos estudos de Maurice Halbwachs, a memória não é só um fenômeno de interiorização individual, ela é, também e sobretudo, uma construção social e um fenômeno coletivo. Sendo uma construção social, a memória é, em parte, modelada pela família e pelos grupos sociais. Vale dizer, a memória individual se estrutura e se insere na memória coletiva” (p. 3).

Assim como os jovens, os mineiros ficaram sem dar notícias durante dias. Quando uma sonda perfurou o chão e chegou até os trabalhadores, foi por intermédio de um bilhete que avisaram os profissionais de resgate que estavam vivos, sobrevivendo com água e comida que restou em uma sala de emergência na mina. Em um período muito maior do que o dos jovens – após 69 dias –, os mineiros foram resgatados. Foi uma operação de resgate difícil e, assim como no caso dos jovens, com a ajuda da tecnologia tudo terminou bem. Na época, o acidente com os mineiros também causou muita comoção em toda a sociedade, e o acontecimento midiático foi acompanhado em todo o mundo.

Podemos trazer, ainda, para comparação, outras tragédias midiáticas envolvendo crianças como o episódio da Tailândia. É o caso do menino sírio Aylan Kurdi, que morreu afogado após um naufrágio, quando sua família tentava chegar à Europa em 2015; ou também o caso da menina Omayra Sánchez, que ficou presa em escombros durante três dias após a erupção vulcânica na Colômbia, em 1985. Antes de morrer, Omayra conversou com jornalistas e deu

entrevistas que foram divulgadas na TV, enquanto profissionais procuravam formas para resgatá-la.

Por mais que nas duas tragédias supracitadas tenhamos a presença da morte como um elemento central no enredo desses acontecimentos, no caso dos jovens tailandeses isso somente ocorre quando o mergulhador falece, ou seja, há uma nova vítima do acontecimento. A conclusão com êxito do resgate, porém, faz com que neste acontecimento ocorra uma disputa de sentido. Assim, toda vez que acontecimentos semelhantes ocorrem, surgem resquícios de outros anteriores a eles. Por intermédio do jornalismo e das mídias, podemos encontrar com fácil acesso informações sobre outros acontecimentos. Nesse sentido, Henn (2006), afirma que

os dispositivos midiáticos formam hoje lugar privilegiado para os agenciamentos envolvendo a memória coletiva e, sobretudo, o enquadramento da memória. Constituindo-se em pólos de convergência das dinâmicas sociais, as mídias (sobretudo as de caráter jornalístico) armazenam informações que se convertem em fontes para historiografia, como também recuperam acontecimentos progressos podendo imprimir a eles novos enquadramentos (p. 179).

As fontes e testemunhos presentes nas narrativas e imagens existentes nas notícias são importantes aliados para acontecimentos desse tipo não caírem no esquecimento. Silva (2002) lembra, ainda, que, “(...) de fato, como demonstra Halbwachs, nossas lembranças se fortificam graças às narrativas coletivas que, por sua vez, se reforçam por meio das comemorações públicas de acontecimentos que marcaram a história coletiva” (p. 4).

Por isso, nossa dissertação centra-se no caso dos jovens tailandeses, mas buscando entender como se comportam acontecimentos midiáticos, como as tragédias e as narrativas postas em circulação. Ainda, segundo Silva (2002), é preciso pensar “o papel da linguagem como portadora da memória. É através de uma narrativa, de uma espécie de narração da memória que essa mediação linguística se processa” (p. 4).

4.1 DO DESENHO DA PESQUISA AO PROBLEMA

Conforme as articulações e indícios que foram surgindo no decorrer desta dissertação, podemos estabelecer um problema de pesquisa, buscando organizar nossos questionamentos por meio de duas perguntas articuladas:

- a) Como a narrativa midiática dos acontecimentos trágicos se exaspera (se prolonga) em uma sociedade em midiatização, e que operações são desenvolvidas pelos coletivos em jogo?

b) De que maneira diferentes narrativas em circulação ressignificam o acontecimento para além do tempo?

A resposta a estas questões, dentre outras, reforçadas aqui, é o que buscamos descobrir durante o percurso desta dissertação de Mestrado.

5 PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA PESQUISA

A partir deste momento, são tratados os principais conceitos que serão mobilizados nesta pesquisa a partir das demandas do objeto e utilizados para o desenvolvimento da análise. Para construir as bases teóricas e apoiar nossa construção do caso, recorreremos a diversos autores da Comunicação, dentre os quais os da Linha de Pesquisa Midiatização e Processos Sociais da Unisinos.

Durante o contexto da pesquisa sobre o acontecimento, alguns conceitos mostraram-se indispensáveis para dar continuidade à pesquisa, quais sejam: circulação midiática, narrativas em midiatização (que surgem durante a ocorrência), espaço-tempo (para tratarmos sobre o vazio/articulação entre as reportagens e o documentário), memória (no sentido de que este acontecimento relembra outros), e, por fim, as imagens e as camadas imaginárias (que também são formas de narrativas). Neste capítulo, embora teórico, são propostas aproximações com a empiria, no propósito de efetivamente mobilizar os conceitos para a reflexão de nosso objeto.

5.1 CIRCULAÇÃO MIDIÁTICA

Para compreender a circulação, é necessário observar os movimentos dos acontecimentos midiáticos; em nossa pesquisa, é tratado, especificamente, como o acontecimento é transformado em narrativa e posto para circular. Desenvolvemos a construção do caso com os jovens tailandeses no item 3 – *Contexto da pesquisa: articulações entre acontecimento jornalístico e a midiatização* – mapeando circuitos e desdobramentos do acontecimento nos meios. Neste sentido, Ferreira (2013) afirma que

estudar a circulação é produzir inferências possíveis (questões e proposições) sobre os valores (des)construídos socialmente a partir de usos e práticas relacionáveis às interações com os dispositivos midiáticos, adotando como referência preliminar o campo observacional constituído por materialidades difusas e distribuídas (p. 143).

Já Rosa (2019, p. 22) considera que “pensar a comunicação, hoje, talvez seja uma tarefa impossível se a circulação não for considerada como central e, provavelmente, ponto de partida e chegada para a compreensão dos fenômenos sociais que se revelam diante de nossos olhos”. Como argumentamos no capítulo 3, os meios de comunicação elaboram os acontecimentos com o intuito de abastecer seus portais de notícias, jornais impressos e redes sociais com conteúdo, mantendo, desta forma, os seus leitores

informados e seus acessos regulares. Observamos que esse movimento ocorre frequentemente com acontecimentos que envolvem tragédias e acidentes: o jornalismo traz uma atualização e o leitor busca uma novidade. A partir disso, na maioria das vezes, ocorre uma interação dos atores sociais com a mídia que informa, movimentando os meios e dando novos sentidos ao acontecimento. A circulação diz muito sobre a produção de sentido. Braga (2012), explica que

no período da ênfase nos meios, a circulação era vista meramente como a passagem de algo do emissor ao receptor. Uma preocupação central era a de verificar a consistência entre o ponto de partida e o ponto de chegada – o principal critério acionado era o da busca de correspondência e identidade entre emissão e recepção. Com a percepção de que os receptores são ativos, a circulação passa a ser vista como o espaço do reconhecimento e dos desvios produzidos pela apropriação (p. 38).

A ideia de circulação, portanto, vai para além do produto que circula; são condições de produção e de reconhecimento, que fazem com que os sentidos sejam postos em circulação. Para Verón (2004),

de fato, a circulação, no que diz respeito à análise dos discursos, só pode materializar-se sob a forma, justamente, da diferença entre a produção e os efeitos dos discursos. Em outras palavras, uma superfície discursiva é composta por marcas (V. Linguística, Análise). Tais marcas podem ser interpretadas ora como traços das operações de produção (V. Operação), ora como traços que definem o sistema de referências das leituras possíveis do discurso no reconhecimento. Melhor dizendo, não há traços da circulação: esta se define como a defasagem, num dado momento, entre as condições de produção do discurso e a leitura feita na recepção (p. 53).

Atualmente, com o crescimento das redes sociais, observa-se que os atores sociais, por meio de seus comentários, vão repassando e reelaborando o acontecimento. A partir disso, vão criando outros discursos, incluindo outras narrativas e reinscrevendo-as na circulação do acontecimento, produzindo novos sentidos e valores. No momento em que vão ganhando grande dimensão, “as intenções de origem perdem força, uma vez que estão entregues a outras dinâmicas que fazem com que a produção e recepção não possam mais controlá-las, bem como os efeitos que presumem estabelecer sobre discursos” (FAUSTO NETO, 2010, p. 8-9). Assim, podemos afirmar que a circulação faz parte do processo da midiatização, e que ambas estão constantemente relacionadas. Sem o processo de circulação não seria possível a interação neste grau, onde atores e receptores se contatam o tempo todo, ou seja, não se trata de responder simplesmente, mas de *feedbacks* complexos, de um feixe de relações, como indica o autor:

o sentido não estaria a serviço de uma intenção unilateral, mas preso em feixes de relações – situação que afastaria a interação das possibilidades de equilíbrio e de linearidade. Em lugar de sentidos atribuídos, desponta a indeterminação, aspecto que tornaria impossível qualquer possibilidade de controle *a priori* da interação. (...) A

não linearidade e a indeterminação afastam a produção de sentidos de uma zona do equilíbrio, porque o trabalho da linguagem vai além de frases feitas e de uma ação que julga poder apreendê-la para colocá-la a serviço de uma intencionalidade. Significa que, no intercâmbio discursivo, o sujeito não controla o seu próprio discurso, bem como os efeitos que ele poderia ter sobre seu interlocutor (FAUSTO NETO, 2013, p. 47).

A circulação, portanto, não é apenas uma zona automática, mas, sim, onde os discursos se tensionam. Nesse sentido, Braga (2012) observa o desenvolvimento das relações entre produção/recepção:

a partir dessas percepções sucessivas no entendimento de “circulação”, mais um passo deve ser proposto: indo além das relações diretas entre produtor e receptor, importa o fato de que este último faz seguir adiante as reações ao que recebe. Isso decorre não apenas da presença de novos meios, mas também de que os produtos circulantes da “mídia de massa” são retomados em outros ambientes, que ultrapassam a situação de recepção (o espectador diante da tela). Esse “fluxo adiante” acontece em variadíssimas formas – desde a reposição do próprio produto para outros usuários (modificado ou não); à elaboração de comentários – que podem resultar em textos publicados ou em simples “conversa de bar” sobre um filme recém visto; a uma retomada de ideias para gerar outros produtos (em sintonia ou contraposição); a uma estimulação de debates, análises, polémicas – em processo agonístico; a esforços de sistematização analítica ou estudos sobre o tipo de questão inicialmente exposta; passando ainda por outras e outras possibilidades, incluindo aí, naturalmente a circulação que se manifesta nas redes sociais. Em todas essas alternativas, na sociedade em midiaticização o esforço produtivo para circular se faz na conformação da escuta prevista ou pretendida (BRAGA, 2012, p. 39-40).

Tratamos, em nossa pesquisa, da circulação dos sentidos do acontecimento, não apenas por meio das narrativas jornalísticas e midiáticas sobre o caso dos jovens tailandeses, mas, também, das que aparecem nos comentários e interações de redes sociais e no documentário. A circulação, em nosso caso, aparece com grande importância. A partir dela começaram os comentários sobre o acontecimento nas redes e, assim, foram sendo criadas produções e elaborações sobre o caso. Muitas opiniões surgiram, por exemplo, sobre como seria realizada a operação de resgate e o fato de o treinador ter levado as crianças para o passeio e as colocado dentro da caverna quando começou a tempestade, ou seja, desvios de sentidos foram produzidos e se modificaram durante o desenrolar do acontecimento. Isto fica claro na disputa de sentidos sobre o ocorrido: se as crianças tivessem morrido, seria uma tragédia, e o treinador, ao invés de ser visto como um herói (por ter mantido os jovens calmos com a meditação, e os salvo do alagamento e da tempestade), seria rotulado como uma pessoa ruim, causadora de toda a tragédia e responsável pelo seu triste fim. Mesmo no caso em questão, quando o acidente teve um desfecho feliz, muitos questionaram o fazer dos pais, do treinador e até o aspecto de que um jovem de origem muçulmana estava entre os presos na caverna, isto é, os desvios e as tensões interacionais são inevitáveis.

Rosa (2019, p. 24) traz a hipótese da circulação como atribuição de valor, que ocorre nos processos de interação, e ressalta que “quando pensamos em transformações das condições de circulação, pensamos também nos valores sociais e coletivos que são postos em cena”, ou seja, os comentários que surgem em decorrência do processo da circulação carregam características dos sujeitos que aparecem quando suas opiniões são dadas, sendo elas valores, crenças, sentimentos, etc. Neste contexto, Braga (2012) afirma que

pelo menos nos macro-ambientes de interação social – do qual fazem parte, aliás, as redes sociais – e na medida em que as interfaces sociais se encadeiam crescentemente, percebemos que o esforço interacional se desloca do modelo conversacional (comunicação reverberante, de ida-e-volta) para um processo de fluxo contínuo, sempre adiante. Nessas circunstâncias, já não é tão simples distinguir “pontos iniciais” e “pontos de chegada”, produção e recepção como instâncias separadas (BRAGA, 2012, p. 40).

Desta forma, quando os acontecimentos reverberam e se espalham, produzem outros significados que já não cabe às instituições mensurar esse alcance. Conforme Soster (2017), é possível observar que na circulação aparecem “as zonas intermediárias de circulação (ZICs)”, que, segundo ele, se formam em duas zonas: “1) atravessamentos e interposições que se verificam nas operações internas dos dispositivos (livros, jornais, revistas, sites, etc.) a partir da presença, neles, de circuitos informacionais. 2) no sistema como um todo (círculo central)” (p. 293).

Podemos dizer, então, que se torna inevitável que acontecimentos midiáticos entrem em circulação, pois, no momento em que são midiaticizados e narrados, se reconfiguram. Desse modo, as matérias e os comentários dos atores sociais são interações que ocorrem na circulação, e é onde se produz sentido. Já o documentário, disponível depois de um ano na plataforma da Netflix e disponibilizado no Youtube, além de também constituir-se nessas significações da circulação, ele recria o acontecimento e o recoloca em circulação, mesmo depois de uma lacuna no espaço-tempo. Isso quer dizer que o acontecimento dos meninos na caverna se ausenta da esfera midiática, pois se encerra enquanto produto jornalístico; contudo, quando recuperado como produto audiovisual (um filme), não apenas o acontecimento ressurgiu, como também os imaginários que a ele se ligam.

5.2 NARRATIVAS EM MUDIATIZAÇÃO

Neste item discutiremos as narrativas que surgem durante as tragédias e acidentes, principalmente as que envolvem o caso midiaticizado dos jovens tailandeses. Observamos a presença destas narrativas durante o mapeamento das reportagens do G1, do documentário e nos comentários do Facebook. Aqui vamos buscar, também, reportagens de outros portais de

notícias, cujos materiais disponíveis sirvam de embasamento para o desenvolvimento das próximas argumentações relacionadas às narrativas.

Neste trabalho, a concepção de narrativa se dá a partir de Barthes. Segundo o autor, a narrativa tem uma estrutura, sendo que o sentido não está na narrativa em si (no texto), mas na relação desta com outras, e explica que:

Que dizer então da análise narrativa, colocada diante de milhões de narrativas? Ela está por força condenada a um procedimento dedutivo; está obrigada a conceber inicialmente um modelo hipotético de descrição (...) e a descer em seguida, pouco a pouco, a partir deste modelo, em direção às espécies que, ao mesmo tempo, participam e se afastam dele: e somente no nível destas conformidades e diferenças que reencontrará, munida então de um instrumento único de descrição, a pluralidade das narrativas, sua diversidade histórica, geográfica e cultural (BARTHES, 2011, p. 21).

Podemos afirmar, então, que a narrativa é a forma de contar, de fabular os acontecimentos, considerando aquilo que Barthes (2011, p. 27) ressalta como uma busca da estrutura narrativa, isto é, “a significação não está ao cabo da narrativa, ela a atravessa”. Há narrativas complementares, mas que também são diferentes no caso em questão. Levamos em conta a narrativa jornalística na época do fato, a narrativa do documentário, a memorialística e a narrativa daqueles que vivenciaram pelas telas a experiência. Assim, nos interessa entender o que estas narrativas dão a ver sobre os processos de midiatização.

A narrativa memorialística pode ser observada em muitos momentos, quando nos voltamos para os observáveis do nosso trabalho: no documentário, quando este recupera o acontecimento, nos comentários dos atores sociais, quando relembram a morte do mergulhador, e também no jornalismo, quando o mesmo vai contando como ocorreu o acontecimento. Conforme Barthes

Compreender uma narrativa não é somente seguir o esvaziamento da história, é também reconhecer nela “estágios, projetar os encadeamentos, horizontais do “fio” narrativo sobre um eixo implicitamente vertical; ler (escutar) uma narrativa não é somente passar de uma palavra para outra, é também passar de um nível para outro (2011, p. 27).

Primeiramente, vamos diferenciar as formas de narrar em quatro principais que encontramos em nossos campos de observação: 1) o narrar do ponto de vista do documentário; 2) o narrar da notícia e do jornalismo; 3) o narrar das testemunhas (que fornecem a informação); e, por fim; 4) a narrativa posta em circulação de sentido por meio dos comentários dos atores sociais. A seguir, trataremos cada um desses itens separadamente.

- 1) **O narrar do ponto de vista do documentário:** traz o seu modo de contar a história mediante produções audiovisuais, com entrevistas, imagens de outros

noticiários e enquadramentos diferentes sobre o caso. De uma forma mais geral, faz um compilado dos materiais produzidos durante o acontecimento, para mostrar o drama que os jovens passaram no período em que estavam dentro da caverna. Esse formato pode ser observado na maioria dos documentários, tanto relacionados a tragédias ou outros assuntos; é uma espécie de “resumo” da história que será contada. Além disso, a narrativa do documentário (como será visto no capítulo analítico) é construída a partir de uma espécie de montagem, que recupera da própria circulação midiática os elementos do acontecimento. Tem-se aí uma fagia midiática (ROSA, 2016), aquela em que a mídia consome e devora o produzido pela própria mídia, transformando os tempos.

- 2) **O narrar do jornalismo:** O jornalismo trabalha para informar sobre o que acontece no mundo diariamente, prezando pela atualização das matérias e por sua publicação quase imediata. Quando se trata de um acontecimento programado, como a Copa do Mundo, com previsão de cobertura especial da mídia, observamos um aumento nas notícias, que são previamente pautadas. Quando, porém, é um acontecimento não programado, como as tragédias e acidentes, o número das produções são ainda maiores, pois envolvem a perda de vidas, ou seja, envolve emocionalidades e passionalidades, o que desperta muito mais preocupação em toda a sociedade. A narrativa jornalística, neste sentido, é marcada por um modo de dizer que, de um lado tenta capturar e (re)apresentar o acontecimento, ao mesmo tempo que, de outro, molda-o para seus enquadres. Neste sentido, tem como característica o tempo verbal, o recurso de infografias e imagens, a tentativa de fechar o sentido mobilizando vozes oficiais e, ainda, que cada vez mais se valha de consumos tanto de atores como das redes sociais. No caso em análise, temos uma narrativa única, que vai sendo tecida em diferentes meios, fruto do não acesso ao local do acidente e à necessidade de uma serialização; portanto, diferentemente do documentário, não se trata de uma fagia midiática, mas de um processo narrativo altamente dependente das fontes e das agências de notícias.

Durante a cobertura do acidente na caverna não foi diferente. Muitas novidades sobre o caso surgiam, tendo o jornalismo a responsabilidade de narrar, em suas produções, todas as atualizações “do momento” para os leitores. Quando o jornalismo traz uma notícia, ele está narrando para a sociedade o que está

acontecendo, por meio das informações que ele reúne. Para construir sua produção, ele busca fontes e testemunhos que o auxiliam com as informações.

- 3) **O narrar das testemunhas e fontes:** Dentro dos modos de narrar 1 e 2, explanados anteriormente, encontramos as narrativas testemunhais, fornecidas por quem esteve presente ou diretamente envolvido com o acontecimento. Tanto no documentário, quanto nas matérias produzidas no G1, as fontes aparecem como peças-chave, que narram o acontecimento conforme seu olhar; seus discursos servem de “combustível” para as produções referidas.

Sabemos da importância das testemunhas durante a construção de uma notícia sobre determinado acontecimento, pois são elas que fornecem informações aos jornalistas e dão a sua versão sobre os fatos que presenciaram. Leal e Carvalho (2015, p. 608), compreendem a fonte como sendo “jornalísticos”

(...) do uso do termo “agente”, em detrimento de “fonte”, para designar aqueles que conformam e/ou se apresentam na notícia. Todos esses agentes são, de alguma forma, jornalísticos, pois atuam, cada um a seu modo, no processo jornalístico. Certamente têm força e peso distinto dos jornalistas e das organizações empresariais midiáticas, mas não deixam de merecer o adjetivo “jornalístico” por causa disso (p. 608).

Cada fonte, com suas percepções e versões, oferece detalhes do ocorrido. Além dos discursos de quem presenciou o acontecimento, há os discursos de instituições, profissionais e governamentais, chamadas de fontes oficiais. Ambas são essenciais e, juntas, embasam o jornalismo na produção da notícia. Gonçalves (2014), sobre isso, nos faz um questionamento importante:

Mas afinal, quem fala no jornalismo? A pergunta pode parecer óbvia, mas significativamente não é. O discurso ali presente pertence ao jornalista que relata os fatos? Aos veículos onde as notícias são divulgadas? Aos personagens envolvidos? Às pessoas que participaram dos acontecimentos ou a eles assistiram? Ou aos setores interessados nos acontecimentos? E mais, quem *ganha* voz na imprensa? Quem é acionado e *chamado a falar* e legitimado como porta-voz de informações relevantes? A quem é dada a oportunidade de se manifestar na privilegiada arena midiática? Quem define e quem diz a suposta “verdade” dos fatos? (p. 91-92).

Diante da quantidade de informações e discursos que se produz durante a cobertura de um acontecimento, “é tarefa dos jornalistas selecionar e questionar essas fontes, colher dados e depoimentos, situá-los em um contexto e adequar tais informações segundo técnicas jornalísticas” (GONÇALVES, 2014, p. 92). O jornalismo, portanto, reúne esses discursos e

constrói a narrativa da notícia, ou seja, ele é responsável por elaborar a notícia, mas, sem as vozes das fontes, essa construção não seria possível.

“(…) é dele a versão da realidade que estampa as manchetes e circula pelos canais de comunicação? O jornalista não é mais, e sequer podemos dizer que já tenha sido de maneira plena, o maestro absoluto desse conjunto. Todos dependem das fontes, e as perspectivas apontadas por elas influenciam em grande medida a decisão jornalística. Essa dependência, junto a um princípio ético de proteção e direito de sigilo das fontes atesta o reconhecimento de que elas são fundamentais (GONÇALVES, 2014, p. 92).

Quando falamos em tragédias e acidentes, as fontes oficiais, como instituições governamentais e profissionais envolvidos (em nosso caso, bombeiros, mergulhadores), são consideradas indispensáveis para a produção, uma vez que “o jornalista (ou o veículo) assume a fala e os argumentos da fonte como seus e, conseqüentemente, como sua afirmação da verdade” (GONÇALVES, 2014, p. 93). Assim, reiteramos o papel fundamental das fontes, uma vez que nutrem o jornalismo com discursos necessários e importantes para a construção da notícia.

No caso aqui tratado, como será visto com maior profundidade no capítulo analítico, as fontes tem um papel central, tanto no documentário quanto no jornalismo. Algumas se repetem, como os mergulhadores, mas outras ganham conotações distintas em razão de sua natureza narrativa. Para o jornalismo, as fontes oficiais (informando o posicionamento e o passo a passo da operação) atribuem veracidade e confiabilidade à informação. Já no documentário, há um olhar mais testemunhal; as fontes aparecem contando a sua experiência. Apesar dos diferentes acionamentos, nota-se que são as narrativas testemunhais e de fontes que permitem que o espectador ou leitor vivencie o acidente; constrói-se, assim, pela inserção de suas falas, uma espécie de proximidade.

4) O narrar da circulação de sentido (comentários do Facebook e do Youtube):

Aqui, os atores sociais comentam o acontecimento a partir de opiniões que expressam em seus discursos. Podemos observar, assim, que as posições dos atores sociais demonstram como estes se envolvem emocionalmente ao escreverem sobre diversos sentimentos ou os “efeitos” do acontecimento. Além disso, nos comentários, eles incluem outros assuntos, do cotidiano ou incomuns, e utilizam expressões populares e gírias para se posicionarem, ou seja, fazem outra interpretação do acontecimento que está em andamento, não se limitando somente a falar sobre o ocorrido em si. Assim, o sentido é coelaborado pelo ator social a partir de narrativas com as quais dialogam ou com aquelas que desenvolvem, e dessa forma colocam em

circulação assuntos relacionados ao ocorrido, mas também que não tem relação nenhuma com o acidente, isto porque há diferenças entre o sentido proposto e aquilo que circula a partir de processos de apropriação.

Interessante observar que, mesmo após a publicação das matérias no Facebook e do documentário no Youtube, os discursos nos comentários sobre o acontecimento continuaram sendo produzidos. Destaca-se, ainda, o fato de que os comentários referentes ao documentário não se voltam para a produção audiovisual, mas para aquilo que reportam – o acontecimento. Neste sentido, podemos pensar que há um narrar da circulação, isto é, a partir das múltiplas camadas de sentidos que vão sendo acopladas nas interações, percebemos que uma narrativa vai sendo tecida e prolongada sobre o acidente na tragédia.

Após essas quatro diferenciações do narrar, nos voltamos para a questão da circulação das narrativas. Para isso, partimos da provocação: O que a midiatização faz com o acontecimento e sua narrativa? É importante destacar que a narrativa dos envolvidos no acontecimento (crianças e mergulhadores) chegam a nós somente quando postas em circulação; portanto, já tratadas em algum dispositivo, em especial o jornalístico, como o noticiário e, posteriormente, o documentário. Como citado no item 3.1, acontecimentos tratam também de sentimentos. Os envolvidos no acontecimento sempre querem falar, contar suas experiências e apresentar sua visão. Squire (2014) afirma que

quando começamos a ler em detalhes, em níveis diferentes, aquilo que não está lá assim como aquilo que está lá, deixa de ser óbvio que histórias verbais permitem leituras mais estáveis e definidas do que narrativas visuais ou de objetos. A multiplicidade, a fratura e a contradição caracterizam narrativas em todas as mídias. As narrativas são todas formadas a partir de sinais cujas próprias desarticulações são aumentadas pelas cadeias de sinais que constituem as histórias (p. 275-276).

Desta forma, surgem as narrativas, que relevam os processos de transformações do acontecimento. Resende (2009) afirma que é na inscrição da linguagem que

a narrativa, sob essa perspectiva, é também ausência e pode ser pensada, no âmbito dos meios de comunicação, como o lugar onde as mediações ocorrem, pois se com Ricoeur (1994) sabemos que ali se inscreve uma dimensão temporal que é da ordem do humano, com outros pensadores, por exemplo, Genette (1995), aprendemos que é nelas que se instalam os modos, os contextos e os sujeitos. Nesse sentido, o ato de narrar, através dos meios, pode revelar legitimações, valores, representações e faltas, dados preponderantes para o processo de compreensão e leitura do mundo. (p. 33).

Nos discursos produzidos por meio das narrativas midiatizadas de tragédias, podemos perceber os sentimentos que cada um deles traz para o acontecimento, na sua potência e originalidade. Trata-se, portanto, do sentido dado ao acontecimento, transmitindo,

para quem está ouvindo, seus anseios e preocupações, e, desta forma, despertando sentimentos. Pensando em narrativas jornalísticas, Sodré (2014) sustenta que “as narrativas tradicionais incluíam o mito na intrínseca relação da comunidade com o seu cotidiano e o mundo envolvente. São narrativas com força aglutinadora, reguladora e normatizadora” (p. 128). Deste modo, como Sodré (2014) menciona, as narrativas do conto e a história buscam o mito e, assim, o acontecimento reativa rituais, como os observados na matéria publicada em julho de 2018, na Veja: “Tailandeses fazem ritual aos espíritos da caverna pelo resgate dos garotos”¹³ Os trechos a seguir mostram as crenças do povo tailandês, que vieram à tona durante o acontecimento.

Ao ritmo de música tradicional, um grupo de tailandeses acendeu velas e ofereceu alimentos perto de uma caverna nesta segunda-feira (16) em uma **cerimônia** para agradecer espíritos pelo resgate dos meninos, jogadores do time de futebol **Javalis Selvagens**, e seu técnico na semana passada. Durante a cerimônia, cabeças de porco, ovos cozidos, peixes, doces e frutas foram oferecidas aos espíritos como agradecimento. “Estamos prestando homenagem aos anjos que cuidam da floresta e dentro da caverna”, disse Nippon Anchai, um religioso tradicional (VEJA, 2018).

Ainda, segundo explica a matéria:

Reza uma lenda tailandesa que a caverna, chamada Tham Luang Nang Non, ou “caverna da dama reclinada”, marca o local em que uma linda princesa se suicidou depois que os soldados de seu pai mataram seu amante plebeu. “Pedimos desculpas a Jao Mae Nang Non”, disse Nippon, referindo-se à princesa cujo espírito se acredita proteger a caverna e que muitos tailandeses temem ter sido perturbado pela multidão de agentes de resgate, voluntários e membros da mídia durante a operação de 17 dias (VEJA, 2018).

Nesse sentido, a narrativa midiaticizada nos devolve o mito e reforça-o. Isso acontece, por exemplo, quando contamos uma história que passa de geração em geração, pois só assim conseguimos visualizar e entender esse acontecimento. Como não estávamos no local, não sabemos como realmente aconteceu, mas, mediante a narrativa, que recupera experiências e crenças, temos a sensação de que presenciamos este acontecimento.

O jornalismo tem o intuito de informar e de dar voz a um acontecimento. Assim, narrativas são produzidas durante todo acontecimento, desde seu tratamento até o momento de transformação em notícia. Na produção da narrativa jornalística utilizam-se as lógicas do campo jornalístico, seguindo processos como o enquadramento, a veracidade da informação, a enunciação, etc. Logo, o jornalismo é o lugar de chancela do acontecimento; é ele que torna a versão dos fatos confiável, porque tem credibilidade. Com a mudança do comportamento dos

¹³ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/tailandeses-fazem-ritual-aos-espíritos-da-caverna-pelo-resgate-dos-garotos/>.

atores nas redes sociais, porém, o jornalismo não é o único produtor e agente de circulação de narrativas impactantes em acontecimentos. Podemos afirmar que a narrativa jornalística tem desdobramentos nas redes. De um lado, os sujeitos narram sua própria vida; de outro, narram, em uma segunda camada, os acontecimentos já vistos, ou seja, há uma cadeia infinita de produções de narrativas. É nessa lógica que tratamos as narrativas midiáticas: atravessando campos sociais, processos de circulação na internet, meios convencionais e sociedade. Podemos atestar, então, que no mundo midiático atual, a narrativa jornalística é uma das formas de visualizar a complexidade das relações sociais e do processo de produção de sentidos. Resende (2009) garante que

o jornalista escreve para alguém e, necessariamente, escreve porque quer ser compreendido. O leitor, por sua vez, lê e busca por um gesto que o faça compreender o fato. Como agentes da ação, esses sujeitos não se fazem exclusivamente de um único lugar, o de locutor ou ouvinte, pois são, ao mesmo tempo, a fala e a escuta, produtos/produtores de atos comunicativos (p. 40).

Neste contexto, assim como Resende (2009) descreve o circuito das relações entre jornalista, leitor e leitores-produtores de conteúdo, Ferreira (2016), aborda questões sobre a explosão das defasagens. O autor define as gramáticas de produção como GP, e explica que

a explosão das defasagens, que são potencialmente alimentadas pela diferenciação dos processos de significação, só se realiza num cenário em que os meios e os processos midiáticos – as redes digitais – possibilitam que cada um dos indivíduos-atores se coloque como produtor de GP (...) (FERREIRA, 2016, p. 205).

Desse modo, o conceito dos meios de comunicação tradicional já não é mais referência para a produção de sentido, uma vez que o fazer dos atores afeta o jornalismo, que se torna composto tanto pela narrativa jornalística quanto por aquela que os atores sociais produziram.

Para Ferreira (2016, p. 203), “os repertórios não contêm signos homogêneos. Ela não fala de conteúdos. Fala de operações. Trata de afirmar que os repertórios são operações semióticas que os interlocutores, nas posições de emissores, receptores ou de receptores produtivos, acionam quando determinado objeto está em jogo”. Conforme esclarecemos no item 3, sobre a construção do caso, as reportagens são as narrativas jornalísticas com as marcas das operações do processo do jornalismo, compostas, geralmente, pelas seguintes características: a narrativa é em terceira pessoa, a revelação e apuração do fato é diretamente do local, é feita a revivificação do acontecimento, ocorrem repetições em vários meios, etc. No caso do documentário, a narrativa é mais complexa, fugindo um pouco do tom jornalístico, misturando entre o ficcional e os fatos reais. A narrativa do documentário não se preocupa em seguir o passo a passo do jornalismo. Além disso, possui a articulação de vários

meios e diferentes molduras, contando o passado do acontecimento, mas também atualizando no presente.

É importante afirmar, porém, que em ambos os observáveis as narrativas são reais¹⁴. Compreende-se que estas fazem transparecer os sentimentos e os sentidos do acontecimento, de forma que, além de mostrar o sentimento dos envolvidos e afetados pelo acontecimento, torna, muitas vezes, o leitor um afetado, seja por conhecer alguém que sofreu com o acontecimento, por ter passado por algo parecido, ou, simplesmente, por se sensibilizar com o que está ocorrendo. A seguir, no Quadro 1, são apresentadas diferentes reportagens, com alguns exemplos sobre a circularidade e circulação de narrativas que envolvem diferentes tragédias e acidentes, evidenciando as marcas de um modo de narrar que perpassa os acontecimentos em si, mas que é da ordem da própria lógica de mídia que afeta os sujeitos.

Quadro 1 – Narrativas presentes em diferentes acontecimentos

Opinião de um jornal sobre o acontecimento	Discurso de testemunha, afetada diretamente pelo acontecimento	Discurso de alguém que estava presente no acidente, presenciou o acidente e foi afetado	Discurso de um profissional (especialista) envolvido em um acidente e presente no acontecimento	Discurso de uma vítima que estava presente no acidente e foi afetada	Comentário de um ator social que se sentiu afetado ou consternado pelo acontecimento
<i>"Se estas imagens com poder extraordinário de uma criança síria morta levada a uma praia não mudarem as atitudes da Europa com relação aos refugiados, o que mudará?"</i>	<i>"Isso aqui é uma mãe que está abraçando. É uma mãe que está dando esse carinho agora. Eu estou sofrendo com a morte do meu filho, mas eu tenho certeza que a dor no coração de cada um de vocês é igual ou maior".</i>	<i>"Eu estava de frente para a barragem. Acho que fui uma das primeiras pessoas a ver (a avalanche). Não dava para acreditar. A onda veio muito rápido, mas também parecia que estava em câmera lenta. É algo muito estranho, não consigo explicar".</i>	<i>"Não é de modo algum normal que crianças mergulhem em cavernas aos 11 anos de idade. Eles estão mergulhando em um ambiente extremamente perigoso".</i>	<i>"Havia gritos de crianças, adultos e idosos em todos os lugares. Todos estavam tentando sobreviver. Soltei o cinto de segurança, vi luz e tentei ir nessa direção. Funcionou. A partir daí, pulei".</i>	<i>"Estou muito triste com essa notícia. Tinha enorme simpatia por esse time".</i>
Fonte: Matéria G1. "Foto chocante de menino morto revela	Fonte: Matéria Veja São Paulo. "Em vídeo, mãe do goleiro Danilo consola	Fonte: Matéria G1. "A funcionária da Vale que alertou sobre o desastre	Fonte: Matéria BBC. "Resgate na Tailândia: 'Nenhuma criança jamais mergulhou	Fonte: Matéria G1. "Sobrevivente conta o horror do acidente	Fonte: Matéria G1 "Avião com equipe da Chapecoense cai na

¹⁴ Aqui nos referimos à vinculação com fatos verídicos, não somente com narrativas ficcionais.

cruedade de crise migratória”.	repórter da SporTV após pergunta sobre tragédia da Chapecoense”.	e fugiu de ré em caminhão com 90 toneladas”.	dessa maneira', diz instrutor que participou de operações na caverna”.	aéreo no Paquistão”.	Colômbia e deixa mortos”.
--------------------------------	--	--	--	----------------------	---------------------------

Fonte: Reportagens de portais de notícias. Elaborado pela autora.

Assim, a partir do Quadro 1, podemos observar uma produção de sentidos por meio das narrativas, que envolve os afetados diretamente pelo acontecimento, e os afetados indiretamente, que seriam os leitores comovidos pelo ocorrido. Logo, emerge um circuito de emoções e sensibilizações: em diferentes situações e acidentes/tragédias, as narrativas provocam coisas como sensibilizar, indicar o que deve ser feito, exigir uma postura social, compartilhar o sentimento individual transformando-o em coletivo, valer-se da primeira pessoa do singular, este eu que convoca um nós.

Nos recortes sobre os diferentes acontecimentos, notamos que existe um sistema, que nos permite identificar os narradores do acontecimento, que vão desde os jornalistas em si, portanto, a produção, até os atores sociais, o reconhecimento. Para desenvolver essa identificação, Soster (2015) trabalha o diagrama de Motta (2012 *apud* SOSTER, 2015, p. 28). Desta forma, três instâncias estão em jogo:

1 Primeiro narrador (narrador-jornal, extradiegético – fora da história). É a organização jornalística, que viabiliza, por meio de seus agentes, o dispositivo jornal (e os demais dispositivos dessa natureza); **2 Segundo narrador (narrador-jornalista, intradieético – dentro da história).** Como o nome sugere, é o jornalista, “(...) a voz que enuncia propriamente a narração, organiza e costura a tessitura da intriga, dispõe as ações, conflitos, personagens e cenas.” (Motta, 2013, p. 228); **3 Terceiro narrador (narrador-personagem, intradieético – dentro da história).** São as fontes, ou personagens, das notícias (SOSTER, 2015, p. 28).

Soster (2015), ainda identifica um quarto narrador, **o sistema.**

não se encontra escrito em uma página, impresso em uma capa ou disposto, na forma de índice onomástico, ao fim de uma publicação: ele é o livro-reportagem, ou a biografia, antes na relação com os jornais, revistas, televisões, rádios, sites etc. que em sua materialidade. Sozinho, é apenas um dispositivo; na relação com os demais dispositivos, parte de um sistema. O sistema, portanto” (SOSTER, 2015, p. 33).

A elaboração de Soster sobre o quarto narrador complexifica o esquema proposto por Motta, pois, para além do meio de comunicação e de suas normas como dispositivo, do fazer do jornalista em si e dos personagens, evidenciam-se relações e contatos entre si, que resultam na compreensão de um sistema onde o jornalismo é parte. Neste caso, os atores sociais (leitores, espectadores) usam seus espaços discursivos porque também são parte do sistema e estão aptos a produzir enunciações. Neste aspecto, Soster (2016, p. 157) enfatiza que a

mudança está nos processos de enunciação, na ampliação das vozes narrativas que passam a se contatar em diferentes espaços e tempos. “O quarto narrador se estabelece, antes, em uma processualidade que em um lugar situacional. Mas, também, que ele reconfigura a geografia de forças que se estabelece entre os níveis narrativos, não sendo subordinado pelo primeiro narrador e dialogando relacionalmente com os demais níveis narrativos”.

Isto posto, em nosso caso, o sistema é bastante complexo: o primeiro narrador é o jornalismo, que por meio das reportagens, e como dispositivo de uma intelegibilidade comporta e emoldura o acontecimento. Considerando que nosso objeto é o G1, cabe observar que há lógicas editoriais que também incidem sobre o fazer narrativo; tome-se como exemplo a questão do uso de materiais de agência de notícia, num primeiro momento, para posterior deslocamento de um repórter *in loco*. O jornalista assume o segundo lugar (opera como segundo narrador), aquele que fabula o conflito, que detalha o drama. Por fim, o narrador-personagem, ou terceiro narrador, que seriam desde as crianças e os bombeiros envolvidos na operação, os familiares e os especialistas. Assim, o quarto narrador emerge quando o sujeito entra em cena; ele produz sentidos, não sobre o jornalismo em si, mas sobre o próprio acontecimento, ou seja, o quarto narrador é uma voz que não esteve lá e que passa a mobilizar todo o sistema. O documentário, neste sentido, passa a ser um exemplo deste quarto narrador, que opera sobre o conjunto dos sentidos já postos em circulação.

Se observarmos o documentário atualmente disponível no Youtube, temos como primeiro narrador os produtores e um conjunto de instituições midiáticas, como o canal PBS e a própria Netflix. Como segundo narrador, aparecem os produtores/editores que desenvolvem o documentário, reconstruindo o acontecimento, e que organizam o conflito, o acidente. Já o terceiro narrador são os profissionais envolvidos e as famílias dos jovens, os personagens do audiovisual. Por fim, o quarto narrador, assim como nas reportagens, é constituído pelo fazer dos atores sociais (o público) e o sistema enquanto acontecimento, uma vez que o próprio documentário se manifesta como novo acontecimento, a partir do momento em que as pessoas começam a comentar o seu lançamento e a reviver o acidente sob outra perspectiva: a de um filme com história real.

A partir disso, podemos voltar nosso olhar para as imagens presentes, tanto nas reportagens quanto no documentário, pois estas também fazem parte da construção da narrativa, inclusive as imagens mentais convocadas. Squire (2014, p. 276) afirma que “as imagens imóveis talvez sejam os casos mais interessantes para examinar em termos de narrativa fora da temporalidade – isso se excetuarmos aquelas versões delas que são claramente marcadas de modo temporal”. No acontecimento investigado neste trabalho,

podemos observar que as imagens são importantes formas discursivas para fabular o acidente. Apenas as falas não seriam suficientes para mostrar ao leitor o que ocorria no local; precisava mais do que isso para que ele também pudesse vivenciar a experiência do acontecimento. Para Squire,

processos contemporâneos de leitura de imagens mostram como podemos ler narrativas de maneiras alteradas, fragmentadas e abertas. Mulvey se refere primordialmente a imagens em movimento, mas imagens e objetos imóveis oferecem uma possibilidade narrativa deferida semelhante, repetidamente estimulada pelas diferenças dentro da imagem ou objeto que uma leitura “pensativa” coloca em primeiro plano – por detalhes sutis dentro dela ou dele (2014, p. 275).

No capítulo 7, voltaremos às discussões sobre as imagens que aparecem nas tragédias e acidentes e que também se tornam narrativas. O próximo item, porém, ainda tem relação com as imagens. Estas, quando aparecem em tragédias e acidentes, fazem parte das questões associadas ao tempo e espaço, uma vez que voltam a se manifestar na circulação do acontecimento, sendo revividas quando relembramos outros acontecimentos anteriores.

5.2.1 Espaço-tempo

Na obra *Fragments de um Tecido*, Eliseo Verón (2004) destaca a importância do espaço-tempo para os estudos de midiaticização. Ao pensar em mídia de massa, por exemplo, o autor fala na organização significativa do discurso e de como o tempo e o espaço são dimensões essenciais para a compreensão da “materialidade do sentido investido”. Para o autor (2004, p. 62), o discurso é “a colocação do sentido no espaço-tempo”. Assim, neste subcapítulo passamos a pensar a dimensão do espaço-tempo na narrativa e no modo como o acontecimento se apresenta diante de nossos olhos. Carlón (2020), afirma que

a polarização contemporânea constrói polos específicos que se desdobram no espaço e no tempo. Os polos são mídias híbridas e espaços sociais que funcionam em dois tempos. Por um lado, eles se organizam e reorganizam o tempo todo de acordo com o desenvolvimento dos eventos. (...) Por outro lado, *construir lealdades de longo prazo e construir coletivos consistentes (...)*. E o outro lado também de estratégias táticas que atuam no curto prazo (p.260-261, tradução nossa).

Já Ricoeur (1994, p. 22) explica que “falamos do tempo e falamos dele de modo sensato, o que embasa qualquer asserção sobre o ser do tempo”. Podemos afirmar que, quando acompanhamos uma notícia sobre um determinado acontecimento, carregamos a sensação de que o que ocorreu se passa no momento em que estamos acompanhando. Nesse sentido, é

possível dizer que o jornalismo pertence ao agora; ele lida com o presente, mesmo quando reporta o passado.

A partir da nossa construção de caso, podemos observar que o acontecimento com os Javalis Selvagens durou, no jornalismo, por um determinado tempo. Depois, a frequência das notícias sobre ele foi diminuindo e até mesmo desaparecendo. Nesse período em que não se publica mais nada sobre os jovens, observamos um tempo-vazio, porém, o tempo transcende o acontecimento.

Mesmo que o documentário tenha sido lançado originalmente no canal da PBS (Public Broadcasting Service) ainda em novembro de 2018, poucos meses depois do acontecimento, foi após um ano, quando surgiu na plataforma da Netflix, que ele ressignificou o acontecimento e transformou esse espaço vazio em publicações sobre o caso. Ricoeur (1994, p. 15) ressalta que “(...) a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal”. O acontecimento também é posto em (re)circulação a partir do livro “Os meninos da caverna”, lançado pelo repórter Rodrigo Carvalho, em dezembro de 2018. Segundo a reportagem¹⁵ do Portal Uai (2018),

o livro *Os meninos da caverna* só existe porque o **Brasil perdeu para a Bélgica nas quartas de final da Copa da Rússia**. Tivesse o time de Tite passado dessa fase e o **repórter Rodrigo Carvalho** teria continuado a cobrir o Mundial. (...) Chegou à **Tailândia** no dia 8 e soube, enquanto aguardava as malas na esteira, que o resgate dos primeiros garotos presos havia 15 dias na **caverna de Tham Luang** tinha começado. Além da libertação de três dos 12 adolescentes (além do técnico), teve início, naquele dia, o trabalho de Carvalho, que cobriu para a TV o processo de salvamento. O repórter ficou uma semana na Tailândia. Quando ainda estava lá, foi contatado pela Globo Livros para fazer da cobertura um livro. Ele já tinha experiência no tema, havia lançado pela mesma editora, em 2011, *Vivos embaixo da terra*, sobre os **33 mineiros presos no Chile**.

É interessante destacar que até o repórter já tinha vivenciado outras narrativas do tipo, o que sugere que há um modo de contar; portanto, uma ficcionalização da realidade. É como se a própria escolha do repórter já indicasse o caminho da cobertura e dos desdobramentos e o interesse de produzir para a circulação algo que não é aquilo típico do jornalismo tradicional. O jornalista já havia escrito sobre os mineiros chilenos, e é alguém que já sabe como fazer um episódio como esse ganhar visibilidade. O livro, então, se apresenta como uma nova narrativa.

Quando olhamos para o acontecimento da caverna tailandesa, observamos que tanto as reportagens quanto o documentário narram o acontecimento a partir da ordem cronológica dos fatos. Assim, é possível observar três momentos dessa cronologia: a busca, o plano para

¹⁵ Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/artes-e-livros/2018/12/11/noticias-artes-e-livros,238605/reporter-lanca-livro-sobre-resgate-dos-garotos-na-caverna-da-tailandia.shtml>.

tentar resgatar os jovens e o resgate. Mesmo que o documentário traga essa ordem cronológica dos fatos, diferentemente das reportagens, ele não traz a atualização de como está a vida dos meninos após o acontecimento, como vamos mostrar no item a seguir (Memória). Ricoeur (1994) aponta em seu texto uma hipótese de base:

existe entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural. Ou, em outras palavras: que o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal (RICOEUR, 1994, p. 85).

Desse modo, se observarmos a relação entre o tempo do jornalismo e o tempo do documentário, podemos perceber que o tempo do jornalismo é um, que configura o que já foi, ainda que elaborado com uma conotação do presente. O tempo do documentário é outro, é o hoje, porém, ele volta-se para o passado, se atualiza e conta a história no futuro.

Além disso, temos os comentários do Facebook do G1 e do Youtube. No Youtube, podemos observar que, mesmo se passando um ano após o acontecimento, novos comentários foram surgindo. Já no Facebook, os posts foram comentados no momento em que as matérias eram postadas, quando o acontecimento ainda estava acontecendo, sem desfecho. Carlón (2020) quando fala sobre os atores sociais, destacando que

qualquer um pode se sentir representado por qualquer um deles, qualquer um pode dizer publicamente em algum momento que aderir a um deles ou atacar o outro, mas as condições a adesão é suave o suficiente para participar à vontade, dedicando o tempo disponível. E mais: você pode entrar e sair desses espaços dia a dia, momento a momento, dando um "curtir", intervindo em um hashtag ou compartilhamento de conteúdo em redes sociais (o que não significa, de forma alguma, que eles não impliquem envolvimento) (p. 261, tradução nossa).

Nesse sentido, os atores sociais, com seus discursos ou opiniões, participam ativamente do acontecimento, no momento em que ele está na sua ocorrência ou até mesmo quando este é reinserido na circulação.

5.2.2 Memória

Como já citamos no item 3.2, acontecimentos como as tragédias ou acidentes de grande porte nos remetem a outros acontecimentos anteriores. Para Ricoeur (2007, p. 26), “nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança”. É possível afirmar que as lembranças estejam mais relacionadas aos sentimentos, por exemplo, quando escutamos histórias sobre nosso passado ou quando olhamos para uma

fotografia antiga. Já a memória, em si, tem uma forte relação com as ações que realizamos diariamente, no sentido de memorizá-las. Mesmo assim, para construirmos uma lembrança precisamos da memória.

Marques (2017) recupera Bergson que “distingue dois tipos de memória. A memória do corpo, presente nos mecanismos motores, e a memória propriamente espiritual, existente sob a forma de lembranças independentes” (BERGSON, 2008, p. 82 *apud* MARQUES, 2017, p. 1). As narrativas, em suas múltiplas formas, têm grande poder de nos fazer voltar a acontecimentos passados, isto porque elas mobilizam em nós outros discursos, sentimentos e experiências. Ricoeur (2007), neste sentido, destaca que

a memória artificial (artificiosa) consiste em lugares e imagens. Quanto às “coisas” figuradas pelas imagens e pelos lugares, trata-se de objetos, de personagens, de acontecimentos, de fatos relativos a uma causa a defender. O importante é que essas ideias estejam vinculadas a imagens e que esses tempos sejam armazenados em lugares (p. 76).

Em uma sociedade midiaticizada, podemos nos voltar para a busca em arquivos *on-line*, que nos auxiliam para encontrarmos informações, aspectos, imagens e narrativas sobre outras tragédias no meio digital. No ambiente digital, portanto, há elementos de memória que persistem a partir do acesso aos lugares e às materialidades (como reportagens em *sites*). Estes elementos não são as coisas em si, os objetos, mas reportam a eles, nos permitindo vivenciar o ato. A memória, portanto, se passa no corpo (como hábito, enquanto gesto) e, também, como forma de percepção – imagens-lembrança.

Em nosso caso, isso foi possível em duas formas de buscas digitais: a primeira nos proporcionou encontrar as informações sobre o caso em estudo dos Javalis Selvagens nas reportagens disponíveis nos portais de notícias e comentários no Facebook, bem como no documentário disponível na internet e na Netflix, que é uma plataforma *on-line*. A segunda foi a possibilidade de buscar, de modo também *on-line*, informações sobre outros acontecimentos, seja em portais de notícias ou até mesmo em pesquisas desenvolvidas sobre acontecimentos anteriores. Estas duas formas mostram os movimentos de memória: o acesso à memória como lugar de armazenamento, típico do ambiente digital; a memória viva, como o processo reflexivo desencadeado a partir do contato com estas narrativas passadas. Nesta perspectiva, porém, Ricoeur (2007) afirma que

não temos nada melhor que a memória para significar algo que aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela. Os falsos testemunhos, dos quais falaremos na segunda parte, só podem ser desmascarados por uma instância crítica cujo único recurso é opor aos testemunhos tachados de suspeitos outros testemunhos reputados mais confiáveis. Ora, como será então demonstrado, o

testemunho constitui a estrutura fundamental de transição entre a memória e a história (p. 40-41).

Nesse sentido, entendemos que a memória é do sujeito social, e na busca realizada na internet encontramos uma memória *on-line*, um banco de arquivos, o que se torna uma ferramenta de apoio para podermos desenvolver nossas pesquisas. Assim, é possível fazermos levantamentos consultando o sujeito (aquele ator social que disponibilizou tais dados), que possui a memória de acontecimentos passados, e que encontra nos arquivos *on-line* uma forma de preservação ou manutenção em circulação.

Como estamos falando em memória, neste item também buscaremos apoio nos conceitos de rememoração e perlaboração. Rosa (2012, p. 337) ressalta que “a perlaboração configura-se como uma reconciliação com o reprimido, portanto, lembrar para perlaborar ou elaborar de novo”. Nesse sentido, durante as observações da nossa construção da pesquisa, identificamos narrativas que se diferenciam tanto no documentário quanto nas reportagens. Gomes (2001) afirma que

há, portanto, duas condições para o exercício dessa escuta/perlaboração caçada no sintoma. A primeira advém da própria estrutura do sintoma: trata-se dessa construção retroativa que ele sempre é da construção retroativa “possível”, suposta na perlaboração como espécie de depuração. Esta é necessária para que o passado se tome, no final – pela intervenção no futuro, desde o início suposta no passado –, simplesmente o que sempre foi, ou seja: uma ocorrência sem seus revestimentos, o que faz da perlaboração uma construção retroativa em toda sua extensão, a nos devolver, agora sim “o branco do papel”. A segunda condição advém do que firma um sintoma como tal: sua repetição (p. 68).

Para diferenciar “repetição e diferença”, Gomes (2001) explica que

a repetição se introduz aqui por três vias: pelo fato de que o sintoma se repete como palavra que pede para ser ouvida (no que a repetição é seu sinal), pelo deslocamento na desarticulação das quais se reveste o sintoma (pela perlaboração) e como articulação que sustenta o sujeito (que o sustenta justamente pelo reforço da repetição) (p. 68).

Já “a diferença se atualiza e se mostra numa série, vale dizer, na cadeia significativa pela qual cada significante significa em relação a outro significante. A ideia de alteridade está na gênese do corte simbólico e na cadeia significativa pela qual ele se atualiza” (GOMES, 2001, p. 77). Mesmo que exista uma repetição em contar o acontecimento no documentário e nas reportagens, esse acontecimento possui uma diferença, pois o documentário traz aspectos como novas narrativas, imagens e vídeos que não foram vistos no noticiário, e vice-versa. Então, ainda que mostre uma repetição do mesmo acontecimento, é apresentada uma nova perspectiva, um novo sentido, e isso ocorre também com outras tragédias.

Em nosso caso, assim como em outras tragédias, há sempre uma tentativa de reviver o acontecimento para reelaborá-lo, ou seja, não se trata de esquecer, mas de um período de tempo em que o vazio se transforma em nova camada narrativa. No momento em que ocorre o acontecimento, surgem diversas narrativas e, após um período, elas diminuem, e muitas vezes desaparecem. Para lembrá-lo surgem novas possibilidades, novos fatos ou sentidos midiáticos, como no caso desta pesquisa, o documentário, que traz tudo à tona novamente. Além do documentário, podemos citar a reportagem do Jornal O Globo, de julho de 2019, de um ano após o acontecimento, intitulada “Um ano após resgate, meninos da caverna na Tailândia vivem a fama sem abandonar origens”,¹⁶ que conta como vivem os jovens, e que, segundo a matéria, possuem um “contrato fechado com a Netflix para a produção de uma minissérie sobre o que viveram”. A seguir, apresentamos alguns fatos novos que aparecem na reportagem, na tentativa de uma atualização.

Quadro 2 – Reportagem do Jornal O Globo: “Um ano após resgate, meninos da caverna na Tailândia vivem a fama sem abandonar origens”

Nem eles nem suas famílias podem comentar publicamente o que viveram, como parte do contrato com a Netflix. Já viraram também tema de livros.	Os meninos, neste tempo, fizeram viagens a diferentes lugares do mundo, incluindo Argentina, Estados Unidos e Reino Unido. Os seus pais são os responsáveis por gerenciar os seus direitos de imagem agora, por meio de uma empresa própria. Por sua vez, o treinador lançou sua academia de futebol e criou fama nas redes sociais.	As crianças estão bem e felizes. Depois de terem ficado presos na caverna, dizem que ganharam muita experiência.	Sob os holofotes mundiais, 11 dos Javalis Selvagens fizeram um retiro espiritual em homenagem ao mergulhador que morreu no seu resgate. E, ainda, foram ordenados aprendizes de monges. A exceção foi Samon, de 14 anos, que é cristão. Ele foi um dos protagonistas da história, por ser o único que falava inglês e, portanto, intermediador da comunicação entre as equipes de resgate e os seus companheiros.	Outra mudança-chave para três dos meninos e para o treinador foi terem deixado de ser apátridas. Embora nascidos na Tailândia, eles não tinham nacionalidade reconhecida oficialmente. Depois do resgate, o governo prometeu conceder-lhes a cidadania.
---	--	--	---	---

Fonte: Reportagens de portais de notícias. Elaborado pela autora.

Por fim, a matéria relembra o caso e conta como começou a história dos jovens. Cada meio, portanto, tem sua significação, sua própria construção da narrativa. Quanto à rememoração, Ricoeur (2007) destaca que

¹⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/um-ano-apos-resgate-meninos-da-caverna-na-tailandia-vivem-fama-sem-abandonar-origens-23786332>.

ênfatiza-se o retorno à consciência despertada de um acontecimento reconhecido como tendo ocorrido antes do momento em que esta declara tê-lo sentido, percebido, sabido. A marca temporal do antes constitui, assim, o traço distintivo da recordação, sob a dupla forma da evocação simples e do reconhecimento que conclui o processo de recordação (p. 73).

Quando relembremos outras tragédias e as relacionamos a um novo acontecimento trágico, automaticamente rememoramos narrativas semelhantes que já ouvimos. Por exemplo, como supracitado, a narrativa da mãe do goleiro Danilo: ela foi diretamente afetada e, em sua narrativa, podemos observar a sua experiência ao estar passando por aquela situação. É possível nos lembrarmos de outras narrativas parecidas com a dela? Sim, pois já ouvimos esta experiência em outro caso midiático: as mães que perderam seus filhos na boate Kiss, em Santa Maria/RS. No acontecimento com os Javalis Selvagens, também aparecem as narrativas das mães dos jovens tailandeses que podemos recuperar. A matéria do site Uol, “Pais e mães escrevem aos filhos presos em caverna na Tailândia e pedem a treinador “Não se culpe”,¹⁷ de julho de 2018, traz o seguinte trecho:

Segundo o jornal britânico “The Guardian”, em uma carta ao grupo, a mãe de Nattawut Takamsai, adolescente de 14 anos presa com o grupo na caverna, garantiu, dirigindo-se “a todas as crianças”, que os familiares não estavam zangados com eles. “Nós não estamos bravos com vocês. Cuide bem de si próprios. Não se esqueçam de se cobrir com cobertores quando o tempo estiver frio. Estamos preocupados. Vocês sairão em breve”. Ao técnico, de acordo com o jornal, a mãe da garota escreveu: “Queremos que você saiba que nenhum dos pais está bravo com você, então, não se preocupe com isso”. E ainda a narrativa: “Estou tão feliz por ter visto sua carta, sua escrita”, reagiu Supaluk Sompiengjai, a mãe de Pheeraphat. (...) “Não importa quanto tempo tenhamos que esperar, desde que esteja seguro”, acrescenta a mãe de Pheeraphat, que mora em um pequeno vilarejo na província de Mae Sai, no norte da Tailândia, na fronteira com Mianmar. Ela guardou o bolo de aniversário do filho intacto, na geladeira (UOL, 2018).

Como podemos observar, isso se repete em diferentes acontecimentos, quando comparamos e relacionamos narrativas. Já fizemos essas relações no Capítulo 3, no qual comparamos a tragédia dos jovens tailandeses com a dos mineiros chilenos. Então, nosso interesse aqui é apenas destacar que um dos elementos constituintes da narrativa, sob o qual nos debruçaremos em nossa análise, é a memória e sua articulação com o tempo e o espaço.

5.3 O LUGAR DAS IMAGENS E AS CAMADAS IMAGINÁRIAS

Diversas imagens são produzidas e compartilhadas diariamente em portais de notícias, jornais impressos, telejornais e nas redes sociais. É difícil acompanharmos um texto

¹⁷ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/07/07/pais-e-maes-escrevem-aos-filhos-presos-em-caverna-na-tailandia-e-pedem-a-treinador-na-o-se-culpe.htm>.

jornalístico sobre um determinado acontecimento que não venha acompanhado por uma imagem. Assim, as imagens são postas em circulação por atores sociais ou por instituições.

Para falar sobre imagens, acionamos Rosa (2017), que destaca:

a palavra imagem traz consigo, quase que de modo inerente, a sensação de incompletude. Tal sensação é manifesta na dificuldade de compreensão do significado e importância das imagens no processo de construção social. As inúmeras tentativas de definição do que é uma imagem não dão conta do seu papel ou porque se prendem ao aspecto da captura do objeto, portanto à concepção de reprodução óptica, ou porque se prolongam em um debate sobre o real. No entanto, há um traço que nos parece fundamental, a imagem como acionadora da cultura, acolhida e acolhedora, presente e futuro na memória coletiva. Essa característica da imagem que transforma a cultura pode ser vista na ampliação da oferta de superfícies e na reconfiguração da história em um elemento dinâmico (p. 2).

Neste aspecto, compreendemos que as imagens também são modos de enunciar e mostrar as narrativas do que está acontecendo; por meio delas também podemos compreender os acontecimentos. Rosa (2019, p. 23) trabalha com a ideia de que “a permanência das imagens como produtos da e para a circulação e, ao mesmo tempo, como acionadoras de fluxos, que se expandem e se exasperam em proporções muitas vezes impensadas”. As narrativas, portanto, também são percebidas por meio das imagens. Para Rosa (2017, p. 3), “os dispositivos são pontos de intersecção e, no caso das imagens são fundamentais, uma vez que estas são produzidas, compartilhadas e replicadas em espaços vinculados às instituições midiáticas, mas também de atores sociais”. Em sua cobertura, nas redes sociais e nos portais de notícias, o jornalismo também se utiliza de imagens produzidas durante os acontecimentos para construir um circuito de narrativas, como é o caso da matéria “Jovens presos em caverna na Tailândia; FOTOS”,¹⁸ do G1 (2018), quando o *site* traz apenas imagens para ilustrar e contar a cronologia do acontecimento. Mesmo que contenham legendas, as fotos falam por si só sobre o acontecimento. Rosa (2019) diz que

a imagem, como discurso simbólico, também é, naturalmente, afetada pelo “mercado” em que está inserida. Pode ser o mercado do jornalismo, com suas regras e códigos, ou o mercado dos atores sociais que constroem suas regras já no processo de circulação, portanto, nas interações em múltiplos dispositivos (p. 26).

Estas imagens percorreram o mundo em diversos *sites* e agências, mas também nas apropriações dos atores sociais, em seus próprios espaços e redes. Sobre circulação e imagem, Rosa (2019) destaca que “(...) a ideia de que as imagens que circulam e, portanto, recebem valor social, são aquelas em que há um componente comportamental e uma motivação para levar adiante os fluxos” (ROSA, 2019, p. 24). Assim,

(...) catapultadas ao espaço da circulação, as imagens são elaboradas, reelaboradas, replicadas, acrescidas de novos significados. Isso revela um trabalho intenso

¹⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/jovens-presos-em-caverna-na-tailandia-fotos.ghtml>.

realizado pela linguagem, pelos dispositivos, mas especialmente de valorização entre produção e reconhecimento que se hibridizam (ROSA, 2016b, p. 5).

Nesse sentido, relembremos outras imagens registradas em outros acontecimentos com crianças, ou acidentes parecidos, que vão ganhando novas significações e carregando uma “carga simbólica” (ROSA, 2019). Podemos observar a presença das cargas simbólicas nas narrativas imagéticas que aparecem em nosso caso; como exemplo, o fato de crianças estarem envolvidas neste acontecimento. Isso desperta nos atores sociais grande comoção, justamente por tratar da questão do imaginário, quando associamos a figura da criança a uma pureza e inocência. Ao mesmo tempo, carregamos em nosso imaginário a ideia de que a caverna é definida como um lugar escuro ou um buraco. Assim, nos interessa a concepção de Kamper (2018), que define o imaginário como

(...) a relação dos seres humanos com seus corpos. É resultado inesperado de um trabalho realizado no medo do sexo e da morte. Funciona como um escudo protetor. Estende-se na imagem-superfície e não no corpospaço. É tão intocável quanto as imagens que o constituem. É uma superfície ilimitada que encobre um núcleo finito e mortal até torná-lo irreconhecível. É um universo do espírito, aversivo e hostil ao corpo do qual ele provém. É um duplo daquilo que se entende até agora por realidade, mas não real, e, sim, virtual. Sua modalidade não é nem a necessidade nem a realidade, mas o possível. O que um dia já foi necessário ou real fica, agora, possível para sempre. Consiste em restos de sonhos, nostalgias, esperanças, visões, mas também de detritos de programas, conceitos, projetos fracassados. Um lixo histórico na reciclagem da cultura. Seu tempo é o futuro do presente composto. Tudo o que é terá sido. Neste sentido, ele tem seu futuro sempre no passado (KAMPER, 2018, p. 85).

Assim como a história das crianças perdidas que aparecem em filmes e contos de fadas, algumas pessoas só conhecem cavernas pelos filmes. Mesmo neste ambiente, porém, existe uma narrativa de superação de um acontecimento que tinha grandes chances de acabar tragicamente. O autor destaca, ainda, que “o simbólico é o que se faz; o imaginário é o que se sofre. Isso também pode ser dito ao contrário: a imagem é o ato, a linguagem é o padecimento. O que pode ser dito depende do instante” (KAMPER, 2018, p. 73). O símbolo da morte e a ideia de tragédia e acidente, portanto, se tensionam também nas imagens que carregam essas cargas simbólicas, e, nesse sentido, o acontecimento traz à tona uma ligação com nosso imaginário.

6 PERCURSO METODOLÓGICO

A partir do problema de pesquisa, desenvolvemos a metodologia utilizada em nosso processo de investigação. Nesta pesquisa, após o levantamento da produção audiovisual (documentário), das matérias jornalísticas (site G1) e dos posts (do Facebook), buscamos, por meio dos estudos da comunicação, analisar e entender os aspectos que envolvem o processo de midiatização e a interação, produção e recepção de conteúdos sobre o acidente dos Javalis Selvagens. Bonin (2010, p. 2), traz a metodologia como

Dimensão que norteia, orienta, encaminha os processos de construção da pesquisa, em todos os seus níveis; como instância corporificada em fazeres, operações, experimentações e procedimentos que vão dando feição ao objeto do conhecimento, que vão se inscrevendo em lógicas atuantes na *captura e fabricação pensada deste objeto*.

Assim, nosso objeto é fabricado a partir do entrelaçamento de dois temas centrais: acontecimento e midiatização. São estes temas/conceitos que nos permitem estabelecer eixos de observação, ancorados na abordagem do referencial teórico já apresentado anteriormente: narrativas em midiatização, espaço-tempo, memória e imagens e camadas imaginárias. A seguir, mostraremos as etapas metodológicas percorridas durante esta pesquisa, a partir da observação dos objetos.

6.1 TÁTICAS DE ABORDAGEM – CASO MIDIATIZADO

Inicialmente, observamos o caso em diversos *sites* brasileiros, como G1, BBC, O Globo, R7, Globo News, entre outros. Reunimos diversos materiais, que trazemos durante a dissertação, mas, pelo fato de existir um grande número de notícias sobre o caso, optamos por seguir apenas um veículo jornalístico – o G1. A escolha por este portal de notícias se deu pelo fato de ser um *website* consolidado no Brasil e com credibilidade. A plataforma está no ar desde 2006 e é mantido pelo grupo Globo. O G1 disponibiliza conteúdos jornalísticos de empresas do grupo Globo, além de reportagens que são de suas próprias produções, com texto, fotos, áudio e vídeo, sendo alimentado e atualizado 24 horas por dia.

Desde o momento em que os jovens tailandeses estavam desaparecidos, a notícia já começou a aparecer nos noticiários brasileiros e do mundo todo, não apenas nos *websites*, mas também nos telejornais. Com o passar dos dias e das buscas, essa ocorrência se intensificou e o caso ganhou grande repercussão. Existia o esforço da mídia em cobrir a Copa do Mundo e também o caso dos meninos desaparecidos. Com o decorrer dos dias, novas informações

surgiam e, constantemente, saíam mais notícias sobre o acontecimento, atualizando os leitores do que estava acontecendo, o que fez com que acumulasse uma grande quantidade de matérias no *site*.

Nesse sentido, relacionado a essa alta demanda e atualização, estão as postagens do Facebook. Na página, também foi postado uma grande quantidade de conteúdo, a partir de matérias que estavam sendo produzidas para o site G1. Nestas publicações, surgiram muitos comentários de atores sociais sobre o acontecimento, o que gerou uma grande repercussão do acidente nas redes sociais. Nossa observação da repercussão do caso midiático no Facebook começou a partir das matérias que receberam mais reações e comentários mais relevantes.

Já o documentário foi produzido meses depois, com imagens e produções próprias, de outras agências, telejornais e também com vídeos dos profissionais envolvidos, com alguns trechos produzidos no local, durante o acidente, e outros gravados após o desfecho. É importante destacar que, tanto as matérias do *site* e do Facebook quanto o documentário, trazem em suas produções detalhes únicos do caso midiático. Também são formatos diferentes de narrar o acontecimento: as matérias e *posts* com atualizações diárias e o documentário de forma mais geral, elaborado a partir de um processo de montagem e edição cuja temporalidade é mais ampla.

Assim, podemos dizer que a tática de abordagem está centrada em coletar os indícios, com a posterior análise da coleção indiciada e a definição de eixos para novo mergulho na empiria. O lançamento do documentário, porém, faz com que seja necessário observar materialidades de naturezas diferentes, ou seja, não estamos falando apenas do espaço jornalístico, mas da circulação do acontecimento em um sistema midiático que engloba o jornalismo. Assim, nosso esforço de seguir o rastro da circulação envolve recuperar tanto as produções jornalísticas sobre o acidente, como adentrar na produção audiovisual, com vistas a compreender quais atualizações são realizadas. Neste trabalho de analogias, entram os atores sociais, que assumem uma postura de comentadores tanto do jornalismo como do documentário, elaborando desvios de sentido, típico da circulação. Assim, tivemos de definir critérios e procedimentos de análise para dar conta da descrição dos materiais e para ver as operações de transformação/duração no tempo.

6.2 PROCEDIMENTOS E CRITÉRIOS DE ANÁLISE

Para desenvolver a análise do caso, foram escolhidos três meios de observação: a) o documentário; b) as reportagens do site G1; e, c) os comentários dos *posts* das matérias do G1 no Facebook, que eram postados nesta rede social.

Quando iniciamos esta pesquisa, em 2019, o documentário *Thai Cave Rescue* estava disponível na plataforma da Netflix, e foi escolhido porque contava a história do início ao fim, com narrativas de pessoas que estavam envolvidas diretamente no acontecimento, possuindo detalhes únicos e importantes sobre a história. Em 2021, o documentário foi retirado do ar na Netflix; mesmo assim, optamos por mantê-lo no trabalho e por este motivo, iniciamos uma nova busca para encontrá-lo em outra plataforma.

O documentário estava disponível no Youtube e, a partir daí, partimos para a análise dos comentários que estavam sendo produzidos na plataforma pelas pessoas que o assistiam. Foram escolhidos os primeiros 11 comentários da opção “mais relevantes” da própria plataforma.

A busca por reportagens sobre o acontecimento com os jovens tailandeses começou em 2019. Com as palavras-chave Tailândia, caverna e Javalis Selvagens, foi possível encontrar diversas reportagens sobre o caso. Para selecionar as notícias sobre o acontecimento, utilizamos o critério temporal, identificados em quatro períodos que são essenciais para a narrativa do caso: a) o desaparecimento (notícia do dia em que os jovens foram dados como desaparecidos e depois localizados); b) as tentativas de resgate e a morte de um mergulhador; c) o desfecho do resgate e, por fim, d) a atualização do acontecimento um ano após sua ocorrência.

Por fim, foram estabelecidas as postagens das matérias no Facebook do G1, onde os critérios utilizados foram os próprios recursos da rede social: maior número de reações e comentários mais relevantes. Assim, o capítulo de observáveis envolve a apresentação, a descrição e a análise da circulação da narrativa, a partir da identificação de marcas e operações em cada um dos materiais, e um movimento transversal que recupera os eixos centrais. Nesta etapa, iniciamos pelo documentário, embora seja o observável mais recente, pois consideramos, como movimento de seguir a circulação, partir do mais recente para o mais antigo, identificando transformações, durações e rupturas.

7 ANÁLISES DOS OBSERVÁVEIS

Neste capítulo iniciaremos as análises dos observáveis. Primeiramente, será realizada a análise do documentário; em um segundo momento, a análise das matérias do *site* G1 e, por fim, as postagens no Facebook do G1. Destacamos que, ao longo da pesquisa, alguns caminhos de análise sofreram alterações, principalmente relacionadas ao documentário, que serão relatadas no item 7.1

No documentário, a narrativa foi observada a partir de trechos com entrevistas, imagens, explicações sobre o acontecimento. Já nas reportagens, separamos frases destacadas ou trechos importantes das matérias jornalísticas, bem como nos *posts* do Facebook do G1, onde observamos os comentários e retiramos os trechos mais relevantes das narrativas que estavam sendo produzidas a partir do acontecimento. Lembramos que nossos eixos se concentram na narrativa, nas imagens e imaginário e na memória e circulação.

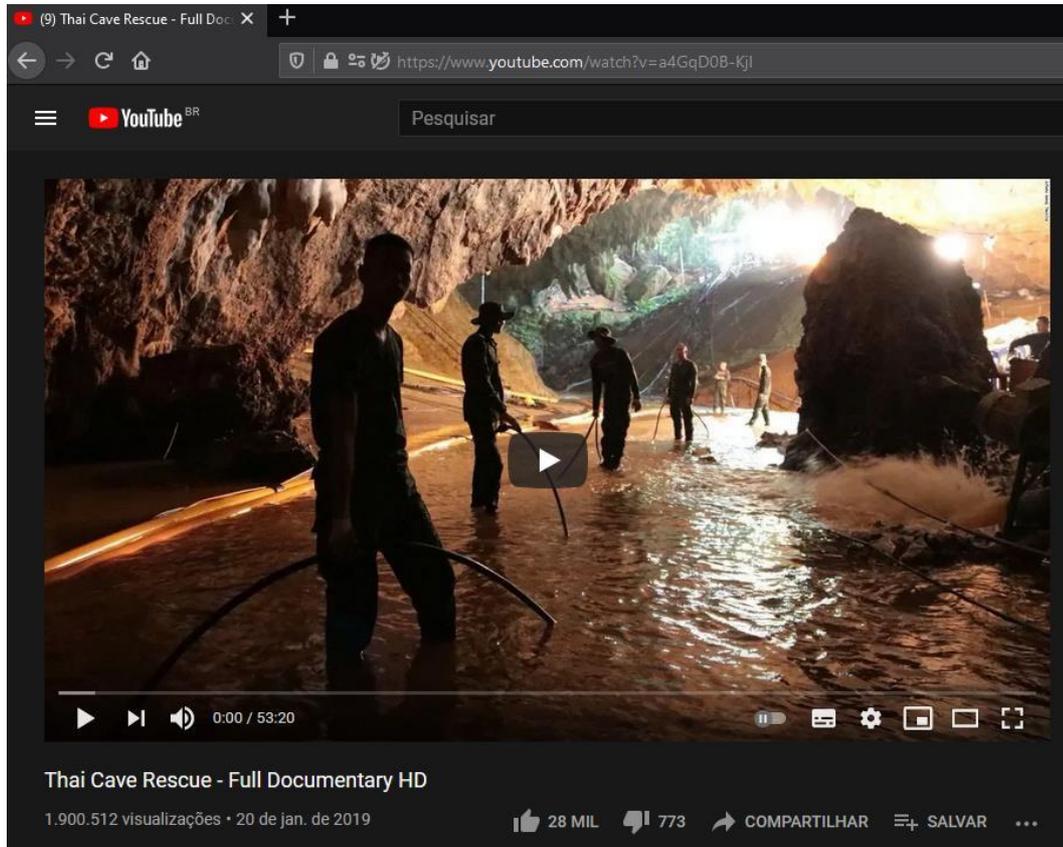
7.1 O DOCUMENTÁRIO

Desde o período em que iniciamos a análise, algumas mudanças ocorreram em nossa pesquisa devido a fatores imprevisíveis. Observamos que o documentário saiu do ar da plataforma da Netflix no ano de 2021, e acreditamos que seja pelo motivo de vencimentos de contratos entre a produtora e a Netflix. Encontramos o documentário no Youtube, plataforma onde se dá, a partir de então, o desenvolvimento da nossa análise.

No Youtube, o documentário, postado no dia 20 de janeiro de 2019, está com o nome “Thai Cave Rescue – Full Documentary HD”, no canal ADVEXON TV, e encontra-se com 1.900.512 visualizações¹⁹, 28 mil curtidas marcadas como “gostei” e 773 marcadas como “não gostei”, com um total de 1.874 comentários.

¹⁹ Data da análise, realizada em 4/5/2021.

Figura 9 – Documentário postado no Youtube dia 19 de junho de 2019



Fonte: Imagem retirada do documentário Thai Cave Rescue. YOUTUBE, 2019.

Este suposto “desaparecimento” ou deslocamento entre o tempo da qualificação e da defesa nos permite pensar: 1) sobre os fluxos e as transformações dos materiais significantes na circulação, sujeitos a tensões comerciais, políticas e sociais, e 2) como os arquivos de memória online, ainda que materialidades, propiciam a manutenção na circulação de elaborações que continuam agenciando sentido. Nota-se, por exemplo, que a não disponibilidade na Netflix não fez com que o produto audiovisual ficasse inacessível, mas mudou a forma de contato com ele. Então, se esta pode ser uma limitação de nosso observável, é também um exemplo da dinâmica a qual nos lançamos a investigar como característica da própria mediação.

7.1.1 A narrativa do documentário: um objeto em expansão

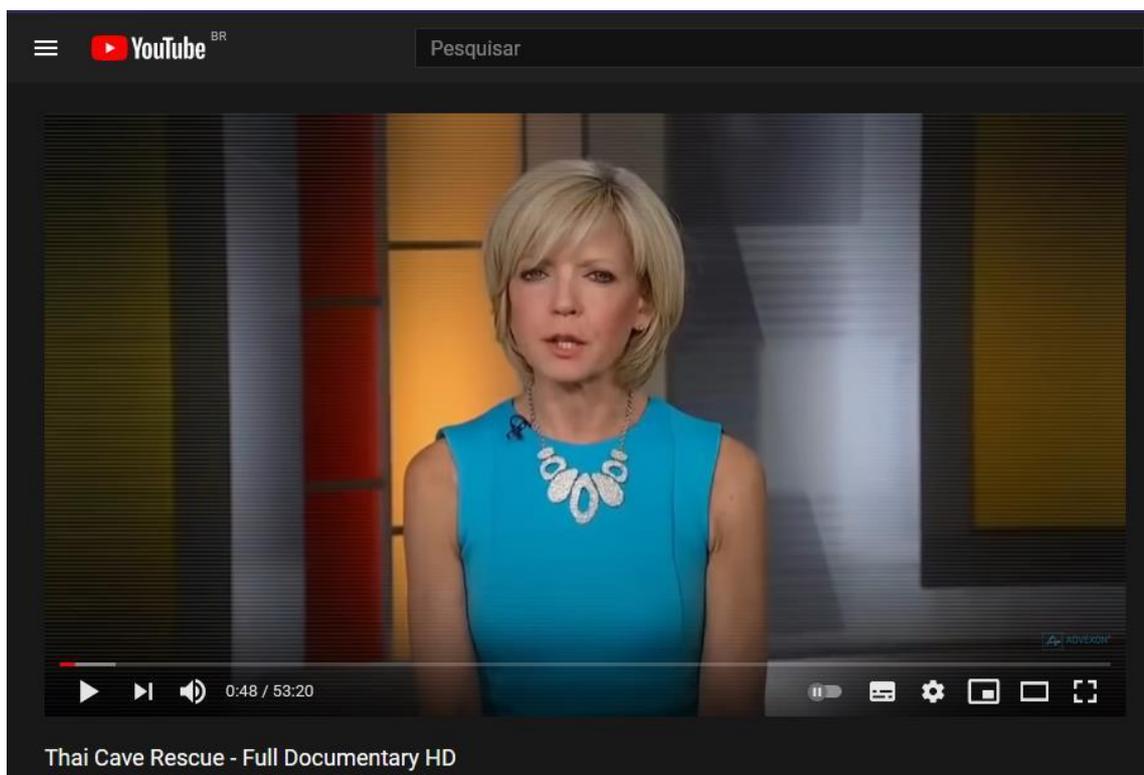
Por trás de toda a produção de um documentário existe um fazer. Cada produção traz características dos profissionais que participam de todas as etapas de criação, bem como dos momentos do acontecimento, até chegar na versão final que é exibida para o público. São

roteiros (textos), filmagens, fotografias, edição e tudo aquilo que envolve um trabalho profissional para a elaboração de um documentário. O fazer aparece na construção de cada etapa e trecho do trabalho final. Desta forma, foi possível observar essas marcas do fazer audiovisual no documentário *Thai Cave Rescue* a cada trecho, isso porque quem separa, analisa, edita, seleciona imagens, textos e vídeos e monta a construção do documentário são os profissionais envolvidos.

Podemos afirmar que dentro do documentário existem camadas de operações. Além das marcas da produção e elaboração de audiovisual, supracitadas, podemos observar as marcas do fazer jornalístico e do discurso, que surge durante o documentário exibido.

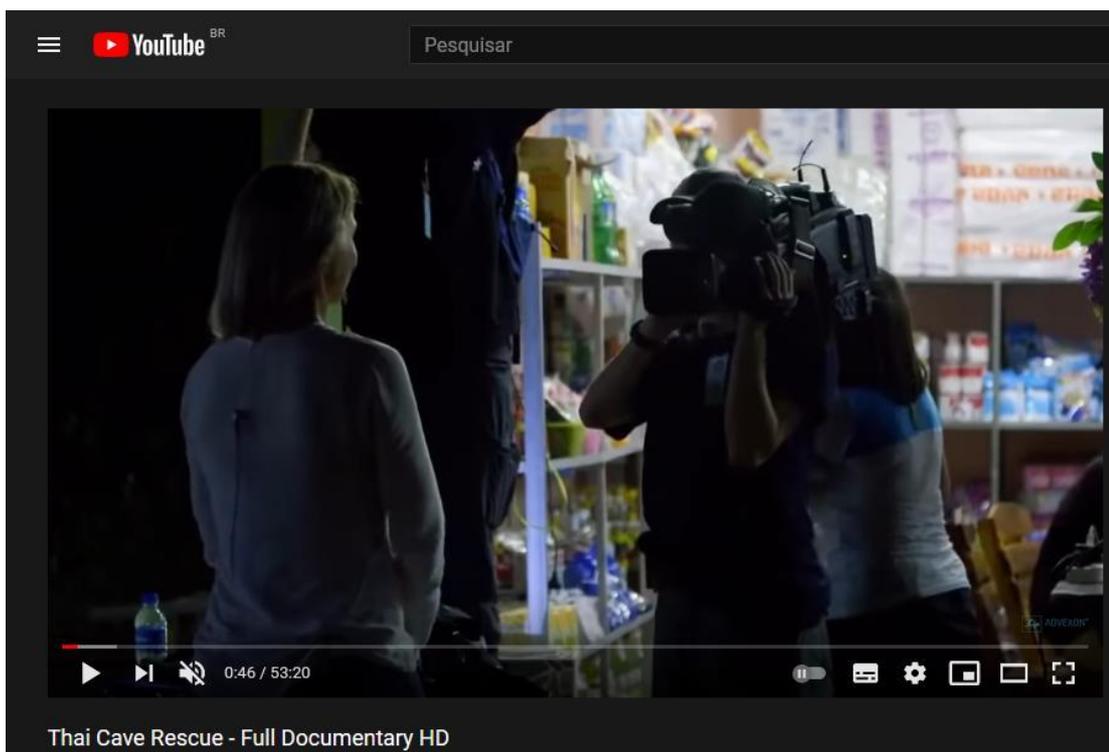
Como podemos observar nas imagens a seguir, quando o documentário resgata, utiliza e consome as imagens dos noticiários dentro da sua produção, observamos um movimento que envolve a retomada do jornalismo, ou seja, do fazer jornalístico.

Figura 10 – Início do documentário, onde o jornalismo narra o que está acontecendo



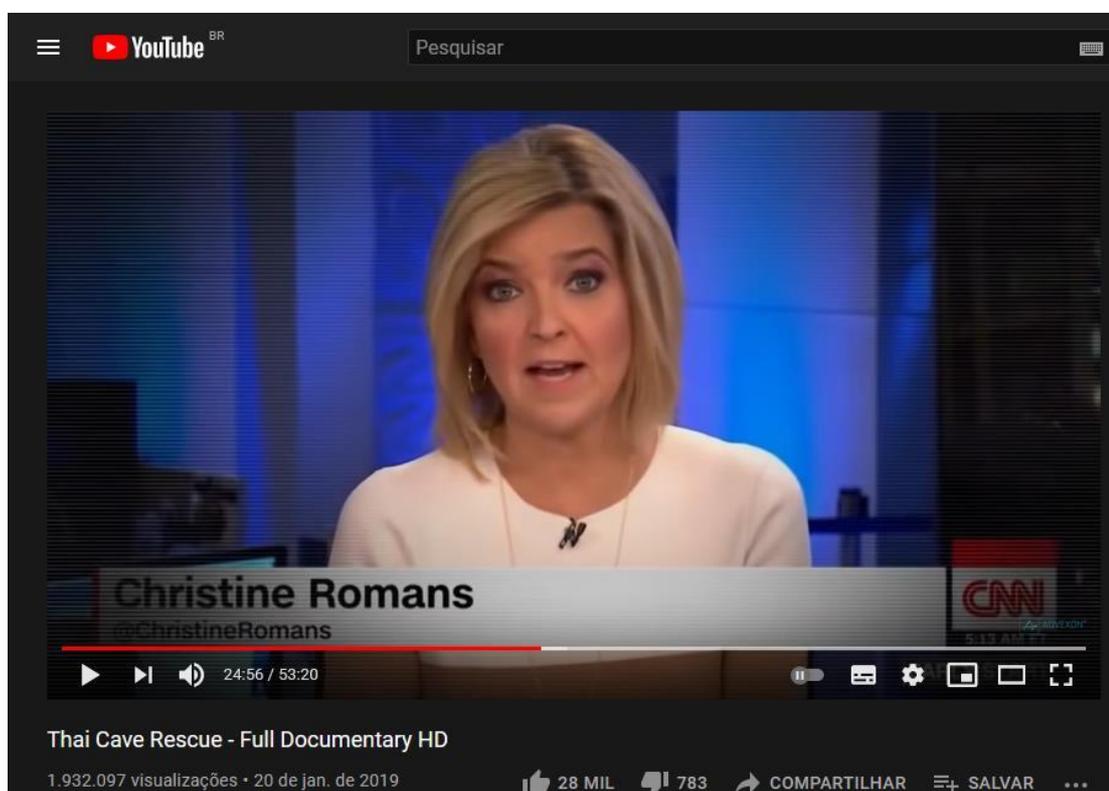
Fonte: Imagem retirada do documentário Thai Cave Rescue. YOUTUBE, 2019.

Figura 11 – Imagens dos jornalistas gravando no local do acontecimento



Fonte: Imagem retirada do documentário Thai Cave Rescue. YOUTUBE, 2019.

Figura 12 – Momento em que os jovens são encontrados, noticiado pelo jornalismo



Fonte: Imagem retirada do documentário Thai Cave Rescue. YOUTUBE, 2019.

Figura 13 – Vídeo mostrado no jornal, gravado pelo mergulhador, que marca o momento exato que os jovens foram encontrados



Fonte: Imagem retirada do documentário Thai Cave Rescue. YOUTUBE, 2019.

Figura 14 – Momento em que o jornalismo noticia que os jovens e seu treinador foram retirados com segurança da caverna



Fonte: Imagem retirada do documentário Thai Cave Rescue. YOUTUBE, 2019.

Podemos afirmar, portanto, que o documentário é um produto complexo que congrega e condensa estas camadas que são discursivas (textuais e imagéticas) como temporais, ou sejam, percebemos discursos dentro de discursos que revelam operações dentro de operações. Assim, os discursos que surgem durante o comentário exibido são dos profissionais envolvidos, familiares, amigos e, também, dos sujeitos que acompanham diariamente o acontecimento. Destacamos, no Quadro 3, a seguir, algumas marcas narrativas que aparecem no documentário.

Quadro 3 – Narrativas que estão presentes no documentário

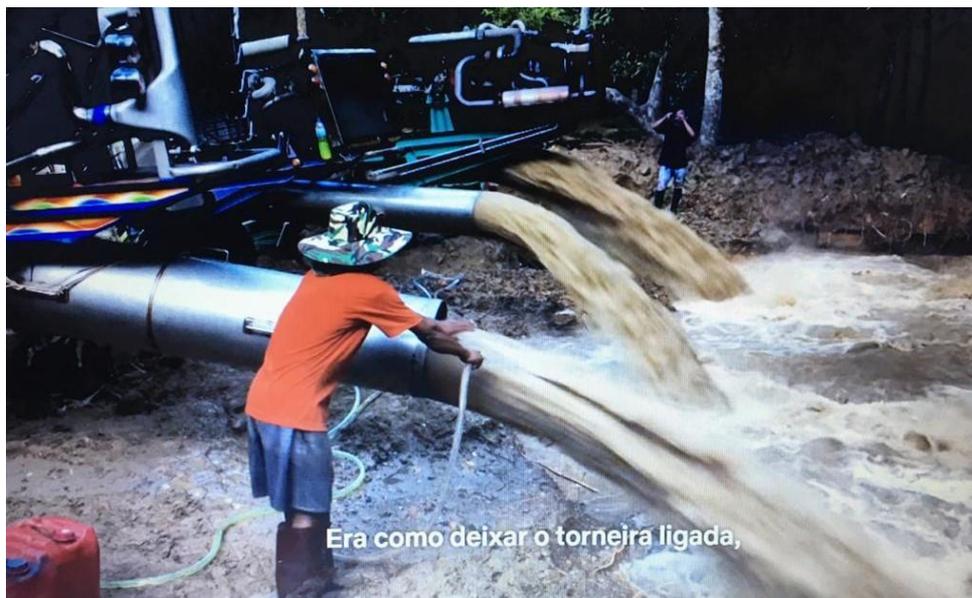
Situação/localização	Bordas real/ficção	Sentimento
“um dos ambientes mais mortais da terra é a caverna”;	“pesa delo que mobilizou o mundo”;	“pânico, missão impossível”;
“quando você está num lugar como aquele, às vezes sua mente te prega peças”.	“com a morte do mergulhador ficou muito mais real o que é estar dentro da caverna”;	“medo dos meninos morrerem de fome”;

Fonte: Documentário Thai Cave Rescue. NETFLIX, 2019. Elaborado pela autora.

Podemos perceber que todas as frases citadas tratam de uma questão de ordem emocional. São narrativas que, de algum modo, conduzem para um apelo emocional que, posteriormente, encontram-se nos comentários como uma comoção pautada pela própria narrativa.

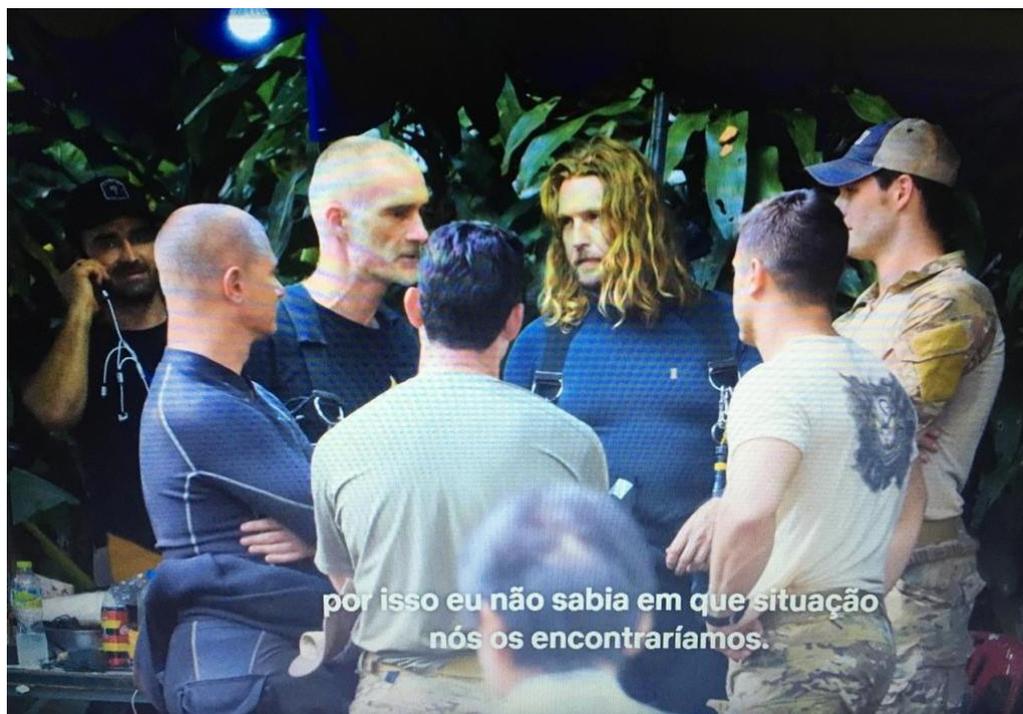
Destacamos também, nesta primeira parte, alguns aspectos relacionados a imagens e vídeos que aparecem no documentário: o fato de a produtora possuir imagens de todo o acontecimento indica uma possível intenção de, na época do ocorrido, estarem presentes no local produzindo-as com a intenção de desenvolver o documentário. Da mesma forma, possuíam imagens do mergulhador que faleceu atuando na missão do resgate. Lembramos que uma parte da análise foi iniciada na qualificação deste estudo, quando ainda olhávamos o documentário na Netflix e, por isso, algumas imagens são capturas de quando o documentário estava nesta plataforma, e as demais, agora, quando ele está no Youtube. Na sequência, são apresentados alguns exemplos destas.

Figura 15 – Momentos do local do acontecimento



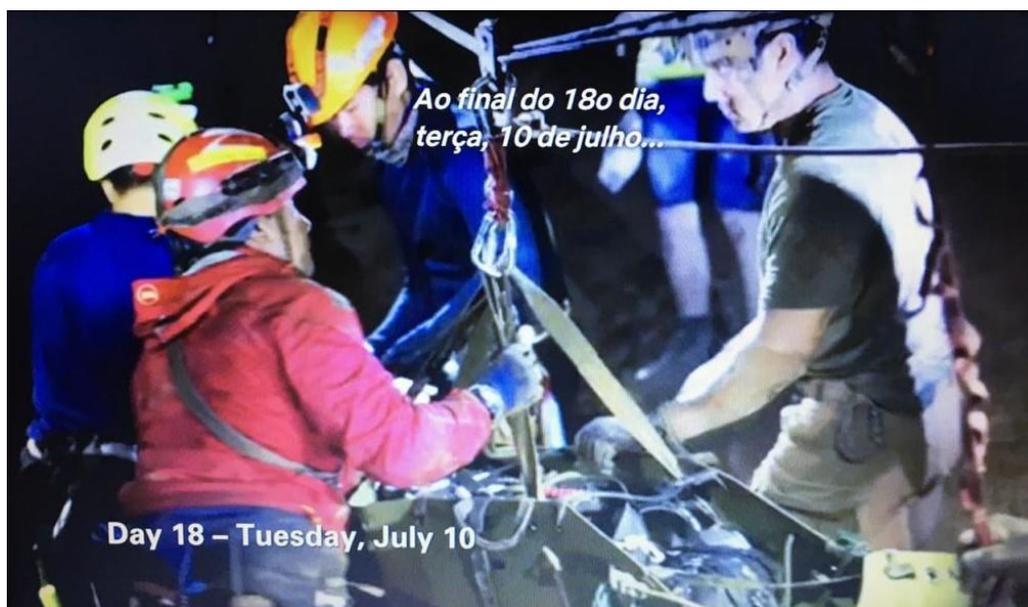
Fonte: Imagem retirada do documentário Thai Cave Rescue. NETFLIX, 2019.

Figura 16 – Momentos do local do acontecimento



Fonte: Imagem retirada do documentário Thai Cave Rescue. NETFLIX, 2019.

Figura 17 – Momentos do local do acontecimento



Fonte: Imagem retirada do documentário Thai Cave Rescue. NETFLIX, 2019.

Figura 18 – Mergulhador e ex-fuzileiro que atua va voluntariamente na missão e acabou falecendo



Fonte: Imagem retirada do documentário Thai Cave Rescue. NETFLIX, 2019.

Pelas imagens²⁰ e vídeos detalhados que aparecem no documentário, temos uma possível indicação de que a produtora estaria no local durante os dias do acontecimento, e que também tenha contado com imagens feitas no local por outras pessoas (amadores e

²⁰ No site do Nova, a informação que consta nos créditos diz “Crédito da imagem: (Chiang Rai, Tailândia)”. Disponível em: <https://www.pbs.org/wgbh/nova/video/thai-cave-rescue/>.

profissionais). São interessantes as molduras que aparecem dentro do documentário e o jogo de imagens e vídeos, juntando vídeos de noticiários do mundo inteiro informando sobre o acontecimento. Utiliza-se, ainda, neste estudo, de vídeos gravados pelos mergulhadores e socorristas, listados a seguir.

Figura 19 – Imagem do noticiário informando sobre o acontecimento



Fonte: Imagem retirada do documentário Thai Cave Rescue. NETFLIX, 2019.

Figura 20 – Imagem do noticiário informando sobre o acontecimento



Fonte: Imagem retirada do documentário Thai Cave Rescue. NETFLIX, 2019.

Figura 21 – Imagem feita por mergulhadores e socorristas durante o acontecimento



Fonte: Imagem retirada do documentário Thai Cave Rescue. NETFLIX, 2019.

Figura 22 – Imagem feita por mergulhadores e socorristas durante o acontecimento



Fonte: Imagem retirada do documentário Thai Cave Rescue. NETFLIX, 2019.

Destacamos aqui, com base nas imagens apresentadas, três movimentos vinculados à midiatização: a) a circulação intermediária; b) a correferência – um veículo que cita outro; e

c) as fagias midiáticas e sociais (ROSA, 2016), e, para tanto, identificamos os aspectos e exemplos destes itens no Quadro 4, a seguir.

Quadro 4 – Movimentos vinculados à mediação

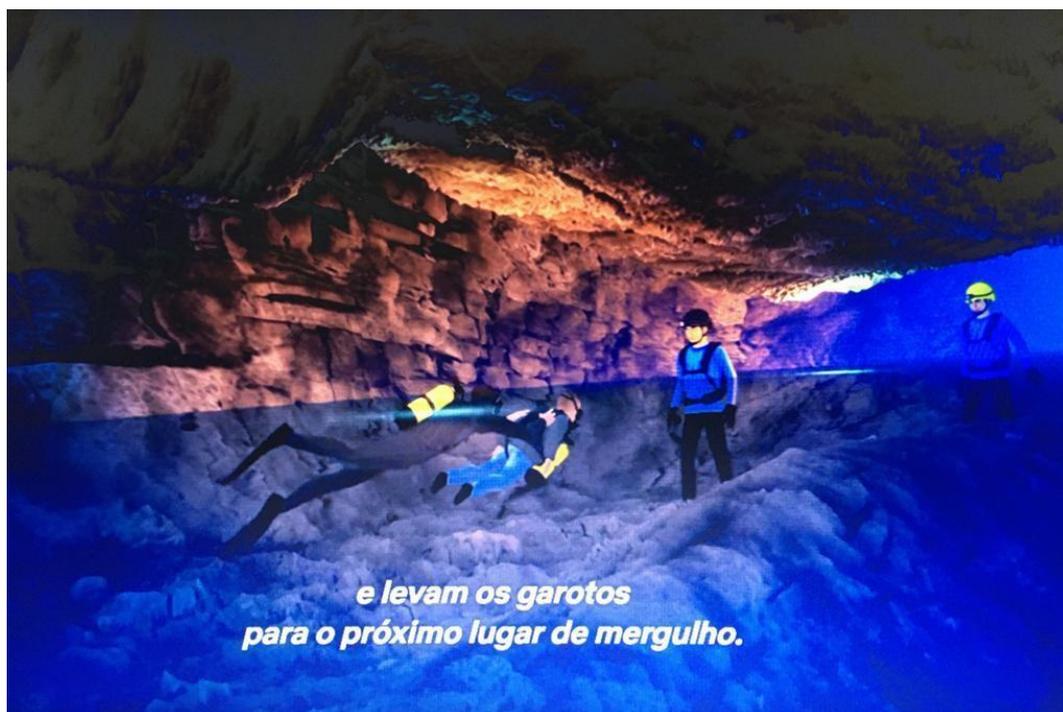
a) a circulação intermediária	b) a correferência	c) as fagias midiáticas e sociais
<p>Informações que estão no documentário, mas também têm relação com os noticiários. Mesmo após dois anos do acontecimento, as narrativas que vão sendo construídas para contar o acontecimento no documentário, mantendo ativa a recirculação do caso.</p>	<p>O documentário se utiliza de informações que são de outros veículos, por exemplo, as imagens dos noticiários que correm o mundo.</p>	<p>Através do documentário vai se criando uma replicação do acontecimento; as pessoas vão comentando sobre o acontecimento e, assim, criam-se novas narrativas e um fluxo de informações a respeito disso.</p>

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Observamos, durante o documentário, que a tecnologia foi extremamente importante para que o resgate tivesse êxito e os meninos saíssem com vida da caverna. Do mesmo modo, a tecnologia é indispensável para possibilitar o acesso ao documentário, mantendo, assim, o acontecimento em circulação.

Imagens ilustrativas para explicar como se sucederam os processos dentro da caverna, também são importantes para o melhor entendimento do espectador. O documentário também articula imagens prontas, feitas no local, com narrativas dos profissionais envolvidos, gravadas depois do acontecimento.

Figura 23 – Imagem ilustrativa sobre o acontecimento



Fonte: Imagem retirada do documentário Thai Cave Rescue. NETFLIX, 2019.

Figura 24 – Imagem ilustrativa sobre o acontecimento



Fonte: Imagem retirada do documentário Thai Cave Rescue. NETFLIX, 2019.

Podemos chamar o documentário de ficcional, mesmo trazendo fatos reais, pois nele aparece a reconstrução do acontecimento a partir de ilustrações com imagens reais e, para

chamar a atenção dos espectadores, acrescenta-se na produção um tom de suspense durante as narrativas dos profissionais que vão contando como decorreu o acontecimento. Assim, podemos inferir que o documentário realiza uma operação de encadeamento a partir do momento em que organiza os sentidos em circulação sobre o ocorrido, porém, para desenvolver esta operação assume uma postura de consumo-produtivo, pois consome as elaborações jornalísticas das instituições não midiáticas (equipe de resgate, governo), além da repercussão, para gerar um novo produto, o documentário. Esta nova produção carrega as marcas anteriores, mas, ao encadear os sentidos, dando a eles uma narrativa entre o ficcional e o registro, acaba por reatualizar o acontecimento, perlaborando-o. Além disso, adiantamos que, tanto no documentário quanto nas reportagens, é possível observar a emoção dos envolvidos no acontecimento, e é esta emoção um dos fatores que assegura a continuidade dos fluxos, ou seja, o acontecimento mobiliza os sentidos.

7.1.2 Os atores agenciam circuitos na página do documentário

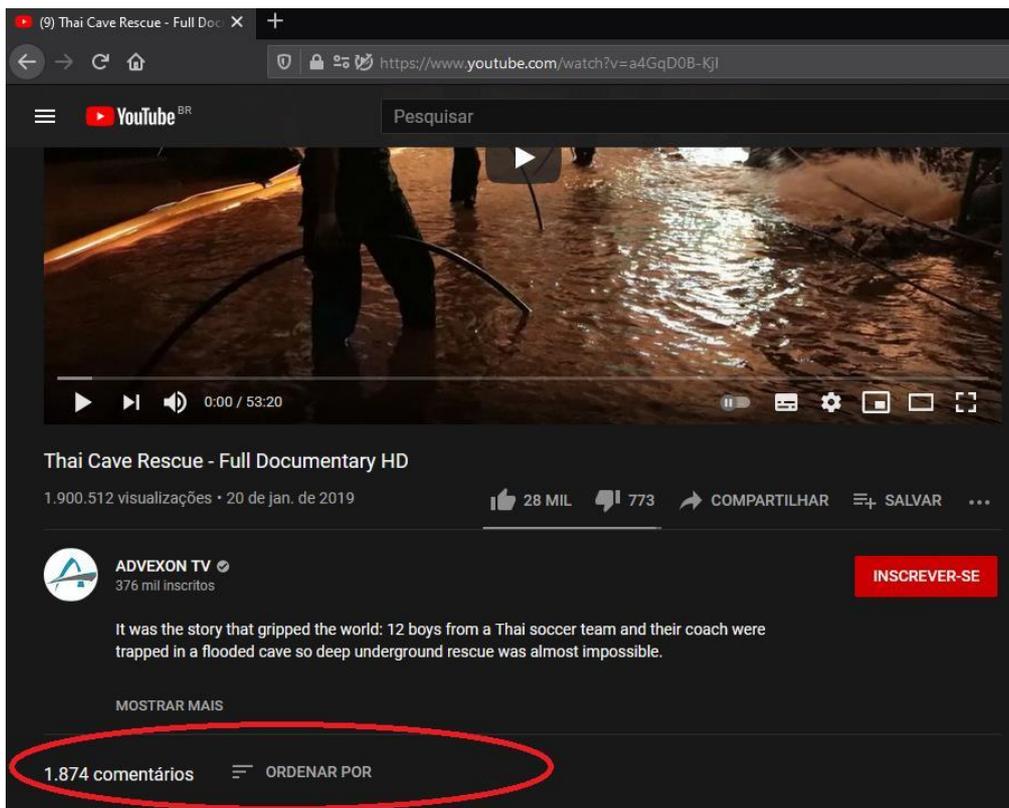
Os atores sociais têm um papel relevante na circulação de acontecimentos. Se fazem importantes ao reverberar o acidente, não somente no momento inicial do acontecimento, como também no passar dos meses e anos. No caso dos jovens tailandeses, não é diferente.

A seguir, são apresentados os comentários dos atores sociais, produzidos a partir do documentário. Elencamos como critério para o desenvolvimento da análise ²¹ os comentários mais relevantes no vídeo. É importante destacar que no Youtube, conforme a ordem que aparece quando selecionamos “comentários com mais relevância”, nem sempre aqueles com maior número de curtidas aparecem em primeiro lugar.

Para realizar a análise dos discursos, que dão a ver as narrativas do acontecimento, foi utilizado o critério “principais comentários”, opção que o próprio Youtube disponibiliza para os usuários escolherem quais comentários querem ver. Assim, dos 1.874 comentários, vamos utilizar por ordem, dos que aparecem primeiro, selecionando a opção “principais comentários”.

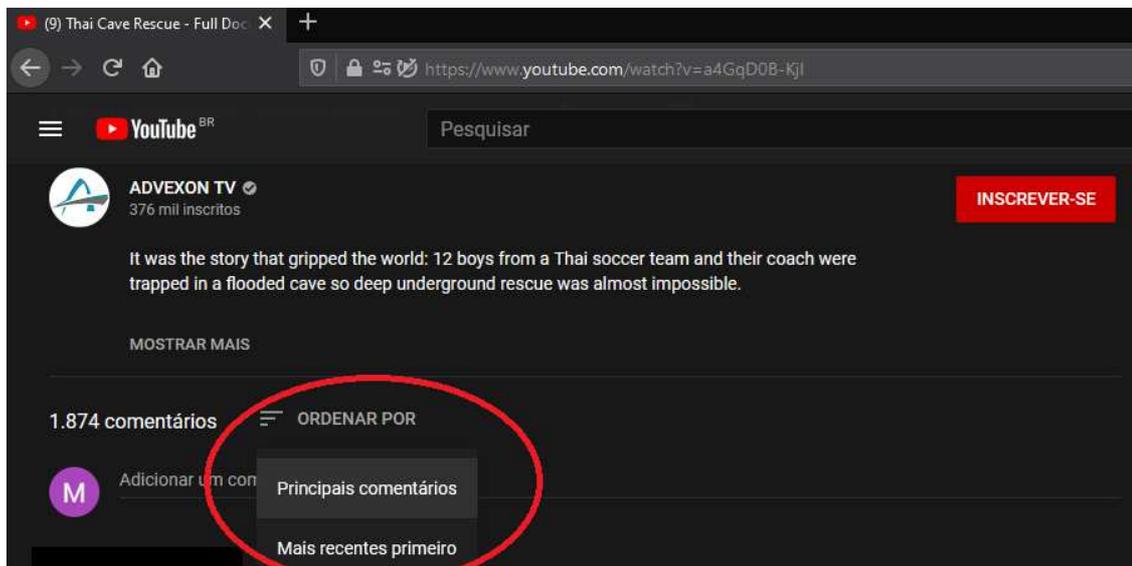
²¹ Os números usados para esta análise são referentes à data 4/5.

Figura 25 – Informações sobre o documentário



Fonte: Thai Cave Rescue – documentário postado no Youtube.

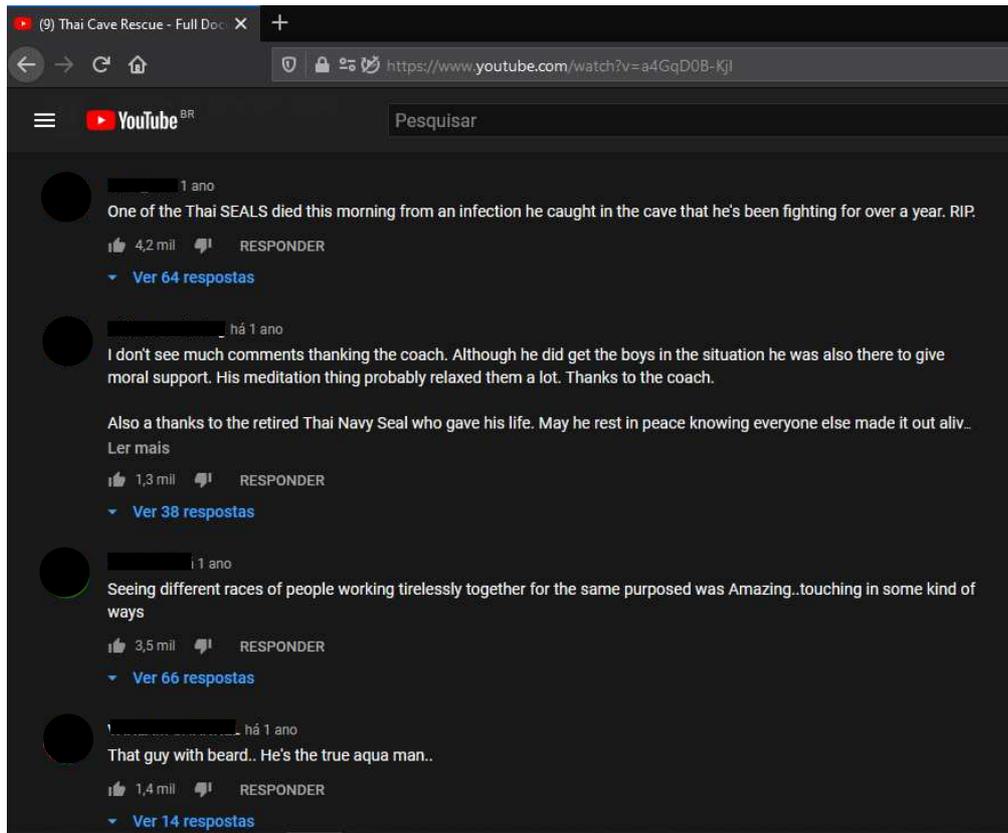
Figura 26 – Informações sobre o documentário



Fonte: Thai Cave Rescue – documentário postado no Youtube.

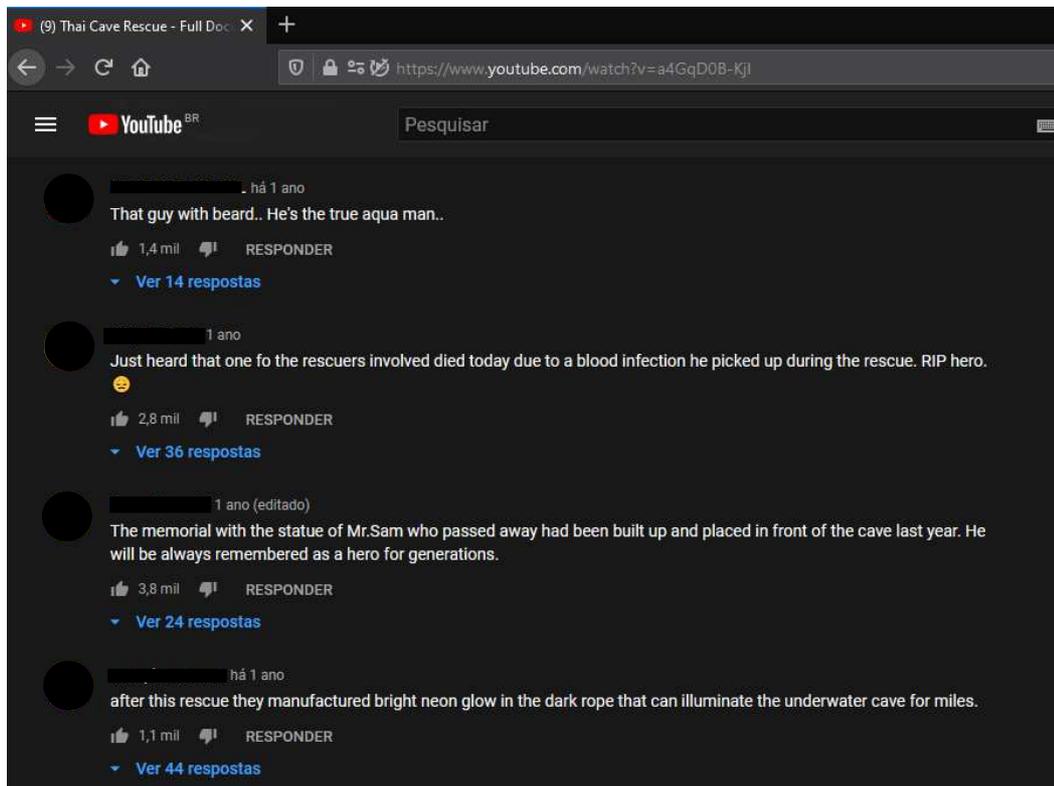
Nas imagens a seguir (Figuras 27, 28 e 29), estão expostos os primeiros 11 comentários que aparecem com a opção “mais relevantes”.

Figura 27 – Principais comentários



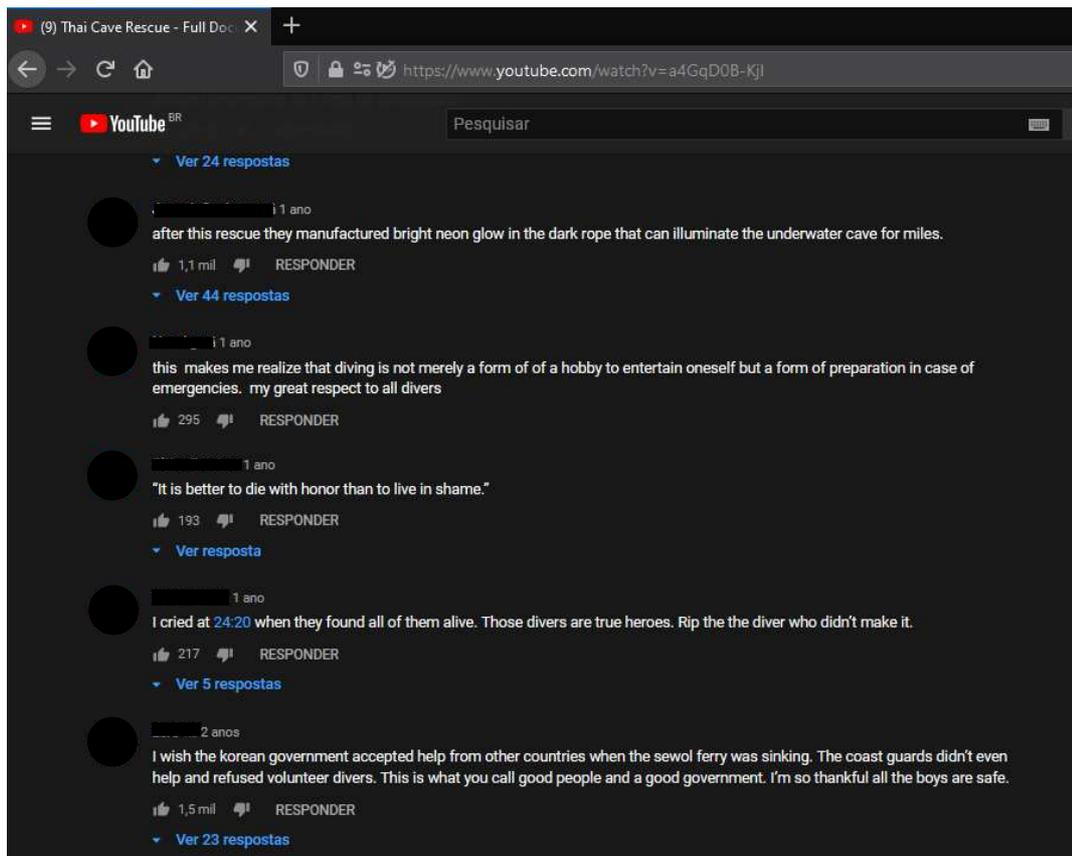
Fonte: Thai Cave Rescue – documentário postado no Youtube.

Figura 28 – Principais comentários



Fonte: Thai Cave Rescue – documentário postado no Youtube.

Figura 29 – Principais comentários



Fonte: Thai Cave Rescue – documentário postado no Youtube.

Podemos afirmar que, após a observação dos discursos, verificamos algumas narrativas parecidas em muitos momentos, inscritas pelos atores sociais nos comentários. A seguir, são apresentadas as traduções, bem como a quantidade de curtidas e de respostas de cada comentário, o período em que ocorreu e, por fim, é feito o agrupamento das mesmas em conjuntos semelhantes.

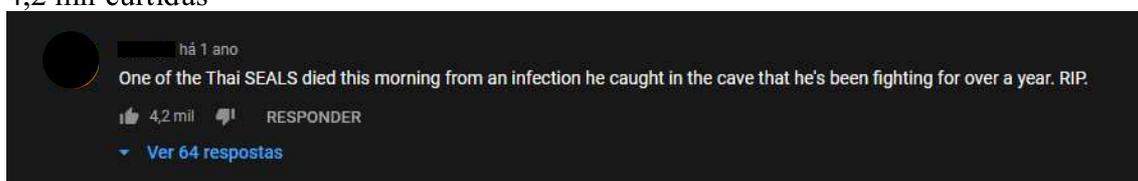
Neste 1º conjunto, destacamos os comentários 1 e 5, que versam sobre a história do socorrista que, após um ano do resgate morreu, ao contrair uma infecção na operação:

Comentário 1 – (sujeito a)

há um ano: Um dos SEALs tailandeses morreu esta manhã de uma infecção que pegou na caverna que ele luta há mais de um ano. RIP.

(64 respostas)

4,2 mil curtidas

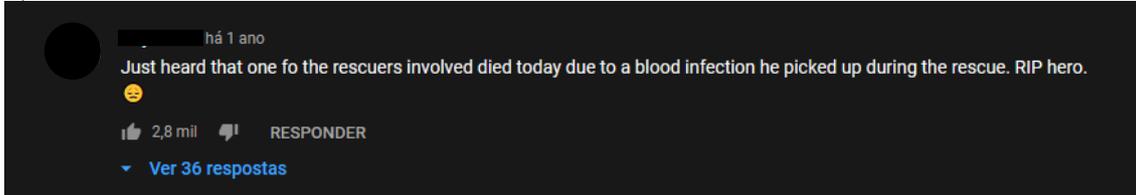


Comentário 5 – (sujeito b)

há 1 ano: Acabei de ouvir que um dos resgatadores envolvidos morreu hoje devido a uma infecção no sangue que contraiu durante o resgate. Herói RIP. 😞

(36 respostas)

2,8 mil curtidas



O 2º conjunto se refere aos heróis envolvidos no resgate. O comentário 2 faz um agradecimento ao treinador e ao mergulhador que faleceu. Podemos incluir, também, neste conjunto, os comentários 6, 9 e 10, que tratam sobre a morte. Eles chamam o mergulhador que faleceu de herói, e também a todos os profissionais que participaram do resgate. Um deles escreveu a frase “É melhor morrer com honra do que viver com vergonha”.

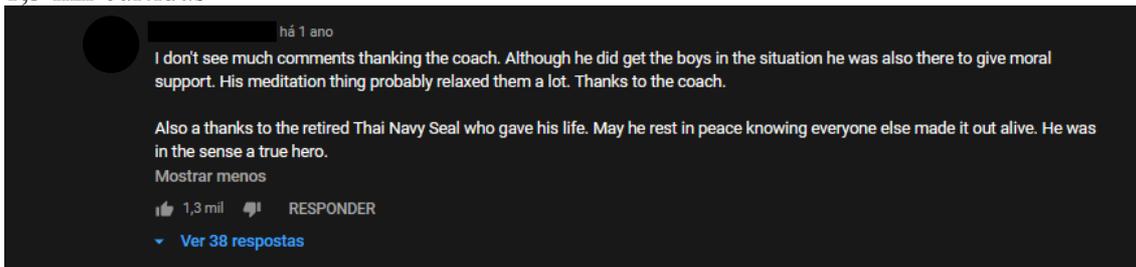
Comentário 2 – (sujeito c)

há 1 ano: Não vejo muitos comentários agradecendo ao treinador. Embora tenha colocado os meninos nessa situação, ele também estava lá para dar apoio moral. Sua coisa de meditação provavelmente os relaxou muito. Obrigado ao treinador.

Também um agradecimento ao aposentado Seal da Marinha da Tailândia que deu sua vida. Que ele descanse em paz sabendo que todos os outros sobreviveram. Ele era no sentido um verdadeiro herói.

(38 respostas)

1,3 mil curtidas

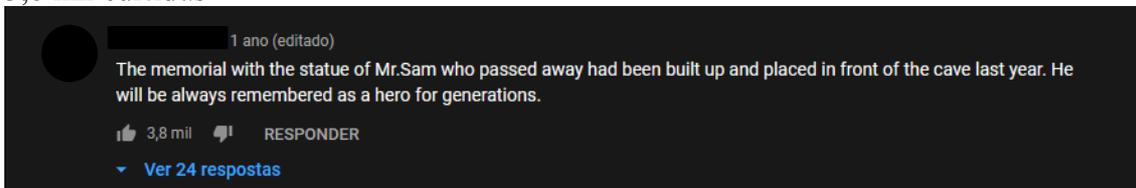


Comentário 6 – (sujeito d)

há 1 ano (editado): O memorial com a estátua do Sr. Sam que faleceu foi erguido e colocado em frente à caverna no ano passado. Ele será sempre lembrado como um herói por gerações.

(24 respostas)

3,8 mil curtidas

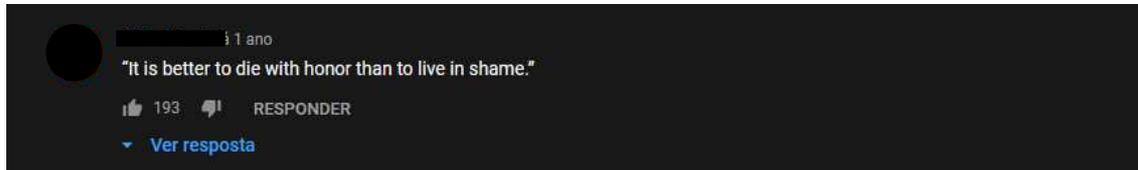


Comentário 9 – (sujeito e)

há 1 ano: “É melhor morrer com honra do que viver com vergonha”.

(0 respostas)

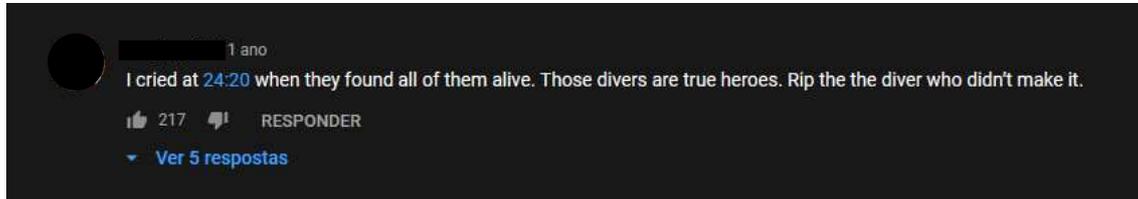
193 curtidas

**Comentário 10 – (sujeito f)**

há 1 ano: Chorei às 24:20 quando eles encontraram todos eles vivos. Esses mergulhadores são verdadeiros heróis. Rasgue o mergulhador que não conseguiu.

(5 respostas)

217 curtidas



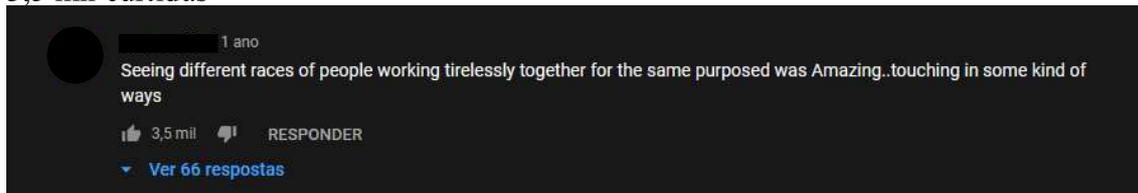
O 3º conjunto, por meio do comentário 3, cita o assunto da solidariedade, e elogia o fato de todos trabalharem unidos. O 4º conjunto, mostrado no comentário 4, elogia o desempenho de um mergulhador que participou da operação e o chama de “homem água”.

Comentário 3 – (sujeito g)

há 1 ano: Ver diferentes raças de pessoas trabalhando incansavelmente juntas com o mesmo propósito foi incrível .. tocar de alguma forma

(66 respostas)

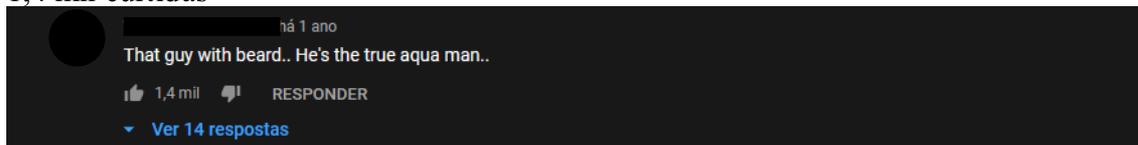
3,5 mil curtidas

**Comentário 4 – (sujeito h)**

há 1 ano: Aquele cara com barba .. Ele é o verdadeiro homem água ..

(14 respostas)

1,4 mil curtidas



O comentário 7, incluído no 5º conjunto, fala sobre uma corda, fabricada após o acontecimento, que ilumina a caverna por quilômetros. O 6º conjunto, por meio do

comentário 8, traz uma curiosidade e manifesta o fato de o mergulho ser uma forma de preparação para um resgate de emergência. Ainda, expressa o respeito a todos os mergulhadores.

Comentário 7 – (sujeito i)

há 1 ano: após esse resgate, eles fabricaram um brilho de néon brilhante na corda escura que pode iluminar a caverna subaquática por quilômetros.

(44 respostas)

1,1 mil curtidas

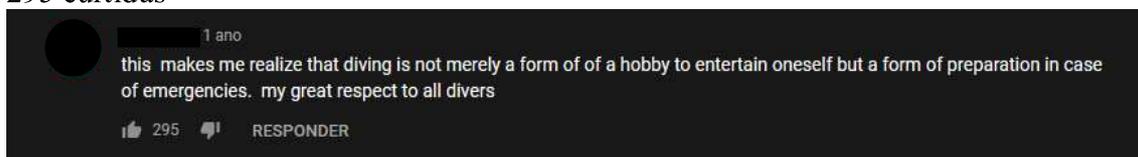


Comentário 8 – (sujeito j)

há 1 ano: isso me faz perceber que o mergulho não é apenas uma forma de hobby para se divertir, mas uma forma de preparação em caso de emergência. meu grande respeito a todos os mergulhadores

(0 respostas)

295 curtidas



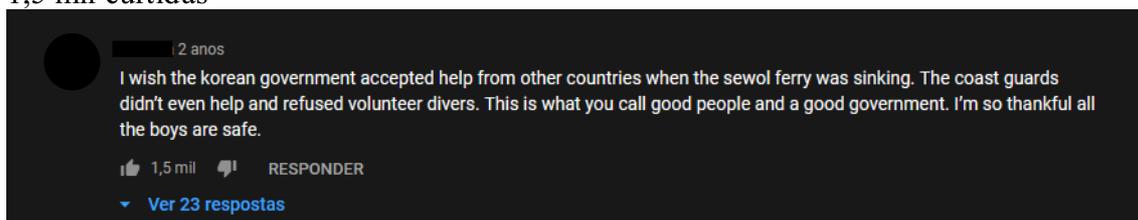
O 7º e último conjunto, por meio do comentário 11, expressa sobre a atitude positiva do governo ao aceitar ajuda de outros países, e comemora o fato de todos os meninos estarem seguros.

Comentário 11 – (sujeito l)

há 2 anos: Eu gostaria que o governo coreano aceitasse ajuda de outros países quando a balsa sewol estava afundando. A guarda costeira até ajudou e recusou mergulhadores voluntários. Isso é o que você chama de boas pessoas e um bom governo. Estou muito grato por todos os meninos estarem seguros.

(23 respostas)

1,5 mil curtidas



Podemos dizer que estes sujeitos mobilizam, como memória e imaginário, o acontecimento em diversos comentários: a) o acontecimento é revisitado, mas destaca-se não a vida dos meninos em si, mas o heroísmo dos salvadores; b) alguém menciona o papel do treinador, um sujeito pouco abordado na narrativa do episódio; c) os atores atualizam o documentário, ao falar da morte de um dos mergulhadores (seals) por infecção; e, d) há um sentimento de gratidão, do milagre da vida que se reitera.

Por fim, uma comentarista menciona eu “chorei” (conjunto 2), e isso significa que há uma possibilidade, criada pelo documentário, de reviver a experiência da observação do acontecimento; este espaço acaba se tornando um lugar de interações, onde é possível compartilhar e comentar sobre o fato, sobre o sentir. A narrativa aqui exposta ganha dois contornos: a) rememoração do acontecimento; e b) atualização, porém, não há referência ao filme documentário (algo como “amei esse documentário”) e, sim, ao fato que comporta, ou seja, os atores não separam a produção audiovisual do que foi o acontecimento e, portanto, realidade e ficção se hibridizam e logo viram um só.

7.2 A NARRATIVA JORNALÍSTICA: OS FLUXOS 2018 A 2021

Neste item tratamos um pouco sobre as marcas e operações das narrativas do jornalismo, bem como dos depoimentos que se tornam fonte de informações para estas produções jornalísticas. É importante destacar que a escolha das fontes, pelo jornalista, e seus tipos de narrativas são uma importante composição das reportagens e também do documentário. Esta escolha oferece pistas de operações de elaboração de sentido sobre quais sujeitos são convidados a participar do processo de enunciação do acontecimento e, logo, de sua elaboração. Temos, assim, um fazer profissional do jornalismo que afeta a circulação de sentidos, ao decidir as vozes autorizadas a narrar. Neste aspecto, a construção jornalística envolve um conjunto de decisões, de marcas e estratégias que são típicas, como a escolha das manchetes e das legendas, a ênfase a uma ou outra fonte, as imagens, os quadros e infográficos.

Charaudeau (2006) afirma que a maneira de relatar pode ser realizada de diferentes formas, o que é delineado a seguir, a partir das definições do autor, nos Quadros 5 e 6, nos quais são apresentadas as formas e os principais tipos de fontes (atores sociais).

Quadro 5 – Formas e principais tipos de fontes

Citando	Integrando	Narrativizando
O dito de origem que é relatado, mais ou menos integralmente, numa construção que se apresenta como a reprodução fiel do que foi enunciado, com marcas de autonomia no dizer do locutor que relata. As marcas mais usadas são os dois pontos e as aspas.	Parcialmente o dito de origem, na terceira pessoa, ao dizer daquele que relata, com modificações no enunciado de origem: os pronomes e o tempo verbal dependem não do momento de enunciação de origem, mas do momento de enunciação do locutor que relata.	O dito de origem que é relatado, de tal maneira que se integre totalmente, ou mesmo desapareça, no dito de quem relata. O locutor do dito de origem torna-se agente de um ato de dizer.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de CHARAUDEAU, 2006.

Quadro 6 – Formas e principais tipos de fontes

Eleitos	Especialistas	Cidadãos
Representando a instituição política, produzem uma fala que se petrifica numa linguagem mais ou menos codificada, compreensível apenas pelos iniciados, desafiando sempre os mesmos julgamentos, as mesmas apreciações, os mesmos argumentos; essa linguagem, apesar de sua aparente simplicidade, tem o efeito de ofuscar o cidadão de base.	São considerados representantes do saber, pronunciando-se fora do campo do poder, sem restrições, sem nenhuma pressão, qualquer que seja. Na realidade, agem com total independência. Ora estão ligados ao poder, porque foram chamados ou nomeados por um governo, ora estão ligados às mídias, pelo fato de que, solicitados a pronunciar-se, sabem como devem falar de uma determinada maneira e, a o mesmo tempo, exibir-se como um “bom especialista”	Dividem-se em duas categorias: cidadão vítima ou reivindicador, ou o do cidadão testemunha. A primeira explica-se pelo fato de que, na qualidade de minoria anônima, o cidadão só se torna interessante ao sofrer, vítima de uma injustiça social ou de uma desgraça do destino, ou se clama por reparação e chega a brigar para obtê-la. A segunda, a da testemunha, está ainda mais ausente. Quer sejam atores, quer sejam observadores, são apenas representantes arquetípicos de uma categoria; são seres sem rosto, indivíduos sem personalidade, sem afetividade, sem opiniões, sem outra identidade a não ser a de testemunha.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de CHARAUDEAU, 2006.

Alguns acontecimentos midiáticos, como são os casos dos acidentes e tragédias, nos causam uma comoção social, despertando sentimentos de insegurança e incertezas, uma vez que a sociedade possui um estado “normal” ou um “estável”, e quando isso é rompido surge um desconforto.

Por se tratar de um acontecimento com a presença de crianças, o acidente com os Javalis Selvagens preocupou ainda mais os envolvidos e, da mesma forma, o jornalismo e seus leitores. Observamos que nas reportagens há um enquadramento que valoriza as crianças, trazendo sempre em seus discursos sobre como elas estavam enxergando a situação e como esperavam que aquilo terminasse.

Também, com um possível intuito de comover leitores e o público que acompanhou o acontecimento, muitas vezes as reportagens traziam discursos de familiares que estavam no local do acidente e de profissionais que trabalhavam diariamente na ocorrência. Para manter

os leitores engajados, as reportagens operavam de uma maneira em que sempre eram atualizadas, buscando novidades e informações complementares sobre o acontecimento, que surgiam no decorrer da apuração e produção das notícias. É importante destacar que os aspectos inferidos integram o sentido de lógicas de mídia e midiatização. Braga (2014) afirma que

para aprender as lógicas de aparatos tecnológicos deve-se observar o que ocorre ali como interação e compreender ocorrências singulares ou específicas. Tratar lógicas da tecnologia é descrever como as interações associadas obedecem a elas, mas também as transformam (p. 7).

Neste texto, Braga (2014) descreve diversas lógicas de processos sociais e lógicas de mídia relacionadas ao processo de midiatização da sociedade, assunto este que pretendemos verificar em profundidade ao longo deste trabalho, no que diz respeito às operações e lógicas mobilizadas para manter um acontecimento no fluxo da circulação, ressignificando-o. Destacamos que o documentário e as reportagens observados nesta pesquisa possuem informações únicas, narrativas e detalhes diferentes, por exemplo, uma informação que aparece no documentário não aparece nas reportagens: é a história do mergulhador que ficou com o capacete preso. Mesmo assim, às vezes, ambos utilizam as mesmas imagens e vídeos. Assim como no documentário, as reportagens utilizam imagens e vídeos que foram feitas durante todo o acontecimento.

Isto quer dizer que, em alguns momentos vemos no documentário uma recuperação do trabalho jornalístico, e, em outros, vemos uma tentativa de ficcionalização da história. Ao mesmo tempo em que o produto audiovisual tem um tom informativo, também mostra em sua produção um suspense e, assim, articula as práticas do jornalismo com o ficcional e com o drama da própria história.

Isso nos leva a pensar que, assim como o jornalismo (reportagens), o documentário também estava tentando reproduzir o acontecimento com um intuito informativo, mas com uma outra visão, como já afirmamos, voltada mais para o ficcional, ou seja, o acontecimento é constantemente reelaborado. É importante destacar, igualmente, que as matérias do G1 trazidas para análise contam com informações de outros noticiários e meios de comunicação, bem como com fotos e vídeos também de outras instituições.

7.2.1 A prática jornalística de narrar o acontecimento

Para discorrer sobre as matérias jornalísticas que serão analisadas, escolhemos o critério temporal a partir das notícias que traziam os pontos altos do acontecimento: o primeiro refere-se a do dia em que os jovens foram dados como desaparecidos e de quando foram encontrados; o segundo, quando ocorreu a morte do mergulhador voluntário; o terceiro, uma matéria do final, quando temos o desfecho do resgate; e, por fim, o quarto e último, sobre uma matéria atual, que inova o acontecimento, anos após a sua ocorrência. Assim, teremos uma construção narrativa do acontecimento, com quatro pontos de virada da ocorrência.

Para descrever sobre a primeira virada, as matérias apresentadas agora são as que se sucederam após o desaparecimento dos 12 meninos e do seu treinador até o momento em que foram encontrados. A primeira ²², com o título “Buscas por 12 crianças que sumiram em caverna da Tailândia entram no 7º dia”, do dia 30/6/2018, relata o trabalho das equipes de resgate em uma busca incansável para encontrar os jovens. O trecho “Bicicletas, calçados e outros pertences dos desaparecidos foram encontrados no último sábado na entrada da gruta por um grupo de oficiais do Parque Natural Tham Luang-Khun Nam Nang, na província de Chiang Rai”, nos oferece indícios das pistas que todos seguiam para encontrar os jovens e das informações que estavam sendo divulgadas para tranquilizar as pessoas. Podemos dizer que, a partir dessas informações, a ideia de “estamos aqui procurando e vamos encontrar” era o que queria ser transmitido a quem acompanhava o caso, como uma forma de as pessoas não perderem as esperanças. Esta matéria contém apenas imagens.

²² Matéria disponível no link: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/buscas-por-12-criancas-que-sumiram-em-caverna-da-tailandia-entram-no-7o-dia.ghtml>.

Figura 30 – Trecho da matéria “Buscas por 12 crianças que sumiram em caverna da Tailândia entram no 7º dia”



Soldados participam de operações de resgate na caverna Tham Luang, na Tailândia, nesta sexta-feira (29) — Foto: Lillian Suwanrumpha / AFP

As equipes de resgate, apoiadas por militares, policiais e analistas internacionais, continuam buscando 12 crianças que integram um time de futebol, e o seu treinador, desaparecidos há uma semana em uma caverna do norte da Tailândia.

Fonte: Matéria retirada do Website G1.

Já a notícia intitulada²³ “Jovens e treinador perdidos em caverna na Tailândia são encontrados com vida”, do dia 2/7/2018, marcam o fim da primeira fase do acontecimento: de desaparecidos há 10 dias a todos encontrados com vida e bem. A matéria contém imagens sobre o momento de comemoração e vídeo do momento do resgate.

²³ Matéria disponível no link: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/jovens-e-treinador-presos-em-caverna-na-tailandia-sao-encontrados-com-sinais-de-vida-diz-governo-local.ghtml>.

Figura 31 – Foto e vídeo da matéria “Jovens e treinador perdidos em caverna na Tailândia são encontrados com vida”



TV pública tailandesa noticia que os 12 jovens e o treinador que estavam perdidos em caverna foram encontrados — Foto: Reprodução/Thai PBS



Jovens e treinador perdidos em caverna na Tailândia são encontrados com 'sinais de vida'

Fonte: Matéria retirada do Website G1.

A matéria traz a informação sobre o vídeo gravado dos jovens no momento em que foram encontrados:

(...) os primeiros a chegar ao local onde eles estão foram os mergulhadores britânicos John Volanthen e Richard Stanton. No vídeo em que registraram o momento do encontro, é possível ouvir suas vozes conversando com o grupo. Eles perguntam: "quantos vocês são?" e ouvem como resposta "treze", confirmando que todos estão vivos. Os mergulhadores explicam então que são apenas os primeiros e que não vão poder retirar os meninos naquele momento, mas que muitas outras pessoas virão para resgatá-los (Website G1).

A matéria destacava, também, que o resgate poderia demorar muitas horas, o que significa que na matéria já havia indícios de que seria muito difícil retirá-los de dentro da caverna, como podemos conferir no trecho a seguir:

Figura 32 – Trecho retirado da matéria “Jovens e treinador perdidos em caverna na Tailândia são encontrados com vida”

MUNDO

A operação é considerada difícil porque os meninos e o treinador terão que mergulhar para sair da caverna, e especialistas dizem que é sempre delicado quando um resgate envolve o mergulho de não profissionais, especialmente de pessoas debilitadas, como é o caso do grupo. Por isso, é bastante provável que eles precisem receber alimentos, hidratação e primeiros socorros no próprio local antes de serem retirados.

Fonte: Matéria retirada do Website G1.

Por fim, a reportagem apresenta um breve resumo, lembrando como os jovens e seu treinador ficaram presos no local, após tentarem se abrigar de uma forte chuva. Além disso, estão também presentes no texto alguns infográficos que mostram o mapa da caverna e os pontos principais.

Observamos nas matérias referidas marcas discursivas da narratividade e das operações que o jornalismo desenvolve. O jornalismo acompanha um acontecimento de difícil acesso para cobertura e, por isso, existe a dependência de imagens e textos de fontes oficiais, como dos mergulhadores envolvidos no resgate e das instituições do governo, entre outras, ou de emissoras tailandesas. Estas operações colocam o jornalismo brasileiro em uma atividade de curadoria, ou seja, que precisa recorrer à busca de dados na internet para compor as matérias.

Por este viés, podemos afirmar que o jornalismo brasileiro foi levado a consumir conteúdos de outros produtores, como de agências de notícias, jornais estrangeiros e de outros profissionais, elaborando, assim, uma notícia de “segunda mão”. Além disso, é possível perceber nas matérias (jornalismo) um movimento de cronologia, em que o tempo transcorrido, por exemplo, quando são citados os dias, faz a diferença como informação nova.

O texto jornalístico valoriza, igualmente, o fato e os desdobramentos do acontecimento, em especial os elementos da tragédia, como seguir os chinelos, ouvir a voz e

alertar que terão de esperar. Nesse sentido, lembramos que há um processo de valorização do sofrimento das crianças, que podem ser observados em trechos como “precisam receber alimentos e se alimentar” ou “estão debilitados e precisam se recuperar para sair”. Existe também essa marca de valorização quando se trata do resgate, em trechos que versam sobre os profissionais e destacam “as equipes com muitos envolvidos”. Por fim, existe, ainda, uma tentativa de dimensionar o acidente, dando pistas de que, talvez, ele se torne uma tragédia.

Passando para a segunda etapa do acontecimento, de quando o mergulhador voluntário que estava auxiliando no resgate faleceu, após ficar sem oxigênio durante a volta do percurso de onde os jovens estavam. A notícia²⁴ “Mergulhador morre sem oxigênio em caverna na Tailândia onde meninos estão presos”, do dia 6/7/2018, explica como tudo aconteceu, traz imagens do mergulhador e vídeo do noticiário brasileiro falando sobre o acontecimento, o que é um exemplo da circulação intermediária que ocorre nas matérias, visto que apresenta o vídeo do mergulhador na matéria jornalística de um *site*.

Lembramos que, como citado no item 3.2, se fosse apenas por este fato e não pelo desfecho final positivo, que ganhou muito destaque, o acontecimento com os jovens tailandeses se tornaria, sim, uma tragédia.

²⁴ Matéria disponível no link: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/socorrista-morre-sem-oxigenio-em-caverna-na-tailandia-onde-esta-o-presos-meninos.ghtml>.

Figura 33 – Trecho da matéria “Mergulhador morre sem oxigênio em caverna na Tailândia onde meninos estão presos”



Saman Kunan, ex-integrante da Marinha tailandesa, morreu enquanto participava de operação de resgate de meninos na caverna Tham Luang — Foto: Reprodução/Facebook/Saman Kunan

Morreu nesta quinta-feira (5) um ex-mergulhador da Marinha tailandesa envolvido nos esforços de resgate dos meninos em uma caverna inundada na **Tailândia**.

Saman Kunan, de 38 anos, levou suprimentos para o grupo de 13 pessoas, mas ficou sem oxigênio quando retornava para a entrada da caverna Tham Luang. O ex-integrante do grupo de elite da Marinha **era triatleta e tinha se voluntariado a participar da operação de resgate**.

Fonte: Matéria retirada do Website G1.

Surgiram dúvidas e questionamentos do tipo “se o mergulhador que era experiente faleceu dentro da caverna, como crianças sem experiência conseguirão sair com vida?”, as quais provocaram a diminuição das esperanças, inclusive o surgimento de outras opções alternativas para a realização do resgate, que não fosse por mergulho. Assim, cria-se, aqui, uma expectativa típica de ficção. Embora seja a notícia que lide com o factual, é importante notar que a construção do texto carrega as marcas de contar o que ocorreu: são usados verbos no passado, mas que reforçam a crueza do fato.

Figura 34 – Trecho da matéria “Mergulhador morre sem oxigênio em caverna na Tailândia onde meninos estão presos”

MUNDO

"Após ter entregue uma reserva de oxigênio, ficou sem ar em seu retorno", declarou Passakorn Boonyaluck, vice-governador da província de Chiang Rai, onde está localizada a caverna. "Perdeu a consciência no caminho de volta, seu companheiro de mergulho tentou ajudá-lo e carregá-lo", disse o oficial da Marinha Apakorn Yookongkaew.

"O mergulho é sempre cheio de riscos. Ele pode ter desmaiado, o que o fez se afogar, mas temos que esperar pela autópsia. Apesar de termos perdido um homem, seguimos com fé em nossa missão", afirmou o oficial.

A morte de um militar experiente deixa claro os riscos do resgate dos 12 meninos, que têm entre 11 e 16 anos, e do técnico do time de futebol, de 25 anos. Alguns não sabem nadar e todos terão que aprender noções básicas de mergulho.

Fonte: Matéria retirada do Website G1.

A matéria traz, ainda, informações sobre a forma de realização da operação de resgate: a operação, além de arriscada, precisava ser realizada logo, devido a ameaças de novas chuvas fortes, que poderiam alagar ainda mais o local, mesmo com a drenagem das bombas, que retiravam a água de dentro da caverna. A notícia oferece informações de autoridades que falam durante todo o acontecimento e que são uma fonte importante para a construção das notícias. Não sabemos se são verídicas, mas são fontes oficiais, que possibilitam credibilidade à notícia, e o jornalismo tem como marca ouvir fontes oficiais. As vozes que vemos na composição do texto são sempre do governo ou dos profissionais envolvidos (mergulhadores), o que é uma das características da operação jornalística, ou seja, o jornalismo fala a partir de uma voz autorizada. Além disso, há um tom impessoal, o das autoridades, nunca o olhar do repórter como testemunha ocular.

Ressaltamos que esta é uma das matérias mais completas aqui trazidas, com todas as informações sobre o acontecimento, que contém imagens, vídeos e infográficos.

Figura 35 – Trecho da matéria “Mergulhador morre sem oxigênio em caverna na Tailândia onde meninos estão presos”

MUNDO

As autoridades querem evitar um plano de emergência que inclua uma saída precipitada. A morte do mergulhador foi um duro golpe para a moral dos socorristas, incluindo vários estrangeiros. Mas se chuva prevista para as próximas horas provocar o aumento do nível da água, talvez não reste outra alternativa.

Fonte: Matéria retirada do Website G1.

A terceira etapa do acontecimento é o desfecho feliz e após o acidente. A matéria²⁵ “Doze meninos e técnico de futebol são retirados de caverna na Tailândia após três dias de resgate”, do dia 10/7/2018, conta como o resgate foi um sucesso após todos serem retirados com vida da caverna.

Figura 36 – Trecho da matéria “Doze meninos e técnico de futebol são retirados de caverna na Tailândia após três dias de resgate”

MUNDO

Os **12 meninos de um time de futebol e o técnico** deles foram retirados da caverna Tham Luang, no norte da **Tailândia**, onde estavam presos desde 23 de junho. Nesta terça-feira (10), foram resgatados os últimos quatro meninos e o técnico, de 25 anos. Foi o terceiro dia de operação para retirar o grupo da caverna e o mais desafiador, porque chovia e havia mais pessoas a serem resgatadas.

Fonte: Matéria retirada do Website G1.

²⁵ Matéria disponível no link: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/meninos-deixa-m-caverna-na-tailandia-no-terceiro-dia-de-resgate.ghtml>.

A própria Marinha Tailandesa se pronunciou sobre o fim do resgate.

Figura 37 – Trecho da matéria “Doze meninos e técnico de futebol são retirados de caverna na Tailândia após três dias de resgate”

MUNDO

"Não temos certeza se isso é um milagre, uma ciência ou o que é. Todos os 13 Javalis [nome do time de futebol] agora estão fora da caverna", comemorou a Marinha tailandesa em post no Facebook.

Os garotos, que tem entre 11 e 16 anos, e o técnico ficaram 9 dias sem comer até serem encontrados por dois mergulhadores ingleses dentro da caverna inundada. A complexa operação de resgate teve a participação de 90 mergulhadores, sendo 50 estrangeiros e 40 tailandeses. No total, mais de mil pessoas fizeram parte dos trabalhos.

Fonte: Matéria retirada do Website G1.

O texto possui imagens, vídeos e infográficos. Além de trazer informações sobre o resgate, também conta com uma cronologia sobre os fatos, explicando a respeito do desaparecimento, do tempo em que os jovens ficaram dentro do local e da complexidade do resgate. Observamos, aqui, uma lembrança para a atualização. Precisamos observar que o jornalismo utiliza os números para criar o caso e gerar comoção social; assim, os números passam a ter valor, porque dimensionam o acontecimento, dando o grau de noticiabilidade e reforçando a comoção social.

É importante destacar que as matérias constroem narrativamente o acontecimento. Além de apresentarem o que estão acompanhando no local diariamente, os jornalistas também contam com relatos e narrativas das pessoas envolvidas no acontecimento. As matérias trazem informações de instituições, de fontes oficiais do governo, de profissionais envolvidos, de familiares e amigos, entre outros, testemunhas que participam e ganham voz por meio do jornalismo, que nos narram e constroem o que está acontecendo, para chegar a todos os leitores que estão acompanhando.

A matéria “Saiba como foi feito o resgate dos meninos presos em caverna na Tailândia”,²⁶ do dia 9/7/2018, detalha tudo sobre o resgate. Assim como a reportagem anterior, ela explica a operação, o porquê de terem sido retirados apenas três indivíduos por dia, e a justificativa de o mergulho ser a maneira mais segura para a retirada. Também conta com dados importantes, como o número de profissionais envolvidos, quantos mergulhadores acompanharam cada jovem, e o processo de levar os jovens de helicóptero diretamente para o hospital.

Figura 38 – Trecho da matéria “Saiba como foi feito o resgate dos meninos presos em caverna na Tailândia”



MUNDO

Participaram da operação:

- 50 mergulhadores especialistas internacionais
- 40 mergulhadores tailandeses experientes
- 30 equipes médicas

O mergulho

De dois a três mergulhadores acompanharam cada um dos meninos, que usaram máscaras faciais enquanto eram guiados pelas passagens por corda, já que a visibilidade na água é pouca.

Nos trechos mais estreitos, que podem chegar a 90 cm de largura por 60 cm de altura, os mergulhadores precisaram soltar o tanque de suas costas para que passassem um de cada vez: o mergulhador, o menino e o equipamento.

²⁶ Matéria disponível no link: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/saiba-como-e-feito-o-resgate-dos-meninos-presos-em-caverna-na-tailandia.ghtml>.

Equipe médica

Na saída da caverna, trinta equipes médicas ficaram de prontidão. Um helicóptero e ambulância esperavam próximo à caverna. Cada um dos meninos resgatados foi levado de helicóptero até a região de Chiang Rai onde foram transferidos de ambulância para um hospital.

O voo da caverna até Chiang Rai durava cerca de 20 minutos. Do heliponto até o hospital são apenas 700 metros de ambulância.

Fonte: Matéria retirada do Website G1.

Podemos perceber, aqui, uma didatização do processo: o jornalismo, ao construir seu discurso, carrega o leitor para dentro do fato, ou seja, mesmo que o próprio jornalismo não estivesse lá, e, sim, à distância, ele contaria o acontecimento como se estivesse no local.

A quarta e última fase do acontecimento é composta pelas matérias que surgiram após o acidente, responsáveis pela atualização do acontecimento com o passar dos anos. Conforme exposto no Capítulo 3, destacamos que, diferente das tragédias, esse acidente aparece com pouca frequência na mídia.

Em uma busca realizada no G1 com as palavras-chave “Tailândia”, “jovens” e “caverna”, foram encontradas apenas três matérias que relembram o acontecimento, todas do ano de 2019. A primeira, intitulada²⁷ “Os 'meninos da caverna' recordam um ano de sua aventura na Tailândia”, do dia 23/6/2019, conta que os jovens participaram de uma corrida de caridade para comemorar o “aniversário” do acontecimento e arrecadar dinheiro para a reabertura da caverna. A notícia ainda traz os depoimentos de alguns jovens.

²⁷ Matéria disponível no link: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/06/23/os-meninos-da-caverna-recordam-um-ano-de-sua-aventura-na-tailandia.ghtml>.

Figura 39 – Trecho da matéria “Os ‘meninos da caverna’ recordam um ano de sua aventura na Tailândia”

"Tem sido uma ótima experiência. Eu aprendi muito sobre os tailandeses, especialmente sobre a nossa unidade", disse um dos rapazes resgatados, Pornchai Kamluang, falando à AFP durante a corrida. "Agradeço a todos os responsáveis que dedicaram seu tempo no ano passado para salvar a mim, meus meninos e eu", disse Ekkapol Chantawong, o treinador dos garotos e o único adulto.

Fonte: Matéria retirada do Website G1.

Já a matéria²⁸ “Caverna em que meninos tailandeses ficaram presos é reaberta”, do dia 2/11/2019, fala sobre o evento de reabertura do local, que ficou fechado após o acidente com os jovens. A matéria também relembra o acontecimento, trazendo informações sobre os jovens e a operação de resgate.

Figura 40 – Trecho da matéria “Caverna em que meninos tailandeses ficaram presos é reaberta”

A caverna tailandesa Tham Luang, onde um grupo de adolescentes e seu treinador de futebol **ficaram presos por mais de duas semanas em 2018**, reabriu ao público nesta sexta (1º).

Cerca de 2 mil turistas aproveitaram a reabertura para visitar o local. Segundo Kamolchai Kotcha, diretor que supervisiona o local, a visitação está restrita a grupos de 30 pessoas por vez e apenas na primeira câmara da caverna.

Fonte: Matéria retirada do Website G1.

A caverna, que já era visitada²⁹, virou ponto turístico³⁰ um ano depois, não pela beleza, mas pelo acidente, que lhe deu visibilidade, processo este que revela muito sobre a

²⁸ Matéria disponível no link: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/11/02/caverna-em-que-meninos-tailandeses-ficaram-presos-e-reaberta.ghtml>.

²⁹ Matéria da BBC traz o trecho “Rica em histórias de folclore, é um destino popular para viagens curtas – e crianças aventureiras. Ela tem seus riscos: pessoas já sumiram em Tham Luang no passado. E quando a temporada de monções começa, em julho, a caverna deixa de ser inofensiva e se torna extremamente perigosa. O

mediatização. Já não se trata mais de uma caverna, mas de um ponto a ser visitado; é o local onde ocorreu um “milagre”. Assim, a caverna ganha dimensão simbólica, e o jornalismo atualiza a gratidão, dando voz aos sujeitos que participaram, como o treinador, além de explorar a ressignificação do espaço.

E por fim, o último aparecimento do acontecimento, é quando um mergulhador que participou do resgate dos jovens falece. A matéria “Morre militar que participou de resgate de meninos em caverna da Tailândia”³¹, do dia 27/12/2019, conta que o mergulhador faleceu em decorrência de uma infecção sanguínea contraída durante a operação de resgate dos jovens e de seu treinador. A matéria relembra o resgate com vídeos e um infográfico.

Figura 41 – Trecho da matéria “Morre, militar que participou de resgate de meninos em caverna da Tailândia”

Um militar da **Tailândia** que participou do **resgate de 13 pessoas presas na caverna Tham Luang**, em 2018, **morreu devido a uma infecção no sangue** contraída durante aquela operação de socorro, informou a Marinha tailandesa nesta sexta-feira (27).

O sargento Beiret Bureerak estava em tratamento para a infecção, mas teve uma piora na condição de saúde e não resistiu — quase um ano e meio depois do resgate bem sucedido dos meninos e do técnico do time Javalis Selvagens. Não há detalhes sobre a doença contraída pelo militar.

É o segundo militar tailandês morto por causa da operação de resgate. Ainda durante o socorro, um **mergulhador da Marinha tailandesa morreu após ficar sem oxigênio** quando retornava para a entrada da caverna. **Ele era triatleta e tinha se voluntariado a participar da operação de resgate.**

Fonte: Matéria retirada do Website G1.

local pode ficar inundado com até 5 metros de água durante a temporada chuvosa, e só deve ser visitada entre novembro e abril.” Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44827229>.

³⁰ Matéria R7. Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/caverna-onde-meninos-tailandeses-ficaram-presos-vira-atracao-turistica-01112019>.

³¹ Matéria R7. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/12/27/morre-militar-que-participou-de-resgate-de-meninos-em-caverna-da-tailandia.ghtml>.

Podemos observar que esta reportagem liga um acontecimento a outro. O militar poderia ter tido uma infecção e morrido por diversas causas, sem virar notícia, mas vira notícia porque esteve no resgate dos jovens tailandeses em 2018. A reportagem usa a sua imagem e permite ligar e trazer à tona a morte anterior, ou seja, um ano depois, temos duas imagens-síntese: a valorização da vida, expressa na gratidão dos sobreviventes, e o ato heroico dos militares, que deram sua vida para salvar os jovens. Existe aqui uma narrativa novelesca: o desaparecimento, a quase morte, o resgate, a morte, o resgate com sucesso, a comemoração da vida e a morte, a clássica jornada do herói de Campbell, o monomito. Esta obra (2005) refere-se a este retorno, da jornada marcada por sofrimento e pela superação, uma narrativa clássica no cinema, na novela, no jornalismo.

7.2.2 Os atores mobilizam circuitos para além do jornalismo

Após a observação das narrativas das matérias no website do G1, a análise, agora, é sobre as matérias postadas no Facebook do G1. O critério utilizado para a escolha destas é pelo maior número de reações, que, da época (2018 até 2020) em que foram postadas, variam entre: curtir, amei, triste, haha (sorriso), uau e raiva.

Figura 42 – Reações disponíveis nos posts do Facebook



Fonte: Facebook.

Separámos, portanto, três matérias com o maior número de curtidas. Conforme expresso no item 3.1, foram encontradas 38 matérias no Facebook do G1 que falavam sobre o caso. A seguir, são apresentados alguns comentários sobre o acontecimento, encontrados nestas três matérias. O filtro utilizado para a escolha destes foi o da opção “mais relevantes”, que é elencada pelo Facebook como os principais comentários das postagens.

O primeiro *post*,³² com mais de 76 mil reações, cujo título é “Mergulhador morre sem oxigênio em caverna na Tailândia onde meninos estão presos”, publicado no dia 6 de

³² Disponível em: <https://www.facebook.com/g1/posts/2242257155826357>.

julho de 2018, aparece como o principal em relação às falas dos usuários nos comentários, cujos discursos são apresentados no Quadro 7.

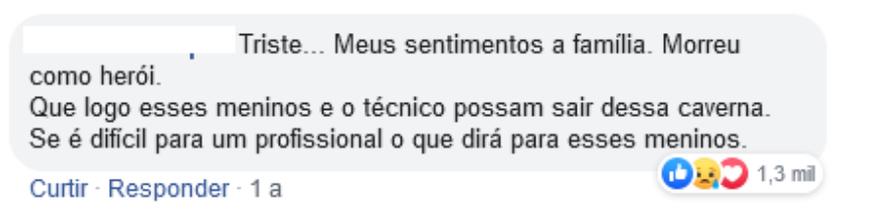
Quadro 7 – Narrativas que aparecem nos comentários do post 1

Pavor, claustrofobia, falta de ar;	Pêsames;
Mergulhador herói;	Como ele morreu sendo um profissional;
Orações (clamando a Deus);	Torcida para os meninos saírem logo da caverna (pensamento positivo);
Apoio ao técnico (que fez os meninos ficarem calmos com a meditação);	Resgate (dificuldade);
Críticas ao técnico (chamando-o de imprudente);	Clima;
Questionamentos sobre porque não era possível mais bombas para drenar a água da caverna;	Sugestões para pedir ajuda de outros países;
Sugestões dizendo para não tentar tirar os meninos da caverna, deixá-los lá e esperar a água baixar com o dreno;	Afirmações sobre o resgate pelo mergulho (não iria dar certo, pois se um mergulhador profissional morreu imagina as crianças);
Lembrança de outras tragédias, reais e/ou de filmes;	Copa do Mundo;

Fonte: FACEBOOK G1, 2018a. Elaborado pela autora.

Muitas falas são compostas por diversas narrativas em um mesmo comentário, por exemplo, o comentário a seguir, do Facebook do G1, da mesma matéria citada anteriormente, em que uma jovem trata de vários aspectos que separamos no Quadro 7 – pêsames, mergulhador como um herói e dificuldade do resgate.

Figura 43 – Comentário referente ao post 1



Fonte: FACEBOOK G1, 2018a.

Isso acontece em grande parte dos comentários. Também é típico da midiatização o fato de que, mesmo com uma notícia tão ruim e dramática, algumas pessoas preferiram discutir e brigar nos comentários, debatendo sobre a índole do treinador e ignorando totalmente o fato da morte do mergulhador, ou seja, quando os atores têm condições de acesso para enunciar, há uma defasagem de sentidos, como podemos observar aqui, pois o espaço de comentário é apropriado para outros fins, como o debate.

Já no segundo *post*, “TEMPO REAL: resgate de meninos e treinador presos em caverna na Tailândia”,³³ publicado no dia 8 de julho de 2018, com mais de 63 mil reações, observa-se as marcas discursivas, conforme o Quadro 8.

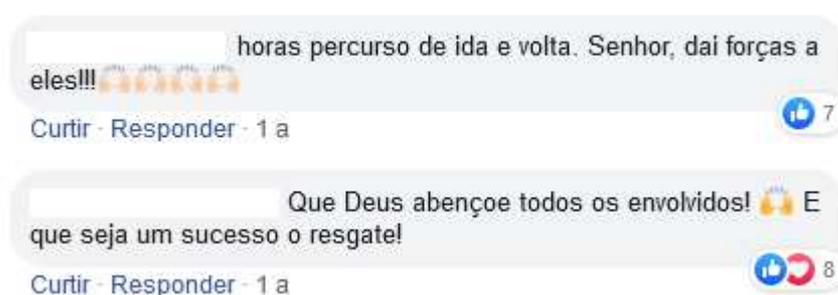
Quadro 8 – Narrativas que aparecem nos comentários do *post* 2

Fé, orações, Deus;	Discussão sobre Deus;
Defesa e apoio ao treinador;	Mobilização de outros países;
Claustrofobia;	História se tornar filme;
Copa do Mundo;	

Fonte: FACEBOOK G1, 2018b. Elaborado pela autora.

Neste *post* percebe-se que, no momento em que o resgate era realizado pelos profissionais especializados envolvidos no acontecimento, os comentários dos usuários concentraram-se em escrever palavras de apoio e positividade.

Figura 44 – Comentários referentes ao *post* 2



Fonte: FACEBOOK G1, 2018b.

³³ Disponível em: https://www.facebook.com/g1/posts/2246206195431453?__tn__=-R.

Já no *post* 3, “Resgate na Tailândia: o mergulhador médico australiano que ficou com meninos na caverna até o final”,³⁴ publicado no dia 11 de julho de 2018, com mais de 47 mil reações, foram observados os seguintes discursos nos comentários (Quadro 9):

Quadro 9 – Narrativas que aparecem nos comentários do *post* 3

Críticas à política brasileira (caso o acidente tivesse ocorrido no Brasil);	Heróis (profissionais envolvidos);
Pêsames ao médico;	Deus, fé, orações;
Parabenizando o médico pela atitude;	História virar filme;
Críticas por tratar jogador de futebol como herói;	

Fonte: FACEBOOK G1, 2018c. Elaborado pela autora.

³⁴ Disponível em: https://www.facebook.com/g1/posts/2252322924819780?__tn__=-R.

Figura 45 – Comentários referentes ao *post* 3

Mais relevantes ▾

Se o episódio da caverna fosse no Brasil.

- Criar-se-ia o Ministério Nacional das Cavernas. Começa a indicação de cargos: Ministro, Assessores, Secretários e cargos para todos os escalões.
- Secretarias estaduais das cavernas, com indicações de cargos: CAVERJ, CAVESP, CAVEMG, CAVESC, CAVEBA, CAVEGO, CAVERS, CAVEAC, CAVEAL, CAVEAP, CAVEAM, CAVECE, CAVEDF, CAVEA, CAVEMT, CAVEMS, CAVEPA, CAVEPB, CAVEPE, CAVEPI, CAVERN, CAVERO, CAVERR, CAVESE, CAVETO, CAVES.
- Criada a CAVEBRAS Empresa Brasileira de Cavernas. (Concursos públicos).
- Votação no Congresso e Senado um Orçamento Extra no valor de 14 Bilhões, para o resgate. 12 meninos + 1 adulto (adulto custa = 2 meninos).
- Início das Obras de remoção da montanha. OAS participa por liminar.
- Um deputado denuncia irregularidades.
- O mesmo deputado é denunciado por ter parentes em uma das secretarias.
- Elon Musk oferece aparelho que resgataria os meninos em 3 dias. Partidos de esquerda fazem ato contra imperialismo. O dono da Tesla vai a ensaio na quadra de escola de samba num Tesla. O carro para porque o gato da luz não carrega bateria. Pega um uber que erra o caminho e o carro leva bala perdida na avenida Brasil. Musk volta pros EUA e PT celebra com ato contra o capital.
- ONGs denunciam que as equipes de resgate não têm distribuição igualitária de gêneros e diversidade racial.

- CPI das Cavernas
- Miss Caverna
- Miss Caverna LGBT.
- ONGs denunciam concurso de Miss por sexismo.
- Funk da Cavernas (Hit do próximo carnaval)
- Parente trans de um dos meninos grava video com Pablo Vittar e é ameaçado de morte por eleitores do Bolsonaro. Luciano Huck grava entrevista na "comunidade".
- Greve das Cavernas: Equipe de Resgate pára, após 3 meses sem salário.
- Greve considerada Inconstitucional: STF ordena retorno imediato dos trabalhos. Greve continua.
- Acordo com Sindicatos
- Trabalhos mantidos porém lentos. Fornecedores atrasam entrega, alegando falta de repasse.
- Para otimizar as operações, criada a ANACAV Agência Nacional Reguladora de Cavernas.
- Criado o Bolsa Caverna.
- STF julga se a caverna é municipal, estadual ou federal. Gilmar Mendes não participa da votação porque foi pra Portugal cuidar de assuntos particulares.
- Comissão de deputados viaja à Europa por 3 meses para estudar cavernas.
- Trabalhos de resgate são interrompidos por trocas de tiros entre traficantes e policiais em recém instalada boca de fumo próxima à caverna.
- Resgates param no Natal e só voltam depois do Carnaval.
- Passados 4 anos, problema da Caverna continua: Após as eleições, será herança maldita para o próximo governo.

Texto: Arruda

Fonte: FACEBOOK G1, 2018b.

Figura 46 – Comentário referente ao *post* 3

Esses homens são mais que heróis, são anjos que Deus coloca na terra para cuidar do próximo. Que Deus os abençoe infinitamente!!!!!!

Curtir · Responder · 1 a



➔ 11 respostas

Fonte: FACEBOOK G1, 2018b.

Entendemos que o acontecimento é experienciado por pessoas (jornalistas, mergulhadores, familiares, etc.) e que, por meio destas experiências, surgem narrativas que fazem parte da construção de acontecimentos midiáticos, como o dos jovens tailandeses.

Assim, observando as narrativas que separamos nos Quadros 7, 8 e 9, aparecem marcas e operações distintas relacionadas ao acontecimento. Os assuntos que mais aparecem são: a) profissionais heróis, envolvidos no resgate, que tiveram um papel importante para o desfecho positivo do acontecimento; b) comoção pelo acontecimento ter uma morte, pela dificuldade do resgate, por ser com crianças e, por fim, ter um final feliz; c) Copa do Mundo, ao mesmo tempo em que os jovens estavam passando por uma situação difícil, ocorria a Copa do

Mundo, o que fez com que a mídia do mundo inteiro se revezasse em cobrir o evento e o acontecimento com os Javalis Selvagens.

Destacamos, igualmente, dois comentários que trazem elementos presentes em nossa discussão nesta pesquisa. O primeiro é a lembrança de outras tragédias, reais e/ou de filmes, onde é possível rememorar outros acontecimentos semelhantes como o dos mineiros chilenos, por exemplo; o segundo é sobre a história se tornar filme, ou seja, os atores já deduzem que futuramente o acontecimento seria colocado em (re)circulação através de uma produção, como o documentário.

Além disso, os atores sociais misturam outros assuntos, e abrem para outros discursos sobre questões que estão fora do acontecimento, por exemplo: a) política, com uma crítica ao governo e sistema brasileiro, caso o acontecimento fosse no Brasil; e, b) religião, onde as pessoas pedem orações e fé em Deus, para que os jovens consigam sair da caverna o mais rápido possível e com saúde. Assim, sobre o sentido pretendido pela matéria, não quer dizer que seja o mesmo que os atores sociais (leitores) vão colocar em circulação em seus comentários. Como foi observado, muitas vezes fugia-se do assunto real da notícia. Esta situação evidencia que a circulação é tanto defasagem, como apontado por Verón (2014), como um processo de valorização nas interações (ROSA, 2019).

No item a seguir, vamos discorrer em relação às interfaces deste trabalho, a partir da análise, sobre o modo como as narrativas são remodeladas a partir do acontecimento.

7.3 ANÁLISE TRANSVERSAL: O ACONTECIMENTO EM CIRCULAÇÃO

O acontecimento deste trabalho é um caso de circulação midiática, que visa a identificar o modo como as narrativas das tragédias são remodeladas ou afetadas em razão de operações e lógicas de mediação, em que imaginários anteriores passam a se presentificar. Busca-se, assim, perceber de que forma as noções de tempo e espaço aparecem neste caso, e como tragédias anteriores são retomadas ou dadas a ver por meio deste acontecimento mediado.

Como afirmamos durante a análise, o documentário traz uma visão informativa do acontecimento, porém mais geral, com um tom de suspense. Em virtude de sua realização posterior ao ocorrido, a narrativa pôde ser melhor elaborada, permitindo, tanto uma observação ampla do acontecimento, como a exploração de minúcias não apresentadas anteriormente. Assim, preserva-se um caráter de novidade, mesmo que o produto audiovisual seja uma elaboração a partir de materiais já exibidos e postos em circulação. Há um trabalho de edição e montagem que reelabora o acontecimento para reinseri-lo na circulação.

Já as reportagens possuem um caráter noticioso e instantâneo, marcadas pelo fazer narrativo do jornalismo que tenta descrever o fato, convocando pessoas a falar, além de um certo didatismo (percebido na cronologia e nos infográficos) para aproximar o leitor/receptor. Os comentários, por exemplo, são opiniões que colocam o acontecimento em recirculação, ou seja, mesmo que tratem do mesmo acontecimento, as perspectivas sobre o ocorrido são diferentes. Mas o que estes conjuntos têm a ver? Explicaremos algumas relações a seguir.

O jornalismo elabora a notícia que vai contar o acontecimento, utilizando uma espécie de “passo a passo” para contextualizar ou mesmo explicar o ocorrido. Essa estratégia é utilizada e repetida durante várias notícias ao longo da cobertura. Além disso, observamos que está presente nas matérias a rememoração, onde o jornalismo relembra outros acidentes e tragédias e os relaciona com o novo acontecimento, pois, como afirma Ricoeur (2007), a memória nos é importante para significar o que ocorreu.

No documentário, tanto as gravações feitas no local, quanto os materiais e depoimentos reunidos após a conclusão do acontecimento são de extrema importância. Só foi possível construir essa produção audiovisual de forma tão interessante, que envolve drama, suspense e comoção, juntando dois momentos: o que está acontecendo em tempo real e é filmado no local; e o que é a pós-conclusão do acontecimento, que são as informações e versões dadas por familiares e profissionais durante as entrevistas.

É importante destacar que o documentário foi lançado alguns meses depois do ocorrido, pela produtora americana, e exibido pela Netflix, um ano depois, em 2019. Neste mesmo ano, o vídeo foi disponibilizado no Youtube, como uma certa forma de comemoração e de eternização da história, como já aludido neste trabalho ao que PROSS (1989) chama de sincronização social do calendário. É necessário mencionar que o produto audiovisual documentário tem por base a sua perspectiva de registro/documento, contudo, como discutido amplamente na literatura sobre audiovisualidade, o documentário é sempre um ângulo de visão, nunca objetivo, portanto. Já o jornalismo manteve o acontecimento em circulação, acompanhando cada desdobramento, mas, gradativamente, foi perdendo o interesse, porque outra pauta mais relevante entrou na agenda. Nesse sentido, o documentário parece surgir para recuperar no tempo o acontecimento, e o jornalismo atribui um amplo espaço para a narrativa da tragédia. Quando se configura apenas como acidente, entretanto, acaba finalizando o circuito em termos de reinscrições no jornalismo, ou seja, aparece apenas mediante um novo episódio. Para além do documentário e do jornalismo, porém, o acontecimento perdura.

Nos comentários do Facebook do G1 e do documentário no Youtube, podemos observar que os atores sociais se comportam de diferentes formas, mas preservando algumas

semelhanças. No Facebook, muitos comentam sobre o mesmo assunto, em sua maioria relacionados ao acontecimento, porém, aproximam outros temas que não estão ligados ao ocorrido. Eles aparecem utilizando o espaço dos comentários para eternizar seus sentimentos, deixam ali registrado a sua opinião e discurso sobre o acontecimento e sobre acontecimentos em tensionamento no momento vigente. O espaço de comentários se torna, portanto, um espaço de voz, e, por não ser moderado pelo G1, passa a acolher diferentes questões, incluindo as políticas. Neste ponto, temos a agudização da circulação como defasagem. Observa-se que no Facebook os atores sociais chegam até a matéria, porque estão navegando na rede social ou porque já estão acompanhando o desenrolar do acontecimento e buscam atualizações, assim leem a matéria e escrevem o seu comentário naquele espaço da rede social.

No Youtube, porém, se os atores sociais chegaram até o documentário, publicado mais de um ano depois do ocorrido, é porque mantiveram o interesse após o acontecimento e, assim, continuaram a buscar conteúdos recentes sobre o caso.

Na plataforma do Youtube, em seus comentários, os atores sociais não falam do documentário ou da produção em si, mas sim sobre o acontecimento, detalhes do ocorrido que são contados durante o documentário e expressam sentimentos, o que faziam no momento do fato. É interessante observar que, tanto os comentários às matérias jornalísticas como ao documentário têm um ponto em comum: envolvem sentimentos e comoção, expressões como “heróis” estão muito presentes. A imagem-síntese que mencionamos na análise é fortemente retomada pelos atores sociais: tanto a valorização da vida como o ato heroico.

Neste aspecto, lidamos com as especificidades da narrativa jornalística e audiovisual, mas também com aquilo que Barthes (2011) enfatiza como característica da estrutura narrativa, isto é, a significação transborda a narrativa. Esta não se dá no jornalismo, no audiovisual ou nos comentários, mas sim em sua articulação, no entre. Compreendendo que a circulação de sentidos é marcada pela diferença entre produção e reconhecimento em termos de condições e gramáticas, como abordado por Verón (2014), os sentidos aqui observados não são os mesmos, uma vez que um visa a informar frequentemente e momentaneamente com as atualizações que saem quase que diariamente e, o outro, busca explicitar em sua produção a dramatização, frisando como foi difícil todo o resgate, algo que muitos acreditavam ser “impossível”, o que pareceu implicar em atribuir mais valor aos heróis que trabalharam no resgate, do que às próprias crianças e vidas diretamente envolvidas.

A diferença na abordagem, contudo, não quer dizer que os sentidos não se entrelaçam, porque, além de informar, o jornalismo também trouxe, por diversas vezes, os

profissionais como heróis, seja nas imagens ou na atribuição de vozes. Além disso, outra semelhança nos sentidos elaborados entre as duas narrativas é a variada fonte de entrevistados, tanto durante as reportagens quanto durante a produção do documentário. Mesmo tendo sido produzidos em um espaço-tempo diferente, ambos optaram pela busca de fontes com detalhes únicos, isto é, com um caráter de novidade e exclusividade que são marcas da tentativa de atualização/reelaboração do próprio acontecimento. Nota-se, neste aspecto, que ângulos explorados no documentário não apareceram no jornalismo e vice-versa. Isto evidencia que tanto o jornalismo, como o audiovisual produzem o acontecimento, levando em consideração modos táticos de contatar os públicos.

Os próprios comentários do documentário (Youtube) e do jornalismo (Facebook G1) são diferentes, ou seja, os sentidos em jogo mudam: os comentários do Youtube, aparentemente, deveriam relatar as emoções de quem assistiu o filme, mas os atores sociais escrevem detalhes sobre o acontecimento em si e as sensações que experimentaram naquele momento, porém, não dizem nada sobre a produção audiovisual, pois esta parece adquirir uma camada de invisibilidade. No Facebook do G1, por sua vez, os comentários trazem mais do que as emocionalidades; os atores sociais produzem outros sentidos, entre eles, por exemplo, elaboram críticas sobre o governo do Brasil, apresentam ideias de como o acontecimento poderia se tornar um filme, ou sugestões de fazer o resgate de outra forma, isto é, expressam suas opiniões além de apenas suas emoções. Relembrem, ainda, outras tragédias, reais ou de filmes, o que implica dizer que nos comentários às reportagens jornalísticas, conduzidas de forma seriada, já emerge uma ideia de obra audiovisual.

No que diz respeito ao fazer dos atores sociais, notamos que os sentidos também mudam, por serem produções feitas em diferentes momentos: os discursos do Facebook do G1 trazem opiniões e reações de “momento”, enquanto os discursos do Youtube recuperam uma “emoção”, permitem reviver o acontecimento.

Essa procura sobre o “pós-acontecimento”, em que é possível encontrar o documentário e as matérias jornalísticas atualizadas lembrando o ocorrido, coloca muitos materiais em recirculação, como é o caso das notícias de anos seguintes que se utilizam de links de matérias anteriores, que contam o acontecimento, tecendo uma espécie de narrativa expandida, onde as possibilidades da rede, como os hiperlinks, permitem um desdobramento/retomada de circuitos. Assim, podemos destacar que o documentário foi produzido depois que o fato (desaparecimento-resgate) acabou, mas, como recurso comunicacional/interacional, a obra apresenta uma narrativa com suspense, que é da ordem de sua montagem. O desafio para os produtores/editores estava em como contar um

acontecimento do qual já se sabia o desfecho, engajando o público, diferentemente do jornalismo, que desenvolveu um trabalho baseado na expectativa, isto é, sem saber o que iria acontecer no final. Dessa forma, o jornalismo elaborou as narrativas do acontecimento também com certo suspense, conduzindo dia a dia os desdobramentos, numa quase vigília do fato. Esta vigília, porém, acaba por derivar em uma estratégia de contato que prende o leitor/espectador pela suspensão, sempre a se questionar qual será o próximo passo?

O pós-acontecimento, inferimos, é a transformação do acontecimento midiático em midiaticizado, ou seja, o acontecimento que, num primeiro momento recebe as camadas interpretativas e as condições de produção do jornalismo, ganha outros contornos com a obra audiovisual e os tensionamentos desenvolvidos por atores sociais diversos. Isso significa que o pós-acontecimento não diz respeito a um “rescaldo” do fato, mas a uma atualização que carrega as marcas narrativas e os sentidos anteriores para o agenciamento de fluxos complexos. Neste ponto, podemos assegurar que o acontecimento não é aquele que surge na mídia, mas o que se exaspera ganhando uma vida própria e múltiplas camadas narrativas, inclusive antecessoras e concorrentes.

7.3.1 Imagens que duram: materiais e simbólicas

No decorrer do acontecimento com os Jovens Tailandeses, diferentes imagens surgem durante a cobertura até o seu desfecho final; muitas deixam suas marcas e viram símbolos como o momento em que foram encontrados.

Quando falamos nas “crianças tailandesas da caverna”, a maioria das pessoas lembra do ocorrido, pois, além de serem muito marcantes, acidentes e tragédias envolvendo crianças nos trazem imagens simbólicas que ainda estão muito presentes em nossa memória e que constituem, frequentemente, um tipo de “fórmula-mágica” (ROSA, 2020) para sensibilizar midiaticamente: crianças nos atentados e nas guerras (menino sírio com o rosto sujo de sangue), nas tragédias (Aylan, Omayra, escola de Santa Catarina), fome (menino desnutrido no Sudão), entre outros. Nota-se que a narrativa imagética tem a capacidade de interligar acontecimentos entre si, mesmo para além de sua representação fotográfica.

A seguir, são apresentadas algumas imagens que marcaram o acidente com os jovens tailandeses:

Figura 47 – Primeiras imagens de quando os meninos foram encontrados



Fonte: Imagem El País – matéria: fotorreportagem – As imagens do resgate na Tailândia.

Na primeira imagem, é importante destacar as crianças reunidas em um grupo, tentando interagir apesar do frio, da fome e das condições em que se encontram. Na foto, existe uma luz, que não é da caverna, mas, sim, de quem os encontra e ilumina. Esta luz de lanternas miradas para eles por profissionais que adentravam o local e os procuravam, e que nos coloca, como leitores, dentro da caverna. É possível, por meio desta imagem-registro, acompanhar o momento em que são encontrados.

Da mesma forma, são muito comuns as imagens que mostram o momento em que os profissionais envolvidos no resgate estão trabalhando para salvar as crianças, na busca por maneiras de retirá-las com segurança da caverna.

Figura 48 – Trabalhos de preparação para o resgate



Fonte: Imagem El País – matéria: fotorreportagem – As imagens do resgate na Tailândia.

Nesta segunda imagem temos uma foto muito marcante, com as mangueiras, que são seguradas pelos profissionais, pois demonstra que ela os liga e que estão todos juntos, como em um mutirão, enfatizando a ideia de solidariedade que abordamos no início deste trabalho. Aqui percebemos duas luzes: uma que ilumina o local e nos permite ver as equipes, e outra que os direciona para o fim do túnel, a saída da caverna. Pelo ângulo em que nós leitores/espectadores estamos, podemos perceber o esforço cooperado no ato do resgate, para o qual somos convidados a integrar mesmo que a distância, a partir de um registro que é também metafórico.

Nas matérias, encontram-se imagens dos familiares que acompanharam o resgate de perto, próximos da caverna e que estampavam, em seus tablets e celulares, fotos tiradas de dentro da mesma pelos profissionais, o que já dá indícios do lugar da imagem, neste caso.

Na Figura 49 podemos ver a imagem da imagem; é o registro capturado e comemorado em uma selfie na caverna, um alívio para o familiar, que mesmo não podendo estar lá dentro, consegue ver, pelo iPad, que os jovens estão bem. Para nós, porém, é a ruptura com a vítima; são crianças frágeis que posam para a foto, só acessível por dispositivos. Mesmo no acidente, portanto, há uma lógica de mediação que se faz presente e que, por sua vez, é fruto de nossa cultura visual. Não precisamos ouvi-los (eles se manifestaram

poucas vezes ao longo das reportagens analisadas), porque a imagem da selfie é tão real quanto eles mesmos, ou seja, eles se permitem ser imagem, eternizados.

Figura 49 – Um familiar mostra imagem dos meninos encontrados



Fonte: Imagem El País – matéria: fotorreportagem – As imagens do resgate na Tailândia.

Na foto a seguir (Figura 50), temos o desenho que representa a imortalidade na imagem. Os jovens utilizam-na para relembrar o heroísmo e a memória do mergulhador que faleceu. O desenho passa a ser mais forte do que apenas uma imagem ou um vídeo qualquer do voluntário, uma vez que acabam se tornando comuns e não tendo a mesma força simbólica.

Figura 50 – Jovens tailandeses reunidos no hospital com imagem do mergulhador que faleceu durante a operação de resgate



Fonte: Imagem R7 – matéria: Agonia e emoção – 12 fotos lembram resgate de 12 meninos em caverna .

Como citamos, estas são imagens que marcaram o acontecimento e apareceram com frequência nos noticiários, telejornais e no documentário; por serem representacionais, carregam consigo uma valorização simbólica. Para além delas, porém, temos aquelas imagens que não são fotografias ou vídeos físicos, materialidades, mas são, sim, um sentido em fluxo que mobiliza imaginários sociais e coletivos, como podemos destacar em nosso caso de pesquisa a figura do herói, da caverna e da infância como perspectiva de futuro.

São narrativas que se articulam, que surgem a partir do caso com os jovens tailandeses, uma vez que, mesmo que não exista uma imagem física do momento ou atualizada, um comentário que surge anos depois do acontecimento nos condiciona a criar uma nova imagem, mantendo a anterior como referência. Isto faz com que aquelas imagens que já estão em nosso imaginário social durem por muito mais tempo ou se fortaleçam. O próprio documentário e as matérias também fazem com que o imaginário seja constantemente acionado; mesmo considerando o imaginário individual como altamente criativo e inapreensível, nota-se que o imaginário midiático (este conjunto de imagens que circulam) age sobre nossa capacidade imaginativa, retroalimentando-a.

Quando desapareceram, os jovens deixaram pistas para trás, o que auxiliou na busca para que fossem encontrados: as bicicletas e suas mochilas estavam do lado de fora da entrada da caverna. Esse cenário já faz parte de outras narrativas e do nosso imaginário, como na história de João e Maria, onde as crianças deixam rastros de pedrinhas e migalhas de pão no

chão para encontrarem o caminho de volta para casa. Isso reforça aquilo que Verón (2004) aborda sobre discursos que carregam discursos e narrativas que são atravessadas por outras narrativas, visto que há sempre um permear.

Assim como afirmamos no item 5.4, as imagens também são formas de narrar o acontecimento. Nelas podemos observar aspectos importantes, detalhes que nos contam o ocorrido. Estas imagens vão ganhando cada vez mais espaço com o jornalismo e as mídias digitais, o que faz com que circulem durante muito tempo, sendo reelaboradas e ganhando novos significados, conforme assevera a autora Rosa (2019). As imagens marcantes do acontecimento com os jovens tailandeses certamente servirão de referência para acontecimentos futuros semelhantes, assim como neste trabalho utilizamos as imagens dos mineiros chilenos para lembrar casos anteriores.

7.3.2 Acontecimentos dentro de acontecimentos – os fios da narrativa: a caverna e os outros acidentes/tragédias

Acidentes, tragédias e acontecimentos em geral que envolvam crianças sempre ganham grande repercussão, como o caso estudado nesta pesquisa. Como já mencionado diversas vezes nesta dissertação, observamos que textos e narrativas sempre reportam a anteriores. Assim, os acontecimentos estão dentro de acontecimentos, e dão a ver tanto suas formas de produção como as articulações de sentido no espaço e no tempo. Ao pensar em tragédias e acidentes antecessores, como já o fizemos no Capítulo 4 desta pesquisa, podemos verificar que há marcas e operações que se mantêm, mas que são fortemente afetadas pela dimensão tecnológica e com a possibilidade de acesso a arquivos jornalísticos e audiovisuais de longa data.

Como exemplo disso, podemos lembrar a morte da menina Omayra Sanchez, que aconteceu durante a cobertura da erupção de um vulcão na Colômbia, em 1985. Este é um caso muito famoso, pois uma criança de apenas 13 anos teve seu sofrimento e morte mostrados por diversos meios de comunicação televisivos, gerando, na época, muitos debates sobre o papel da tecnologia, especialmente sobre o lugar que a televisão e o seu modo de explorar e exibir a dor ocupou durante muito tempo. Sem os meios digitais de comunicação, a memória de acontecimentos ficava restrita apenas a arquivos de jornais impressos e programas de televisão e rádio. Hoje isso não ocorre mais, uma vez que, em uma sociedade midiaticizada, a internet é fonte para infinitas buscas de informações, o que as deixa armazenada em “lugares”, conforme a ideia de Ricoeur (2007). Tais lugares são físicos

(arquivos, sites), pois podemos acessá-los, mas também são lugares imaginários. É o que Kamper (2018, p. 117) chama de uma órbita do imaginário – “Um lixo histórico na reciclagem da cultura”. Tal lixo orbita ao nosso redor, sendo possível recuperar mentalmente imagens e acontecimentos que permanecem em fluxos.

Neste ponto, é importante destacar que em 1985 o uso da internet era restrito e muito diferente do que como o é atualmente, pois não se falava em redes sociais. O acidente com os jovens tailandeses ocorreu em um cenário diferente, onde existe um uso mais intenso e “indiscriminado” da internet. Se o caso da menina Omayra ocorresse nos dias de hoje, tomaria uma dimensão muito maior do que o foi no ano de 1985. Isto é perceptível, por exemplo, no episódio do menino sírio Aylan Kurdi, que morreu afogado em 2015, quando atravessava o mar com a sua mãe e seu irmão para chegar até a Europa. Quando o assunto é sobre imigração, a foto do menino é constantemente lembrada, mesmo quando ela não está presentificada materialmente, principalmente quando ocorrem outras mortes de crianças, ou seja, quando se vê um novo caso envolvendo crianças e a crise migratória, surge a imagem de Aylan Kurdi.

Além disso, tragédias com grande número de mortes também ganham muita repercussão, em virtude da revolução do acesso à produção de sentidos. Atualmente, os acontecimentos não têm apenas um vetor jornalístico, mas também podem ser construídos por sujeitos e instituições não midiáticas a partir do que já foi didatizado ou incorporado em termos de lógicas de midiatização. Assim, vamos dividir esses acontecimentos em dois itens: a) acidentes aéreos e b) rompimento de barragens.

A queda do avião da TAM, em 2007, e da Chapecoense, em 2016, já abordados no item 3.2, causaram muitas mortes e ocorreram em momentos diferentes: uma quando as redes sociais não eram tão popularizadas e utilizadas, e a outra em uma época em que as pessoas já utilizavam as redes sociais diariamente. Quando o avião da Chapecoense caiu, foi possível observar muitos comentários e comoção nas redes sociais, mas também na televisão, pois os telejornais cobriram diariamente o acontecimento, inclusive transmitindo o funeral ao vivo. Em 2007, no caso da TAM, só era possível acompanhar essas narrativas pela televisão e pelas imagens das câmeras de segurança.

Outros dois casos de grande repercussão são os das barragens de Brumadinho e Mariana, também abordados no item 3.2. Apesar de, em um deles existir um número muito maior de mortos, ambos ganharam grande destaque nos meios de comunicação e na internet. Além das imagens registradas por câmeras de segurança, também haviam os registros feitos por testemunhas que estavam presentes nos momentos dos rompimentos e que acompanharam

de perto os acontecimentos, gravando vídeos e narrando a tragédia em um quase “ao vivo”, semelhança que pode ser observada em nosso caso de pesquisa, pois muitos vídeos foram gravados por profissionais do resgate e até mesmo pelos próprios meninos. Isso revela que a elaboração do acontecimento em uma sociedade midiaticizada passa por diferentes atores e olhares, mas que carregam experiências prévias com outros acontecimentos. Nestes casos acima reportados, o acontecimento envolvendo a Chapecoense carrega o da TAM, entre outros. O acontecimento de Brumadinho carrega Mariana.

Assim como já reportamos a dimensão tempo-espaço, acontecimentos anteriores nos servem como pontos de referência para compararmos o acontecimento, o que nos faz revivê-lo. Esse é o caso do acidente envolvendo os mineiros chilenos, ocorrido em 2010, que é o mais parecido com o observável estudado nesta pesquisa. Podemos destacar até mesmo a semelhança com a dificuldade do resgate, pois os 33 homens ficaram 69 dias a uma profundidade de mais de 700 metros embaixo da terra até que fossem resgatados, numa operação que envolveu inclusive a Nasa e que foi transmitida ao vivo pela televisão.

Foram 17 dias sem notícias dos mineiros até que, por meio de um bilhete, anexado a uma sonda de perfuração, eles avisaram que estavam vivos. Finalmente encontrados, foram retirados da mina por intermédio de uma cápsula de aço, que os transportou para a superfície. Mais uma vez, destacamos a importância da tecnologia, não apenas para o resgate, mas para a comunicação entre eles e suas famílias e os profissionais envolvidos. A história se tornou filme, mas a vida dos mineiros não voltou ao normal. A matéria da BBC³⁵ traz o seguinte trecho:

Poucos anos depois, a fama repentina e breve não havia produzido um futuro próspero para os 33. A maioria continuava sem trabalho fixo e reclamava da falta de oportunidades. Segundo eles, mineradoras chilenas recusavam-se a contratá-los por saber que denunciariam irregularidades na segurança e nas condições de trabalho. Traumas psicológicos decorrentes da terrível experiência ainda acompanhavam muitos do grupo, para os quais a volta a uma vida normal ainda estava distante. Em entrevista ao diário britânico *The Daily Mail*, em 2014, Mario Sepúlveda disse que estava prestes a voltar a trabalhar nas minas, por falta de opção. “Tenho fama, mas não tenho dinheiro. É a pior coisa possível”. Ele dizia que os mineiros haviam sido esquecidos. “Por alguns meses fomos superestrelas. Mas aos poucos o mundo se esqueceu de nós e nos deixou sofrendo em silêncio”.

A partir da narrativa do mineiro, podemos afirmar que, após um certo período, o acontecimento caiu no esquecimento. Reafirmando a ideia de Ricoeur (1994) sobre a narrativa e seus traços da experiência temporal, podemos afirmar que o tempo vai passando e outras ocorrências vão surgindo, porém, quando surge um caso semelhante, como o dos jovens

³⁵ Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55926799>.

tailandeses, o episódio com os mineiros foi lembrado. Em matéria do G1, que trouxemos no item 3.3, um deles dá uma entrevista, inclusive, e fala sobre o que passou dentro da mina.

A partir destas reflexões, podemos afirmar que o documentário tenta elaborar uma narrativa que dá cadência aos acontecimentos, permitindo sua (re)ocorrência diante de nossos olhos, mas agora por meio de uma montagem de vídeos, textos e falas. Observa-se que as emoções são exploradas mediante as imagens e as narrativas dos que estavam envolvidos e participando de todo o acontecimento (profissionais, familiares, especialistas).

Em contrapartida, as reportagens são mais seriadas, como uma narrativa que discorre capítulo a capítulo os acontecimentos, sempre num exercício de rememoração do fato original e do acréscimo de atualizações. Há uma dimensão temporal, que separa as duas produções e que, certamente interfere no modo de produção do sentido, uma vez que o jornalismo se ancora naquilo que está disponível no momento e no acesso aos locais/fontes; já o documentário tem um tempo de realização maior, o que permite criar uma ligação, via roteiro, dos fatos, bem como apropriar-se de imagens produzidas pelo jornalismo e por atores sociais. Assim como os acidentes e tragédias citadas acima, portanto, o acontecimento com os meninos na caverna será revivido e lembrado por outros que vierem a ocorrer no futuro. Integrará a órbita do imaginário, estando disponível para novas reelaborações, que são impossíveis de conter em razão da circulação, o que nos sugere uma ideia de abismo, onde acontecimentos dão a ver outros acontecimentos antecessores.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A COMPLEXIFICAÇÃO PESQUISA E A DESCOBERTA DA PESQUISADORA

Este estudo aborda, em sua parte inicial, a introdução e alguns esboços de trabalhos que trazem conceitos semelhantes com os que surgiram em nossa pesquisa. Apresentamos o conceito e as relações entre acontecimento e midiatização, o que nos possibilitou diferenciar acidente e tragédia em um subitem. Passamos, então, a apresentar o nosso objeto, incluindo o recorte do caso ao campo de observação e desenho da pesquisa. A partir do desenho, colocamos nosso problema de pesquisa para, em seguida, nos debruçarmos ao capítulo teórico para analisarmos os materiais. Por fim, trouxemos nossas observações sobre as narrativas, imagens e acontecimentos.

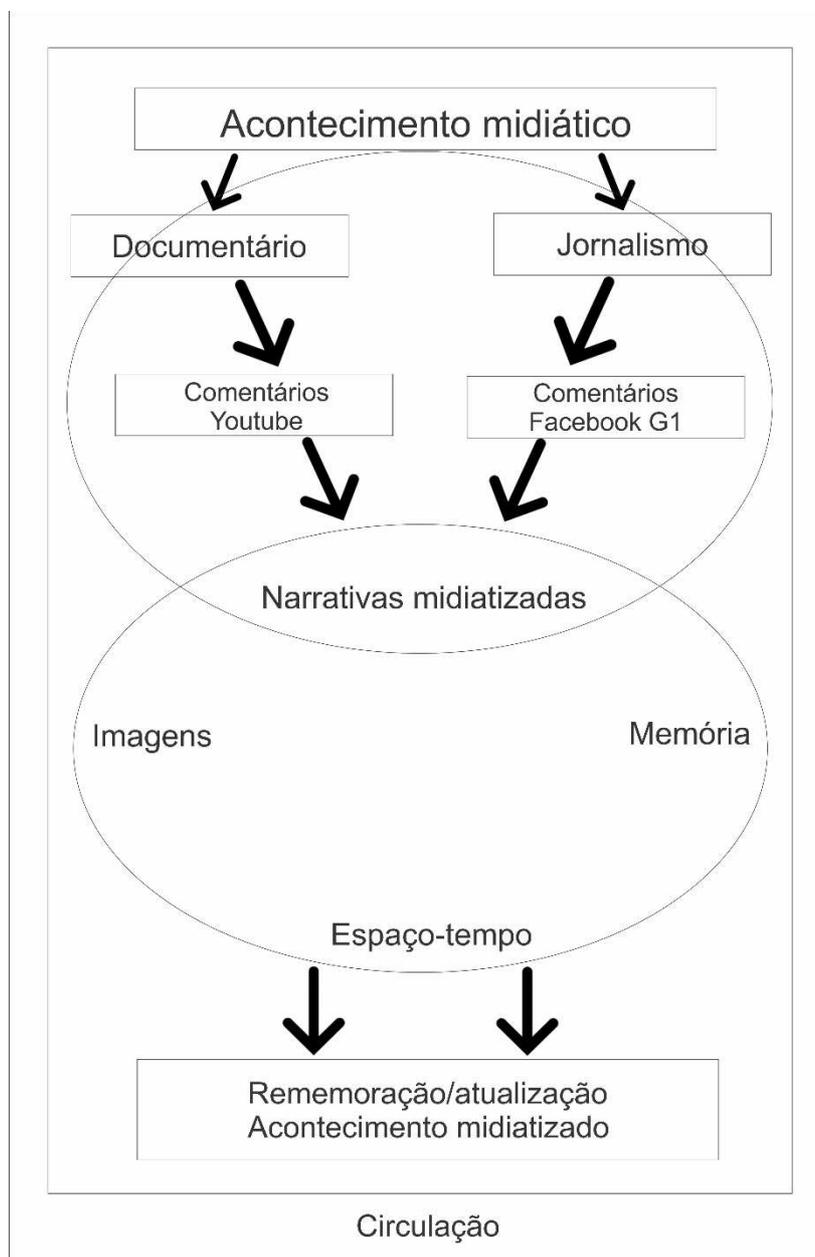
A partir das definições de circulação expostas neste trabalho, nos propusemos a identificar os circuitos de narrativas nos eixos da circulação, espaço-tempo e imagens. Neste sentido, nos debruçamos sobre a complexidade de fazeres muito distintos: o jornalismo, o documentário e os comentários. Apesar de termos ciência da dificuldade de lidar com modos de elaboração diferentes, optamos por arriscar neste trabalho, por considerarmos que a circulação midiática não está no jornalismo, mas nos circuitos que este integra. A partir da imersão na empiria, verificamos que há um modo de narrar acontecimentos trágicos. Este modo é marcado, de um lado, pela exploração das fontes e tentativa de comoção e contato com o público, e, de outro, por atores que se engajam, produzindo circuitos que mantêm o acontecimento em circulação, ou seja, imagens, fragmentos de falas e debates morais são valorizados nas interações.

Nossa questão de pesquisa buscava descobrir como a narrativa midiática dos acontecimentos trágicos se exaspera (se prolonga) em uma sociedade em midiatização, que operações são desenvolvidas pelos coletivos em jogo, e como as narrativas sobre tragédias ressignificam os acontecimentos para além do tempo. Verificamos que a narrativa se prolonga tanto em função da dimensão tecnológica, a facilidade de arquivos por exemplos, mas especialmente porque a circulação remodela a conjuntura espaço-temporal, que transcende o fato. Ele (o fato) não acaba junto com a perda do interesse jornalístico, por exemplo, visto que outras elaborações poderão surgir, como o documentário ou um novo episódio.

Assim, após a realização da análise, verificamos que o desenho desenvolvido nesta pesquisa, apresentado no Capítulo 4, mostrou-se insuficiente para dar conta de nossas descobertas; dessa forma, percebemos uma evolução na percepção dos processos em jogo. O desenho se transformou a partir de inferências e observações, surgidas no decorrer do

desenvolvimento do trabalho, o que nos permitiu responder às perguntas iniciais desta pesquisa e, certamente, fazer outras. A Figura 51, a seguir, representa algumas mudanças.

Figura 51 – Desenho de pesquisa atual



Fonte: Desenho desenvolvido pela autora.

Iniciamos essa observação a partir do acontecimento midiático com os jovens tailandeses, isto é, a natureza do acontecimento estava vinculada a um fazer midiático, centralizado no jornalismo, contudo, conforme fomos olhando para o ocorrido, percebemos que este objeto é muito mais complexo, posto que o acontecimento é tecido por diferentes agentes. Assim, olhamos para o ocorrido por meio de observáveis diferentes: o documentário, o jornalismo (reportagens), os comentários dos espectadores no documento no Youtube e os

comentários dos atores sociais nas reportagens postadas no Facebook do G1. A partir deste levantamento, nos debruçamos sobre a teoria, necessário para conseguirmos estabelecer as relações entre os materiais que separamos, buscando identificar especificidades e produzir inferências de conjunto em diálogo com os aportes e hipóteses teóricas desenvolvidas na perspectiva da mediação.

Neste sentido, destacamos que a circulação é parte central do processo de mediação da sociedade, e que os acontecimentos possuem características únicas também por estarem nesta ambiência. O que caracteriza este acontecimento mediado que se transformou durante todo o processo? Iniciamos explicando o desenho a partir do nosso acontecimento. Das setas, surgem os observáveis, onde analisamos as narrativas. O primeiro círculo mostra onde a primeira etapa da análise ocorreu. Dentro do segundo círculo, temos o nosso aporte teórico com as narrativas mediadas – as imagens, a memória e o espaço-tempo. O segundo círculo engloba todos esses eixos. O que interliga o primeiro e o segundo círculo são as narrativas mediadas, proposta na segunda etapa da nossa análise. Todo esse cenário ocorre dentro do processo de circulação, ou seja, a circulação é o *locus* onde todos estes tensionamentos e disputas de sentido se desenvolvem.

A partir destas articulações, chegamos à rememoração de acontecimentos anteriores que se assemelham com o nosso, e das atualizações que ocorreram em nosso acontecimento, analisado a partir dos processos da mediação. Como é possível observar, no primeiro desenho, não tínhamos a parte teórica nem os comentários dos atores sociais do Youtube, o que foi se modificando conforme a pesquisa foi sendo desenvolvida. Esse movimento de análise, tensionada pelas hipóteses teóricas, foi essencial para avançarmos em termos de achados de pesquisa. Assim, a partir do desenho de pesquisa transformado, podemos refletir sobre os acontecimentos mediados, como o caso dos jovens tailandeses, desenvolvido nesta dissertação.

O acontecimento, coproduzido em diferentes meios e por diferentes sujeitos, como no documentário, reportagens e comentários, apresenta também diferentes narrativas, mas que acabam por se interligar, compondo uma visão do acontecimento. Desde a ocorrência do fato – o desaparecimento das crianças –, o acontecimento foi sendo transformado pelas narrativas, ganhando contornos de uma história de superação. Ele passou pelos processos da produção jornalística, pela captura e edição de imagens do audiovisual até que se tornasse a narrativa do material final, documentário e reportagens. Além disso, também contemplamos os comentários dos atores sociais, que contribuíram para a sua transformação. Podemos observar, portanto, que o acontecimento já não é mais o mesmo, isto é, deixa de ser o

acontecimento “original e inicial” conformado pela mídia, e passa a ser o acontecimento produzido a partir de lógicas da midiatização, pela circulação; foi sendo transformado pelas narrativas e se complexificou, uma vez que é um acontecimento único, mas coelaborado por muitos braços e sujeitos.

Neste aspecto, a partir do desenho complexificado, podemos observar que o comentarista do G1 e o comentarista do Youtube não se contatam por meio de setas duplas, isto porque não são os mesmos, mas em algum momento falam sobre a mesma coisa e reforçam narrativas e sentidos. Desta forma, o estudo da circulação torna-se mais complexo. O jornalismo e o documentário também têm diversas idas e vindas. O próprio documentário, que é postado um ano depois, resgata o acontecimento e os atores sociais comentam de novo, ou surgem comentários novos de outras pessoas às postagens. Assim, não se pode falar apenas em produção ou reconhecimento, visto que temos uma articulação e o revezamento destas instâncias. O acontecimento não parou; ele está sempre em processo, e nosso estudo encontra-se nesse meio. A partir destas observações, é preciso destacar a exasperação ou o prolongamento deste para além do tempo, pois podemos antever que se ocorrer algo parecido com os jovens tailandeses, envolvendo crianças e um lugar afastado como uma caverna, o nosso acontecimento voltará à tona e continuará se transformando, pois está vivo também no imaginário social. Este processo de contínua inscrição é um dos “modos de ser” da midiatização. É importante destacar que os acontecimentos são diferentes nesta ambiência, em especial no âmbito da internet.

Para encerrar esta dissertação, assumo a voz em primeira pessoa, a fim de evidenciar as transformações da pesquisadora, pois, assim como o desenho se adensou ao longo da elaboração do trabalho, eu também me vi transformada. Quando iniciei o Mestrado, a ideia de midiatização era “apenas aquilo que passa ou ganha destaque na mídia”. Hoje, após inúmeras disciplinas, atividades de grupo de pesquisa, eventos e interações com professores e colegas, consegui entender que a midiatização é bem mais complexa, e que os processos que ocorrem, como a circulação e os sentidos produzidos, são os que tornam tão significativa essa abordagem para as pesquisas em comunicação.

No período em que desenvolvi a pesquisa, adquiri novos conhecimentos, o que me permitiu evoluir como pesquisadora e como sujeito. Quando escrevi meu projeto para o processo de seleção e ingressei no Programa de Pós-Graduação, pesquisava a midiatização reduzindo sua amplitude a um operador semântico, mas esta percepção foi se modificando, e hoje, o meu entendimento acerca deste conceito é totalmente diferente. Não se trata de enfatizar o jornalismo ou o fazer da mídia, mas de observar o adensamento das interações

sociais. Além disso, a narrativa e a imagem passaram a ganhar novos contornos em minha investigação. Antes desta dissertação, tais objetos não eram o foco, mas hoje compreendo que a circulação de sentidos passa pela dimensão imagética e simbólica, em especial porque o acontecimento é uma teia, tecida por diferentes agentes e temporalidades, nunca somente um fato.

Enquanto pesquisadora tenho a pretensão de dar continuidade ao estudo desenvolvido nesta pesquisa, aprimorando-o em trabalhos futuros, aprofundando as discussões no que concerne ao conceito de circulação. Compreendo que esta dissertação também finaliza num fluxo adiante, isto é, tanto um ir adiante em minha formação continuada, como no debate dos acontecimentos midiáticos. A partir do seu desenvolvimento busco, também, pensar em um pré-projeto para o Doutorado, além de debater os resultados e descobertas em eventos de comunicação.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz; ASCENCIO, Carlos Lozano. Palavras que dão a volta ao mundo: a personalização das catástrofes na mídia. *In: Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicación*, n. 130, p. 243-258, dez. 2015-2016.

BBC. **Resgate na Tailândia:** “Nenhuma criança jamais mergulhou dessa maneira”, diz instrutor que participou de operações na caverna. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44781808#:~:text=V%C3%ADdeos-,Resgate%20na%20Tail%C3%A2ndia%3A%20'Nenhuma%20crian%C3%A7a%20jamais%20mergulhou%20dessa%20maneira',participou%20de%20opera%C3%A7%C3%B5es%20na%20caverna&text=Autoridades%20e%20equipes%20de%20mergulho,caverna%20no%20Norte%20da%20Tail%C3%A2ndia>. Acesso em: maio 2020.

BBC. **A história completa do extraordinário resgate dos meninos da caverna na Tailândia.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44827229>. Acesso em: maio 2021.

BBC. **Mineiros do Chile: a incrível e dramática saga acompanhada pelo mundo ao vivo na TV.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55926799>. Acesso em: maio 2020.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. *In: BARTHES, Roland et al. Análise estrutural da narrativa*. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BECKER, Howards S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. *In: JUNIOR, Jader Janotti; MATTOS, Maria Ângela; JACKS, Nilda (org.). Mediação & Mdiatização*. Salvador: Edufba, 2012.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Revista Matrizes**, n. 2, abr. 2008.

BRAGA, José Luiz. Lógicas da mídia, lógicas da midiatização? *In: FAUSTO NETO, Antonio; ALSELMINO, Natalia Raimondo; GINDIN, Irene Lis (org.). Relatos de Investigaciones sobre Mdiatizaciones*. Rosário, Argentina: UNR Editora, 2014.

BONIN, Jiani Adriana. Delineamentos para pensar a metodologia como práxis na pesquisa em comunicação. **Rastros** (Joinville), v. 11, p. 9-21, 2010. Disponível em: <http://www.processocom.org/bonin-rastros-2010/>

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 2005.

CARLÓN, Mario. La cultura mediática contemporánea: otro motor, otra combustión (segunda apropiación de la Teoría de la Comunicación de Eliseo Verón: la dimensión espacial). *In: CASTRO, Paulo César (org.). A circulação discursiva: entre produção e reconhecimento*. Maceió: Edufal, 2017. p. 25-48.

CARLÓN, Mario. Individuos, colectivos y polarización en la inestable situación generada por la mediatización y circulación contemporánea del sentido. *In: FERREIRA, Jairo et al. (org.)*.

Midiatização, polarização e intolerância (entre ambientes, meios e circulações) [recurso eletrônico]. Santa Maria: Facos; UFSM, 2020.

CHANTHAPAN, Worapron W. *et al.* Inside the Cave: A Framing Analysis of the Tham Luang Cave Disaster Media Coverage. **Western University Research Journal of Humanities and Social Science**, v. 4, n. 3, sep./dec. 2018. ISSN 2465-3578.

CHARAUDEAU, Patrick. A construção da notícia: um mundo filtrado. *In:* CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

EL PAÍS. **As imagens do resgate na Tailândia**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/08/album/1531067392_421782.html#foto_gal_27. Acesso em maio, 2021.

FACEBOOK G1. Disponível em: <https://www.facebook.com/g1>. Acesso em: mar. 2020.

FACEBOOK G1. **Mergulhador morre sem oxigênio em caverna na Tailândia onde meninos estão presos**. 2018a. Disponível em: <https://www.facebook.com/g1/posts/2242257155826357>. Acesso em: mar. 2020.

FACEBOOK G1. **Tempo real: resgate de meninos e treinador presos em caverna na Tailândia**. 2018b. Disponível em: https://www.facebook.com/g1/posts/2246206195431453?__tn__=-R_. Acesso em: mar. 2020.

FACEBOOK G1. **Resgate na Tailândia: o mergulhador médico australiano que ficou com meninos na caverna até o final**. 2018c. Disponível em: https://www.facebook.com/g1/posts/2252322924819780?__tn__=-R_. Acesso em: mar. 2020.

FAUSTO NETO, Antônio. A circulação além das bordas. *In:* FAUSTO NETO, Antônio; VALDETTARO, Sandra (org.). **Mediatización, sociedad y sentido: diálogos entre Brasil y Argentina**. Rosário, Argentina: MINCYT-CAPEs, 2010.

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 8, dez. 2018.

FAUSTO NETO, Antônio. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação. *In:* BRAGA, José Luiz *et al.* (org.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2013.

FERREIRA, Jairo. A construção de casos sobre a mediatização e a circulação como objetos de pesquisa: das lógicas às analogias para investigar a explosão das defasagens. **Galáxia**, São Paulo, *on-line*, n. 33, p. 199-213, set./dez. 2016. ISSN 1982-2553.

FERREIRA, Jairo. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? *In:* BRAGA, José Luiz *et al.* (org.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2013.

FERREIRA, Jairo; ROSA, Ana Paula da. Mediatização e poder: a construção de imagens na circulação intermediária. *In:* TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa (org.). **Mídia, cidadania e poder**. Goiânia: Facomb; Funape, 2011.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. *In*: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana (org.). **Acontecimento**: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 39-44.

GARCIA, Maria. Se todos os homens do mundo... e o art. 3º da Constituição. *In*: **Revista Argumentum – RA**, Marília, SP, v. 19, n. 3, p. 631-642, set./dez. 2018. eISSN 2359-6889.

GOMES, Gilberto Pedro. O objeto e o método. *In*: FAXINA, Elson; GOMES, Pedro Gilberto. **Midiatização**: um novo modo de ser e viver em sociedade. São Paulo: Paulinas, 2016. (Coleção: comunicação & cultura).

GOMES, Mayra Rodrigues. *In*: **Repetição e diferença nas reflexões sobre comunicação**. São Paulo: Annablume, 2001. p. 208.

GONÇALVES, Jurandira Fonseca. Quem fala no jornalismo? *In*: LEAL, Bruno Souza, ANTUNES Elton, VAZ Paulo Bernardo (Org.). **Para entender o jornalismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 89-101.

G1. **Portal de notícias**. Disponível em: <http://g1.globo.com/>. Acesso em: mar. 2020.

G1. **Resgate na Tailândia: “Achamos meninos pelo cheiro”**, afirma mergulhador britânico. 2018a. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/resgate-na-tailandia-achamos-meninos-pelo-cheiro-afirma-mergulhador-britanico.ghtml>. Acesso em: mar. 2020.

G1. **Mineiro chileno envia mensagem de esperança para meninos presos em caverna na Tailândia**. 2018b. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/mineiro-chileno-envia-mensagem-de-esperanca-para-meninos-presos-em-caverna-na-tailandia.ghtml>. Acesso em: mar. 2020.

G1. **Jogadores de seleções da Copa enviam mensagens para meninos em caverna na Tailândia**. 2018c. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/jogadores-de-selecoes-da-copa-enviam-mensagens-para-meninos-em-caverna-na-tailandia.ghtml>. Acesso em: mar. 2020.

G1. **Foto chocante de menino morto revela crueldade de crise migratória**. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/foto-chocante-de-menino-morto-vira-simbolo-da-crise-migratoria-europeia.html>. Acesso em: mar. 2020.

G1. **A funcionária da Vale que alertou sobre o desastre e fugiu de ré em caminhão com 90 toneladas**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/02/06/a-funcionaria-da-vale-que-alertou-sobre-o-desastre-e-fugiu-de-re-em-caminhao-com-90-toneladas.ghtml>. Acesso em: mar. 2020.

G1. **Sobrevivente conta o horror do acidente aéreo no Paquistão**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/23/sobrevivente-counta-o-horror-do-acidente-aereo-no-paquistao.ghtml>. Acesso em: mar. 2020.

G1. **Avião com equipe da Chapecoense cai na Colômbia e deixa mortos**. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/11/aviao-com-equipe-da-chapecoense-sofre-acidente-na-colombia.html>. Acesso em: mar. 2020.

G1. **Jovens presos em caverna na Tailândia**; fotos. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/jovens-presos-em-caverna-na-tailandia-fotos.ghtml>. Acesso em: mar. 2020.

G1. **Buscas por 12 crianças que sumiram em caverna da Tailândia entram no 7º dia**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/buscas-por-12-criancas-que-sumiram-em-caverna-da-tailandia-entram-no-7o-dia.ghtml>. Acesso em: maio. 2021.

G1. **Jovens e treinador perdidos em caverna na Tailândia são encontrados com vida**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/jovens-e-treinador-presos-em-caverna-na-tailandia-sao-encontrados-com-sinais-de-vida-diz-governo-local.ghtml>. Acesso em: maio. 2021.

G1. **Mergulhador morre sem oxigênio em caverna na Tailândia onde meninos estão presos**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/socorrista-morre-sem-oxigenio-em-caverna-na-tailandia-onde-estao-presos-meninos.ghtml>. Acesso em maio. 2021.

G1. **Doze meninos e técnico de futebol são retirados de caverna na Tailândia após três dias de resgate**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/meninos-deixam-caverna-na-tailandia-no-terceiro-dia-de-resgate.ghtml>. Acesso em: maio. 2021.

G1. **Saiba como foi feito o resgate dos meninos presos em caverna na Tailândia**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/saiba-como-e-feito-o-resgate-dos-meninos-presos-em-caverna-na-tailandia.ghtml>. Acesso em: maio. 2021.

G1. **Os 'meninos da caverna' recordam um ano de sua aventura na Tailândia**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/06/23/os-meninos-da-caverna-recordam-um-ano-de-sua-aventura-na-tailandia.ghtml>. Acesso em: maio. 2021.

G1. **Caverna em que meninos tailandeses ficaram presos é reaberta**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/11/02/caverna-em-que-meninos-tailandeses-ficaram-presos-e-reaberta.ghtml>. Acesso em: maio. 2021.

G1. **Morre militar que participou de resgate de meninos em caverna da Tailândia**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/12/27/morre-militar-que-participou-de-resgate-de-meninos-em-caverna-da-tailandia.ghtml>. Acesso em: maio. 2021.

HARRY, Pross. **La violència de los símbolos sociales**. Barcelona: Anthropos, 1989.

HENN, Ronaldo. Direito à memória na semiosfera midiaticizada. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, v. VIII, n. 3, set./dez. 2006.

HEPP, Andreas. As configurações comunicativas de mundos midiaticizados: pesquisa da mediação na era da “mediação de tudo”. *In: Matrizes*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 45-64, jan./jun. 2014.

KAMPER, Dietmar. **Mudança de horizonte**: o sol novo a cada dia, mas... Tradução de Danielle Naves de Oliveira. São Paulo: Paulus, 2018. [livro eletrônico].

LEAL, Souza Bruno; CARVALHO, Alberto Carlos. De fontes a agentes jornalísticos: a crítica de uma metáfora morta. *In: Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 606-622. 2015.

LONDERO, Vitória Faturi. **A tragédia da boate Kiss: os enquadramentos jornalísticos em Zero Hora, Folha de S. Paulo, La Nación e The New York Times.** 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/16827>.

MARQUES, Silene Torres. Memória e criação em Bergson: sobre o fenômeno da atenção e os planos de consciência. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 40, n. 2, abr./jun. 2017.

MENDES, Moreira Conrado; OLIVEIRA, Veiga de Vanessa. **Rompimento das barragens em Mariana (2015) e Brumadinho (2019): regimes de interação no contexto das organizações.** ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., 2019. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2019.

NETFLIX. 2019. Disponível em: https://www.netflix.com/browse_ Acesso em: fev. 2020.

NOVA. **Pertence à rede PBS** (Public Broadcasting Service – <https://www.pbs.org/>). Disponível em: <https://www.pbs.org/show/nova/>. Acesso em: fev. 2020.

O GLOBO. **Um ano após resgate, meninos da caverna na Tailândia vivem a fama sem abandonar origens.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/um-ano-apos-resgate-meninos-da-caverna-na-tailandia-vivem-fama-sem-abandonar-origens-23786332>. Acesso em: jun. 2020.

PBS. Public Broadcasting Service – <https://www.pbs.org/>. Disponível em: <https://www.pbs.org/wgbh/nova/video/thai-cave-rescue/>. Acesso em: fev. 2020.

PIMENTA, Thales Henrique Nunes. **Memórias midiáticas da tragédia escolar em Realengo e as suas marcas nas recordações individuais de moradores do bairro carioca.** São Leopoldo, 2014. Disponível em: http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/1637_ Acesso em: jun. 2020.

PUNNAHITANOND, Ratanasuda. Portrayal of Thailand by International News Media and Its Impact on International Audiences' Travel Intention through Perceived Country Image: A Case Study of the Thai Cave Rescue. *In: Article History*, v. 17, n. 2, July/Dec., 2018. Acesso em: jun. 2020.

QUERÉ, Louis. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, n. 6, 2005.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro. O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 31-43, dez. 2009.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** (tomo 1). Tradução Constança Marcondes Cesar. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução Alain François *et al.* Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

ROSA, Ana Paula da. Circulação: das múltiplas perspectivas de valor à valorização do visível. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 21-33, maio/ago. 2019.

ROSA, Ana Paula da. **Imagens que pairam**: a fantasmagoria das imagens em circulação. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 26., 2017, São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 6 a 9 jun. 2017.

ROSA, Ana Paula da. **Imagens-totens**: a fixação de símbolos nos processos de mediação. São Leopoldo, RS, Brasil, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3429>. Acesso em: jun. 2020.

ROSA, Ana Paula da. **Circulação de rostos**: da fórmula mágica às faces esquecidas. Conferência. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM MEDIATIZAÇÃO. São Leopoldo: Unisinos, 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=a2vu6TIIZus>

ROSA, Ana Paula da. Visibilidade em fluxo: os níveis de circulação e apropriação midiática das imagens. **Interin**, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, v. 21, n. 2, p. 60-81, julho-diciembre, 2016a.

ROSA Ana Paula. De reflexos a fagias: os níveis de circulação e apropriação midiática das imagens. In: CINGOLANI, G.; SZNAIDER, B. **Nuevas mediatizaciones, nuevos publicos**. Argentina, Rosario: UNR Editora. Editorial de la Universidad Nacional de Rosario, 2016b.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e histórias. 1. ed. Lisboa: Veja, 1993.

ROCHA, Marla Marques da Alexandra. Afinal, o que é tragédia? **To Ελληνικό Βλέμμα - Revista de Estudos Helênicos da UERJ**, n. 3, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/ellinikovlemma/article/view/33683/23847>.

R7. **Caverna onde meninos tailandeses ficaram presos vira atração turística**. Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/caverna-onde-meninos-tailandeses-ficaram-presos-vira-atracao-turistica-01112019>. Acesso em: maio 2021.

R7. **Agonia e emoção: 12 fotos lembram resgate de 12 meninos em caverna**. Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/fotos/agonia-e-emocao-12-fotos-lembram-resgate-de-12-meninos-em-caverna-28122018#/foto/1>. Acesso em: maio 2021.

SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 425-438, 2002.

SODRÉ, Muniz. Jornalismo como campo de pesquisa. **Brazilian Journalism Research**, v. 11, n. 2, 2014.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. A mediação das narrativas de bicicleta. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana Quatrin (org.). **Narrativas midiáticas contemporâneas**: perspectivas epistemológicas. Santa Cruz do Sul: Editora Catarse, 2017. p. 289-307.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. A reconfiguração das vozes narrativas no jornalismo midiático. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 1, p. 23, jul. 2015.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **O jornalismo em novos territórios conceituais: internet, midiática e a reconfiguração dos sentidos midiáticos**. São Leopoldo, 2009. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/1634>. Acesso em: jun. 2020.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. A literatura, o sistema midiático e a emergência do quarto narrador. *In: Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 41, n. esp, p. 154-161, jan./jun. 2016.

SQUIRE, Corinne. O que é narrativa? **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 272-284, maio/ago. 2014.

TRAVERSA Oscar. **Ficción narrativa y mediaticización: acerca de sus relaciones**. *In: Ferreira Jairo, et al. (org.). Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a midiática?*. Santa Maria: FACOS – UFSM, 2018.

UAI. **Repórter lança livro sobre resgate dos garotos na caverna da Tailândia**. 2018. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/artes-e-livros/2018/12/11/noticias-artes-e-livros,238605/reporter-lanca-livro-sobre-resgate-dos-garotos-na-caverna-da-tailandia.shtml>. Acesso em: jun. 2020.

UOL. **Pais e mães escrevem aos filhos presos em caverna na Tailândia e pedem a treinador "Não se culpe"**. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/07/07/pais-e-maes-escrevem-aos-filhos-presos-em-caverna-na-tailandia-e-pedem-a-treinador-nao-se-culpe.htm>. Acesso em: jun. 2020.

VEJA. **Tailandeses fazem ritual aos espíritos da caverna pelo resgate dos garotos**. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/tailandeses-fazem-ritual-aos-espiritos-da-caverna-pelo-resgate-dos-garotos/>. Acesso em: jun. 2020.

VEJA São Paulo. **Em vídeo, mãe do goleiro Danilo consola repórter da SporTV após pergunta sobre tragédia da Chapecoense**. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/blog/pop/em-video-mae-do-goleiro-danilo-consola-reporter-da-sportv-apos-pergunta-sobre-tragedia-da-chapecoense/>. Acesso em: jun. 2020.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiática: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. *In: Matrizes*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 13-19, jan./jun. 2014.

VERÓN, Eliseo. Dicionário das ideias não-feitas. *In: VERÓN, Eliseo. Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

WESCHENFELDER, Aline. **Manifestações da midiática – transformação dos atores sociais em produção e recepção: o caso Camila Coelho**. São Leopoldo, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7970>. Acesso em: jun. 2020.

WIKIPÉDIA. **A enciclopédia livre**. 2019.

YOUTUBE. **Thai Cave Rescue - Full Documentary HD**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a4GqD0B-KjI>. Acesso em: maio. 2021.